

# Depois do Deserto: A vida dos brasileiros indocumentados que se arriscam para trabalhar nos Estados Unidos <sup>1</sup>

# After the Desert: The life of undocumented brazilian migrants who risk their lives to work in the United States

Laura Scofield <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 17º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, realizado entre os dias 3 e 7 de agosto de 2022.

<sup>2</sup> Jornalista graduada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Contato: [laura.scofield.jor@gmail.com](mailto:laura.scofield.jor@gmail.com). Twitter: @lauradscofield.

**Resumo:** Em seu primeiro ano como presidente, Joe Biden, eleito defendendo uma política migratória mais branda e humanizada que a de Donald Trump, seu antecessor, [suspendeu a deportação de imigrantes por 100 dias](#). Porém, passado o tempo delimitado, as deportações voltaram e o governo pediu que a imigração ilegal parasse. Este livro-reportagem, por meio das histórias dos migrantes, abordará as questões migratórias, desde o início do processo, com a decisão de migrar, até a chegada ao destino, prisão ou deportação. As histórias serão contadas com o plano de fundo dos governos mais recentes dos Estados Unidos, mostrando como é lida a política migratória estadunidense em cidades brasileiras em que migrar é parte da cultura. Para tal, serão utilizadas matérias jornalísticas, referenciais teóricos sobre a imigração indocumentada, documentos exclusivos obtidos via Lei de Acesso à Informação, e entrevistas com migrantes que partem da região do Norte e Nordeste de Minas, mais conhecida pela cidade de Governador Valadares, a cidade “exportadora de migrantes”.

**Palavras-Chave:** imigração indocumentada, imigração ilegal, Governador Valadares.

**Abstract:** In his first year as president, Joe Biden, elected defending a more lenient and humane immigration policy than that of Donald Trump, his predecessor, suspended the deportation of immigrants for 100 days. However, after the allotted time, the deportations returned and the government pledged for illegal immigration to stop. This book-report, through stories of migrants, will address migratory issues, from the beginning of the process, with the decision to migrate, until arrival at the destination, arrest or deportation. The stories will be told by the background of the most recent governments of The United States, seeking to show how US immigration policy is read in Brazilian cities where migrating is part of the culture. To this end, the author uses journalistic materials, theoretical references on undocumented immigration, exclusive information obtained from public entities, and interviews with immigrants departing from the North and Northeast region of Minas Gerais, better known for the city of Governador Valadares.

**Keywords:** undocumented immigration, illegal immigration, Governador Valadares.

## Índice

1. Prefácio;
2. Alienígenas, legalidades e ilegalidades;
3. De onde e do que fogem;
4. De geração em geração;
5. No meio do caminho tinha o México;
6. Procura-se, vivo ou morto;
7. Burritos na cadeia;
8. Depois do deserto;
9. Aqui é pra trabalhar.
10. Epílogo: Nem depois da morte

Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Orientado por Prof. Dr. Dennis de Oliveira e apresentado em 15 de dezembro de 2021 para banca examinadora composta por Dra. Ana Luisa Zaniboni Gomes e Profa. Dra. Sueli Siqueira.

As notas e referências estão separadas por capítulo ao final da obra.

## 1) Prefácio

Onde a migração é cultural, como nos vales de Minas Gerais, todo mundo<sup>1</sup> conhece alguém que migrou. Ou que quer. Ou que é primo de alguém que foi. Ou que é primo de alguém que quer. Solteiros – como são chamados aqueles que atravessam sozinhos a fronteira – e famílias migram; e ter tios, tias, primos, irmãos, pais ou amigas no exterior é comum. Nesses locais, a possibilidade de morar em outro país paira sob a cidade, sempre à espreita, sempre à espera.

“Se nada der certo, eu vou pros Estados Unidos”, já ouvi diversas vezes, de diversas bocas. Às vezes atravessar a fronteira e deixar as terras nacionais sem documentos, guiado por um mexicano que explica o caminho em espanhol, parece mais possível e produtivo do que mover-se dentro do próprio estado. Não são incomuns as histórias de emigrantes que se aventuram para o exterior sem nunca nem ter morado em outro município para além daquele cujo nome levam na certidão de nascimento.

O conjunto de presenças e ausências, a presença de outro país como possibilidade concreta de vida a ser acionada a qualquer momento (em especial nos de crise), e a ausência de quem foi e não voltou, marca essas cidades. Algumas marcas são simbólicas, outras materiais, nas fachadas das lojas de importados, nas bandeiras estadunidenses penduradas em casas, ou nos monumentos espalhados pelas praças. Podem ser mais sérias ou mais simples. Barulhentas ou silenciosas. Óbvias ou invisíveis.

A que eu carrego dos meus tempos como mineira residente é das mais simples e infantis, até boba. Quando mais nova, eu ficava morrendo de vontade de receber uma caixa lacrada lotada de brinquedos direto dos Estados Unidos, como minhas duas melhores amigas recebiam em datas comemorativas. Elas eram irmãs e moravam com a mãe, porque o pai, um amigo de infância do meu pai, foi para os Estados Unidos em 2004 para trabalhar, sustentar a família no Brasil, juntar dinheiro e voltar logo. Quando da partida para a travessia irregular pela perigosa fronteira do México, sua filha mais nova tinha cinco anos e a mais velha, sete. Eu estava entre as duas, com seis, como em uma escadinha.

Elas recebiam os melhores brinquedos da Barbie, e eu ficava ainda mais atônita quando me falavam que alguns deles nem foram comprados. “É só pegar na rua”, contavam. “Lá eles jogam muita coisa boa fora”. E eu enquanto criança ia construindo uma imagem dos EUA como um país rico, cheio de brinquedos rosas e lindos, e de gente meio burra, porque não fazia sentido jogar aquilo tudo no lixo. Hoje meus comentários sobre o país seriam (e serão) um pouco mais elaborados.

Tanto para quem fica, mas especialmente para quem vai, sobra saudade. A saudade da família, das festas, dos bares, do dia a dia no Brasil e de ouvir a língua nativa pelas ruas são pontos comuns entre os entrevistados para este livro. Para lidar com as faltas, o imigrante encara o tempo de migração como “um tempo em que a vida para”, como explica a antropóloga e pesquisadora Sueli Siqueira, autora de “Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno”, da editora Arrgumentum.

A migração internacional é um momento “em que a linha da vida [do migrante] estará em suspense”, “passado esse tempo, [ele] voltará ao contexto natural de sua vida”, narra ela<sup>2</sup>. No cálculo feito, trocar alguns anos de trabalho intenso para se estabilizar financeiramente e criar o próprio negócio – o que nem sempre se concretiza – faz sentido quando a perspectiva na terra natal é viver o resto da vida trabalhando muito e nunca alcançando o que deseja e acredita que merece.

“Fazer a América”<sup>3</sup>, expressão que resume o projeto de ir, ganhar dinheiro, investir no Brasil e voltar, só é possível porque, nos Estados Unidos, a vida do imigrante é monetizada. Horas de lazer são horas sem ganhar dinheiro<sup>4</sup>. “A gente só fala de trabalho e dinheiro, né?”, brincou Marina\*<sup>5</sup>, uma das entrevistadas. Vive nos EUA desde abril de 2016 com seu marido e seus dois filhos, de 9 e 11 anos de idade.

Marina\* já chegou a faxinar cinco casas por dia, trabalhava das seis da manhã às seis da noite sem hora de almoço no país que descreveu como onde “você pode trabalhar de tarde, de

noite, de madrugada, porque é um lugar que não dorme, você trabalha full time, o tempo inteiro”. No caso dela, entretanto, a vida se impôs: “Hoje eu trabalho menos, por causa dos meus filhos. Eu preciso estar com eles, que minha filha esteve doente, mas eu trabalho, hoje em dia, por volta de umas cinco horas por dia”.

O motivo da diminuição do ritmo é a saúde mental da filha, que enfrenta problemas de adaptação na escola, “provavelmente porque houve um bloqueio devido a essa mudança, entendeu? Isso pode ter afetado ela de alguma forma”, pressupõe a mãe. “Muitas das vezes a gente deixa de ganhar o dinheiro sonhado para fazer o sonhado império, porque também precisa de ter filhos saudáveis”, conclui.

Dezessete anos depois, o pai das minhas amigas ainda não voltou, mas pagou as faculdades das duas como carpinteiro indocumentado em terras estadunidenses (constrói casas, que lá são de madeira). A promessa de retorno nunca deixou de valer, mas é dolorosamente adiada, mesmo para quem afirma que “o Brasil é onde a gente deixa tudo que a gente ama”, como me disse ele em entrevista<sup>6</sup>.

O medo de não conseguir ganhar a vida no Brasil e as dificuldades para retornar vão postergando o voo de volta. A cada ano que o migrante passa sem documentos, é necessário esperar 10 anos fora do país para pedir um visto para entrada regular. Dessa forma, a decisão deve ser definitiva.

Os imigrantes enfrentam também o medo de não se readaptar, de encontrar um país diferente do guardado na memória e pessoas diferentes das deixadas. “Quanto mais tempo fora de seu lugar de origem, maior é a dificuldade de readaptação, a perda de referências e a idealização do lugar”, escreve a pesquisadora.<sup>7</sup> É comum que o provisório se perpetue.

Cerca de 60% dos brasileiros que se aventuram na jornada e acabam detidos são mineiros. Destes, metade é do Leste de Minas<sup>8</sup>. “É um fenômeno, realmente”, avalia Daniel Vianna

Otoni de Siqueira, delegado da Polícia Federal em Governador Valadares e chefe da equipe que trabalha com as temáticas relativas à migração.

“O Leste Mineiro é um local de 4 milhões de pessoas num país de 200 [milhões], ou seja, nós somos 2% da população, mas respondemos por 30% dos imigrantes ilegais”, acrescenta ele.

Natural dessa região, esta autora tem motivo para, enquanto jornalista, escrever em primeira pessoa.

Nasci em Itambacuri, cidade de cerca de 23 mil habitantes localizada no Vale do Mucuri, o segundo mais pobre de Minas Gerais – o primeiro é o Vale do Jequitinhonha, um pouco mais ao norte. Itambacuri é uma cidade pequena, onde as pessoas andam muito de bicicleta e se encontram na praça para tomar sorvete; ou na casa de alguém, se a intenção é ter algo um pouco mais reservado. Cidades pequenas levam a fama (eu diria, com razão) de serem fofoqueiras. Todo mundo se conhece e todo mundo se importa. Também por isso, todo mundo sabe quem emigrou para os Estados Unidos, o que facilitou o meu trabalho.

Meu pai sempre brincou que Itambacuri existe para abastecer o mundo de gente, e é normal ouvir e falar que em qualquer lugar do mundo é só gritar o nome da cidade que aparece alguém que a conhece. Os itambacurienses continuam nascendo, mas migram Brasil ou mundo afora. Brincadeiras à parte, os dados confirmam a percepção popular: O município já tem quase 150 anos e se mantém com seus 23 mil habitantes desde 1980.

Nos anos 1970 tinha quase 30 mil, mas ao longo da década perdeu 6.461 residentes<sup>9</sup> e desde então se mantém na mesma – curiosamente, é em 1980 que a primeira onda migratória da região se intensificou, e Governador Valadares, a maior e mais conhecida das cidades vizinhas, se tornou "polo exportador de imigrantes"<sup>10</sup>. Próxima de Itambacuri, toda a Região do Rio Doce<sup>11</sup>, passa por um esvaziamento populacional desde a década de 60, quando o fluxo começou. Do censo de 60 ao de 90, registou-se uma redução de 9% no número de

habitantes. É tamanho o número de valadarenses nos Estados Unidos que “quanto maior o valor do dólar, maior a felicidade dos moradores” em Valadólare<sup>12</sup>.

Mas por que ali? Por que na microrregião<sup>13</sup> de Governador Valadares a migração é tão forte? Basta alguém ir e levar alguém, que leva alguém e outro alguém. Se todo mundo consegue trabalho e enriquece, a palavra corre às ruas pavimentadas, de terra ou de pedras das cidades. Do centros às zonas rurais, de bicicleta, de carro ou de cavalo. Gerações depois, o resultado eu já adiantei, e desenvolverei logo mais.

No caso do fluxo específico que parte da microrregião mineira de GV – abreviada para os próximos – a conexão internacional começou na década de 40 quando os norte-americanos fizeram parte do ciclo econômico de extração da mica, atividade que gerou empregos e dinheiro, promovendo dinamismo na região. Na mesma época, os estadunidenses também tiveram papel no tratamento da malária, doença comum que atormentava os valadarenses – o financiamento do governo dos EUA bancou um centro de saúde pública. “Esse período de desenvolvimento foi associado à presença dos americanos”, que seriam habitantes de uma terra de fartura<sup>14</sup>.

Desse passado da mica, ficou um engenheiro e sua esposa<sup>15</sup>, que decidiram montar uma escola de inglês na cidade. Lá estudaram jovens ricos, que ouviram histórias sobre a dita terra farta em empregos, cultura e novas experiências de vida. A primeira leva de migrantes foi composta de 17 jovens, que foram com vistos, como intercambistas. Eles emigraram não em busca de dinheiro, mas de se aventurar pelo hemisfério Norte. Chegaram em Nova York e propagandearam maravilhas nas notícias enviadas aos que ficaram. Conversa vai, conversa vem, as pessoas começaram a ir para ver com os próprios olhos. Estabelecida uma rede de apoio, outros se sentiram incentivados.

Nesses locais, a ligação com o exterior se vê, além das conversas nas ruas, na materialidade da cidade. Um exemplo claro: durante as campanhas presidenciais norte-americanas, quando estavam concorrendo o republicano Donald Trump, em tentativa de reeleição; e o democrata

Joe Biden, eram comuns manifestações em apoio ou rechaço aos candidatos na cidade de Governador Valadares.<sup>16</sup>

Com todo o histórico de conexões, decidir migrar nestes locais é um pouco mais fácil do que em outros, já que existem redes criadas e mantidas, legal ou ilegalmente, para facilitar o processo, seja por meio do visto de turista, cujo tempo limite é descumprido; ou pela perigosa travessia entre fronteiras. “Ao migrarem, as pessoas não vão para qualquer lugar, mas sim para lugares definidos pelas redes sociais”, explica Sueli.<sup>17</sup>

Hoje, as estimativas do Ministério das Relações Exteriores referentes ao ano de 2020<sup>18</sup> indicam que é nos Estados Unidos que se encontra a maior parcela da comunidade brasileira no exterior. Cerca de 42% brasileiros ao redor do mundo estão nos Estados Unidos, 1.775.000 dos 4.215.800 que deixaram o Brasil. Seja sob os republicanos, tradicionalmente anti-imigração, ou democratas, de discurso mais brando, a emigração para a terra do Tio Sam se mantém, intercalada por momentos de recordes e estabilização.

O ano de 2021 é definitivamente um recorde. Sem contestações. Na crise migratória de 2019, quando o presidente era o republicano Donald Trump, pode-se dizer que os brasileiros nem fizeram cócegas no grandioso, rico e promissor sistema de controle da migração nos Estados Unidos – composto desde os vigilantes da fronteira até os administradores dos asilos e detenções, com lugar reservado para os pilotos dos aviões de deportação, além de diversos empresários. Todo mundo ganha bastante dinheiro.

Durante aquele ano, até então o auge da crise da fronteira, 18 mil brasileiros foram detidos por tentar adentrar as terras alheias sem os documentos necessários, número que já representava aumento se comparado com o ano anterior, no qual 1.600 brasileiros encararam as detenções.<sup>19</sup> Em 2021<sup>20</sup>, o número triplicou em relação ao auge: 57 mil migrantes tiveram seus destinos pausados e processados pelas polícias norte-americanas. Para comparar com o total, que inclui as diversas nacionalidades, em 2019 houve 851.508 mil detenções na fronteira sul (115% acréscimo em relação à 2018)<sup>21</sup>; já em 2021, um milhão e 700 mil<sup>22</sup>

Tamanho foi o fluxo que, em agosto, o democrata Joe Biden pediu para triplicar o número de deportações semanais<sup>23</sup>. O Itamaraty aceitou a duplicação dos vôos (de um para dois por semana) e pediu que os brasileiros, que vêm presos por correntes nos pés e nas mãos à cadeira do avião, fossem tratados com dignidade em seu caminho até a capital mineira no aeroporto de Confins, em Belo Horizonte – todos, sejam mineiros, paulistas ou goianos, desembarcam em BH.

Em 2018, o Brasil já era o 6º país em número de nacionais deportados, com a ocorrência de 1.691 naquele ano fiscal; em 2019 o número foi parecido, 1.770, o que deixou o Brasil em 8º lugar<sup>24</sup>. Sob as ordens de Trump não tinha conversa, fosse criança, pai, mãe, mulher grávida ou idoso, se chegasse e fosse indocumentado, era deportável. Com a chegada do democrata Joe Biden, não se sabia muito bem como a fila andaria, mas não demorou muito para que os migrantes descobrissem: O primeiro voo de deportação de brasileiros indocumentados pousou em BH ainda em 21 de maio<sup>25</sup>.

“A realização dos voos tem como objetivo primário reduzir, para esses cidadãos, o tempo de permanência em centros de detenção nos Estados Unidos, em particular no contexto da pandemia da COVID-19, justificou o Ministério das Relações Exteriores em retorno<sup>26</sup>. Esses brasileiros “se encontram detidos, com ordem definitiva de deportação contra si, portanto sem perspectiva de recuperarem a liberdade nos Estados Unidos. Em sua maioria, estão longe de familiares”.

Ainda assim, muita gente consegue entrar nos Estados Unidos. Além do país norte-americano, a comunidade brasileira também é significativa em Portugal (276.200), Paraguai (240.000) e Reino Unido (220.000) – o fluxo em direção às terras da rainha se intensificou ao final dos anos 90, e hoje os brasileiros em Londres são considerados um dos novos grupos que contribuem para a “superdiversidade” da cidade.<sup>27</sup>

“Qual a primeira coisa que você fez quando decidiu emigrar?”, perguntei para os entrevistados para este projeto, ao que a maior parte deles respondeu que nada de mais<sup>28</sup>. Chamaram alguém que já foi para pedir a indicação de um coioite ou simplesmente buscaram o que conheciam, o vizinho ou colega próximo.

“Você tem gente captando pessoas”, explica o delegado Siqueira. “Toda cidadezinha aqui tem dois ou três. São conhecidos, não é difícil encontrar, você vai em qualquer lugar aqui... Se perguntar na padaria, eles vão saber falar. Ao contrário da droga e de outros crimes que o objeto é ilícito, nesse caso não é. A gente está falando de um objeto lícito, que é uma viagem e de um objetivo econômico defensável, que é a melhoria de vida da pessoa. Então eles não se escondem, não é uma boca de fumo escondida, todo mundo da cidade tem que saber quem é o cara que leva”.

“Em Minas, a coisa é tão disseminada que tem candidato a vereador que até coloca o nome ‘Coyote’ em seu material de campanha”, explicou<sup>29</sup>. Por isso também as operações de desestruturação das redes de contrabando de pessoas são constantes. Todo ano tem uma ou mais.

Ainda assim, “imigração você não consegue parar”, como explicou o pesquisador Duval Magalhães, professor do programa de pós-graduação em Geografia da PUC Minas e especializado na área. “Depois que o bichinho da migração morde, você não sossega até que migra”, brincou<sup>30</sup>.

Porém, quanto mais restrição, mais perigosa fica a trajetória, mais dinheiro uma galera ganha, e mais gente se perde pelo caminho. O bichinho é o único que não morre. ]

## **2) Alienígenas, legalidades e ilegalidades**

Antes de começar, um adendo: Não existe imigrante ilegal.

No meio acadêmico e das organizações não governamentais que abordam a migração, isso já é consensual. Chuva no molhado. Pessoas que migram em busca de melhores condições de vida não são criminosas e não devem ser tratadas como tal. Estar em um país estrangeiro sem a permissão legal não é necessariamente um crime<sup>1</sup>, e não deve resumir a existência de ninguém, especialmente quando se fala de um fenômeno milenar e natural. Se não fosse pela migração, nem gente haveria espalhada pelo mundo.

Apreendi a diferença, a trocar o ilegal pelo indocumentado ou irregular, durante a minha primeira entrevista sobre o assunto com uma especialista em 2020, quando este projeto nem existia. Ela me cortou no meio da pergunta para me corrigir.

“Eu peço aos jornalistas que não usem o termo ilegal, porque essa palavra liga a uma ideia de crime. Essas pessoas são trabalhadores, pessoas que não cometeram nada na justiça, nunca cometeram nenhum tipo de crime, só estão em busca de uma vida melhor. Acho injusto tratá-los como ilegais, eles só não tem o documento”, explicou Sueli Siqueira<sup>2</sup>.

Falar em migração irregular, e não ilegal, não é um simples preciosismo, implica em uma mudança de abordagem. Os dois termos tratam de migrar em desacordo com os padrões legais, mas a forma de adjetivar o sujeito muda a percepção do fenômeno. E se os migrantes são os grandes protagonistas dessa história, ao lado, talvez, da crise econômica brasileira, do sonho americano e dos coiotes mexicanos, mudando as características atribuídas a eles, toda a história se altera.

Trocar ilegal por irregular ou indocumentado é deixar a noção do estrangeiro como inimigo – o próprio termo, de origem grega, tem raiz comum com a palavra hostil, inimigo da cidade – e entrar na perspectiva de que o humano em si é portador de direitos. Não importa o status migratório ou de nacionalidade.

A palavra ilegal criminaliza as migrações<sup>3</sup> e os sujeitos que se movem, o que não é exatamente uma novidade, já que, desde que existem países e sistemas jurídicos, a

mobilidade humana é associada ao crime. Entretanto, foi a partir da década de 80 que o fenômeno “passou a ganhar concretude e prioridade na agenda política de países hegemônicos, disfarçada de instrumentos legais e práticas discursivas diversas”. O ataque terrorista às torres gêmeas intensificou ainda mais as restrições e criou um sentimento de desconfiança entre pessoas de diferentes origens. Muitas vezes o discurso, que se concretiza é de inclusão, mas a prática inaugura uma nova forma de dominação racial.

“Uma vez classificados pela opinião pública na categoria de potenciais terroristas, os migrantes se encontram além dos domínios e fora dos limites da responsabilidade moral – e, acima de tudo, fora do espaço da compaixão e do impulso de ajudar”, adverte o sociólogo Zygmunt Bauman.

Para separar o crime da busca por uma vida digna, surgem termos na batalha linguística. “O uso do adjetivo irregular tem por finalidade questionar e substituir o termo ilegal” já que “sob a ótica técnico-jurídica, é possível estabelecer a distinção entre atos irregulares e atos ilegais”, escreve José Antônio Peres Gediel.

Gediel, professor titular e doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), é quem assina o conceito “Migração Irregular” no Dicionário Crítico de Migrações Internacionais<sup>4</sup>, do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) – fonte utilizada para referenciar e definir a maior parte dos conceitos específicos à temática citados neste livro, por sua qualidade e diversidade acadêmicas.

O texto segue e explicita a diferenciação entre os termos: “Definem-se como ilegais os atos humanos que não observem, contrariem ou violem normas vigentes, sendo tais atos reprováveis ou insuscetíveis de gerarem efeitos jurídicos positivos para assegurar direitos aos sujeitos que os realizam” (destaque meu). Atos irregulares, por outro lado, “podem conter elementos em consonância ou em discordância com a previsão normativa, ou serem realizados sem observar certo procedimento ou formalidade administrativa exigida em lei” (destaque meu).

Ou seja, o uso da palavra irregular se diferencia ao assumir que o ato pode ter elementos em consonância com a lei, mesmo que não seja em sua totalidade. Direitos devem ser assegurados por uma questão de humanidade.

Também são meandros jurídicos que indicam a palavra certa em outro caso no qual escolher um termo se torna decisão política. Ao longo da apuração, me deparei com vários nomes para os coiotes, que chamarei nas próximas páginas de contrabandistas. Em outros locais, porém, são referenciados como traficantes de pessoas; e eles mesmos se nomeiam coiotes, cômputes ou agenciadores<sup>5</sup>. O que substancialmente muda?

A consolidação do entendimento sobre os tipos penais ligados ao tema veio a partir do “Protocolo Relativo ao Combate ao Tráfico de Migrantes por Via Terrestre, Marítima e Aérea”, também conhecido como Protocolo de Palermo, criado pela Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional (UNODC, na sigla em inglês).

No preâmbulo, o texto, aprovado pela Assembleia Geral em janeiro de 2004 e incluído na legislação brasileira em 12 de março, ressalta a “necessidade de tratar os migrantes com humanidade e proteger plenamente seus direitos”<sup>6</sup>. De acordo com o site da UNODC<sup>7</sup>, “a grande conquista do protocolo foi que, pela primeira vez, um instrumento internacional global chegou a uma definição consensual do contrabando de migrantes”.

Anos depois, em 2016, uma lei brasileira foi aprovada para dar mais clareza e detalhamento às distintas práticas ilícitas ligadas ao traslado de pessoas. É a lei nº 13.344<sup>8</sup>, de 6 de outubro de 2016, conhecida como Lei de Migração, que “dispõe sobre prevenção e repressão ao tráfico interno e internacional de pessoas e sobre medidas de atenção às vítimas”, sejam vítimas brasileiras ou estrangeiras em território nacional ou nacionais brasileiros fora do país.

Baseado no texto do protocolo, Guilherme Otero<sup>9</sup>, da Organização Internacional para as Migrações (OIM), da Organização das Nações Unidas (ONU), explicou os conceitos: “O

tráfico de pessoas é a facilitação ao movimento de uma pessoa através de uma fronteira internacional para fins de exploração daquela pessoa. A imensa maioria dos casos é de exploração sexual de mulheres, apesar de que homens também são traficados para isso; além de trabalho análogo à escravidão; trabalho infantil; remoção de órgãos e doação ilegal. O tráfico pode ser internacional ou interno”.

Já o contrabando “é um negócio entre um prestador de serviço e uma pessoa que está buscando o serviço, que é a facilitação de entrada”, acrescenta Otero. “O contrabandista frequentemente explora e abusa do seu cliente, mas em geral, o que ele faz é ajudar a pessoa a cruzar o país, e a pessoa paga por isso. Concluída a transação, [está] concluída a relação”.

Existem diferentes formas de contrabandear pessoas: “Seja guiar a pessoa a atravessar a fronteira por um ponto que é menos policiado, seja a falsificação de um passaporte, seja acolher a pessoa temporariamente depois que ela cruza o país, até que ela consiga seus documentos, entre outros”. De acordo com Otero, “as redes são muito complexas e de fato cruzam o mundo todo”.

“São verbos diferentes, são objetivos diferentes, são crimes diferentes”, resume o delegado da Polícia Federal, Daniel Siqueira. “Todos eles são crimes contra a dignidade da pessoa humana, então o bem jurídico protegido é o mesmo, mas a intenção criminosa é diferente. Um quer migrar ilegalmente, o outro quer explorar sexualmente da pessoa”. Quanto aos coiotes, “genericamente se chama eles de traficantes, mas em uma corte de justiça eles responderiam por outro crime”.

Depois de finalizada a conceituação, Otero abordou o teor ideológico da decisão por um termo ou outro. “Muita gente usa o ponto do tráfico de pessoas para criminalizar e indicar que o migrante está cometendo um crime, quando é um absurdo dizer isso quando ele está justamente sendo explorado e enganado. Não só nesse debate de tráfico e contrabando, mas a gente deve sempre tomar cuidado para não criminalizar a migração e revitimizar os

migrantes. Eles não devem ser penalizados por terem sido enganados, explorados e abusados”.

Siqueira também destacou o fato de que, no Brasil, o migrante não é um criminoso. “O pessoal fala que é a vítima, mas eu trato mais como mercadoria”, afirmou, argumentando que o migrante é um meio por meio do qual os criminosos buscam obter vantagens econômicas. Para o delegado, “a vítima é a dignidade da pessoa humana, mas a pessoa é como uma mercadoria do contrabandista”.

Além de ilegal ou criminoso, existe ainda outra palavra de retórica desumanizadora para se referir aos migrantes: Alienígenas, ou melhor, aliens em inglês. De acordo com o dicionário de Oxford, a palavra significa “estrangeiro, especialmente um que não é cidadão naturalizado no país em que vive” (tradução livre). É assim que os migrantes, adultos, idosos ou crianças, costumam aparecer nas leis estadunidenses e nos relatórios internos do Serviço de Imigração e Alfândega (Immigration and Customs Enforcement, em inglês, ICE) e Serviço de Alfândega e Proteção de Fronteiras (Customs and Border Protection, CBP).

Em 2014, quando o presidente ainda era o democrata Barack Obama, um relatório de investigação do ICE registrou denúncias de maus tratos supostamente sofridos por uma menina centro-americana em um asilo nos Estados Unidos. No documento vazado<sup>10</sup>, marcado como sensível e de uso oficial, ela é chamada de unaccompanied alien child (criança alienígena desacompanhada).

A garota relata que, depois de pega pelo CBP na fronteira, próxima à cidade de Falfurrias, no Texas, foi mantida em celas muito geladas sem cobertor ou forma de se aquecer – usou o termo “heladeiras”, que significa geladeiras, em espanhol. Conta também que os oficiais gritaram com ela e foram bruscos, e que não comeu ou bebeu nada por um dia. Quando finalmente recebeu um sanduíche, passou mal e lhe foi negado o acesso à medicação. Também denuncia que foi forçada a usar o banheiro na frente de todo mundo e que sempre

que alguma das crianças dormia, os oficiais as acordavam batendo na porta e gritando. Alegou que sua corrente de ouro e suas roupas foram confiscadas e nunca devolvidas.

Esse depoimento é um dos que se encontram registrados na pasta “Conclusões sobre denúncias de maus-tratos infantis pelo ICE/CBP” (Findings on ICE/CBP child mistreatment complaints, em inglês), que reúne relatórios referentes aos anos de 2009 a 2014. A palavra “alien” aparece em 168 dos 219 documentos. Ou seja, em 168 documentos, crianças migrantes foram chamadas de alienígenas.

Desde o início da faculdade de jornalismo, aprendemos o peso dos diferentes termos. Entre golpe ou impeachment e invasão ou ocupação existe uma distância considerável. Escolher entre palavras implica uma decisão política, que atribui determinadas características ou não ao ato ou sujeito referenciado. Esse tipo de escolha, mesmo de visual simplório, é relevante: de acordo com a perspectiva da análise do discurso crítica, o discurso tanto reflete quanto constrói a realidade, e até mesmo os próprios enunciadores podem estar inconscientes das dimensões ideológicas de suas escolhas.<sup>11</sup>

Golpe é algo perigoso para um regime democrático, indica que um limite foi cruzado; já impeachment é um processo político-jurídico legal, parte do jogo, até mesmo uma forma de defender a democracia. Invasão é algo fora da lei, feito por um criminoso que não tinha esse direito, já ocupação é buscar a retomada do que foi roubado por outrem.

Para trazer à realidade mais próxima, se o caso narrado se referisse a uma brasileira de 14 anos maltratada em uma unidade do Estado, qual palavra geraria mais empatia, menor ou criança?<sup>12</sup>

Heloísa Galvão<sup>13</sup>, cofundadora e diretora executiva do Grupo Mulher Brasileira, uma organização comunitária que luta pelo direito dos migrantes há 26 anos, defende que os termos “alien” e “ilegal alien” são “carregados de preconceito, discriminação e racismo”,

além de criar “uma pecha, um carimbo nas pessoas”. “É uma tentativa de criminalizar a imigração indocumentada, e isso não está certo”, argumenta.

Ao menos neste ponto, o presidente Joe Biden parece concordar com Galvão. Dias após sua posse, afirmou ter a intenção<sup>14</sup> de trocar o termo por um menos desumanizador, como “noncitizen” (não cidadão, em tradução livre). A atitude é oposta à do governo anterior, de Donald Trump, que já chamou os migrantes de alienígenas<sup>15</sup>, e até de animais<sup>16</sup>. “Não são pessoas”, disse o ex-presidente durante o fenômeno migratório na fronteira em 2019. “Temos alguns homens ruins aqui e vamos mandá-los para fora”, havia declarado ainda em campanha contra a democrata Hillary Clinton, em outubro de 2016<sup>17</sup>.

Criminalizar a migração não é atitude nova do governo estadunidense. No país, “a associação entre migração e criminalidade consta dos primórdios da legislação migratória do país”, escrevem Guilherme Mansur Dias e Marcia Anita Sprandel, doutores em antropologia, em artigo. Os pesquisadores apontam que a primeira lei federal sobre imigração – o Page Act de 1875 – já tinha como objetivo “controlar o fluxo de pessoas indesejadas e criminosos”.

A ideia continuou a prosperar nos próximos anos, com mais alterações legislativas “para criminalizar pessoas oriundas de outros contextos”. A partir da década de 90, a migração se transformou em uma questão de segurança nacional, e a caracterização do imigrante como criminosos foi radicalizada após o 11 de setembro.

A falta de documentação, a criminalização e o tratamento dos migrantes como pessoas de segunda categoria desincentivam e impedem o acesso a direitos básicos e fundamentais, garantidos para todos os seres humanos. Negar a humanidade do outro é uma forma de se redimir da responsabilidade por ele, mas não resolve nenhum problema e surge como mais uma forma de excluir populações econômica e racialmente marginalizadas.

Ainda que os governos tentem se desvencilhar de suas obrigações, a lei internacional é clara sobre as responsabilidades dos países quanto às pessoas que neles se encontram, estando elas

irregulares ou não, como afirmou Guilherme Otero. “A gente sempre fala que as migrações são inevitáveis, elas são desejáveis, e elas são necessárias”, pontua.

Com ou sem empecilhos, os migrantes continuarão saindo de seus países, onde viver lhes parece impossível, e buscando territórios que os possibilitariam existir. Criminalizar só torna a travessia mais difícil, mais cara (e lucrativa para os verdadeiros criminosos) e com mais mortos e desaparecidos deixados pelo caminho.

### **3) De onde e do que fogem**

Quando começou a conversar comigo, Rodrigo\*<sup>1</sup> estava bastante receoso, com medo. Só topou atender ao telefone e conhecer minha proposta porque Bernardo\*, com quem dividia a casa, fez a intermediação. Eu havia conversado com o último, também migrante, alguns dias antes, e ele resolveu me ajudar na busca por novas histórias.

Rodrigo é casado e pai de dois filhos, um de cinco e o outro de 14 anos. Saiu de Minas Gerais com a família no início de setembro de 2021 por temer por suas vidas. “Não paguei pra ver”, explicou.

Depois de perder o emprego no Brasil, teve que pegar um empréstimo com um agiota para sustentar a família, mas não conseguiu pagar o valor combinado. “As contas não fecham e as coisas estão aumentando. Tenho filhos e tenho esposa sem trabalhar também. Não fecha”, explicou.

Considerando ser perigoso permanecer no Brasil, resolveu migrar. “Eu não tive muita escolha, né?”, avaliou. “[Estava] devendo muito, devendo algumas pessoas... É perigoso”. “Por causa de 100 reais, não sei... Eles não querem saber se você está comendo, ‘tá bebendo, se tem filho, se tem nada”. A ideia agora é trabalhar nos Estados Unidos para “tentar quitar minhas coisas”.

Rodrigo vem do Vale do Rio Doce, região que leva o nome do rio que a corta e engloba 49 municípios, entre os quais Governador Valadares é o mais conhecido, com seus 282.164 habitantes<sup>2</sup>. Na região<sup>3</sup>, em 2013, 63,1% da população estava em situação de pobreza (possuem renda mensal per capita igual ou inferior a 1/2 salário-mínimo). Entre os pobres, 70,4% são indigentes, ou seja, ganham menos do que ¼ de um salário, número que representa 44,6% da população do vale.

Por lá, 40% das pessoas não conseguem descartar adequadamente seu lixo, e 25% não têm acesso à rede de esgoto. Ainda assim, o Vale do Rio Doce não é o mais pobre em Minas Gerais, as métricas são superadas pelas registradas nas regiões do Jequitinhonha, mais ao norte, e do Mucuri, no noroeste. Minas Gerais também passa longe de ser o estado mais pobre do Brasil – inclusive, ademais do fluxo mineiro já consagrado, está crescendo o número naturais de outros estados, como Rondônia e Goiás que aprenderam o caminho rumo às Américas.

Se antes o fluxo de refugiados era impulsionado pelo regime de violência e guerras, hoje outro fluxo importante é o dos chamados migrantes econômicos, que partem “estimulados pelo desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde: de terras empobrecidas, sem perspectiva alguma, para lugares de sonho, ricos em oportunidades”. São pessoas que buscam “a chance de um padrão de vida decente”, como escreveu o sociólogo Zygmunt Bauman no livro *Estranhos à Nossa Porta*<sup>4</sup>, lançado quando a foto de um menino sírio de três anos morto na beira de uma praia turca em busca de refúgio chocou o mundo.<sup>5</sup>

“É uma crise humanitária que a gente está vendo, que começa no Brasil, falando dos brasileiros. O Brasil força, expulsa essas pessoas da terra deles, do país deles. [A crise] continua na fronteira, e quando [o migrante] consegue passar e chegar, é outra crise. E isso só será resolvido com os Estados Unidos mudando a política exterior e o Brasil tratando seus cidadãos com dignidade”, afirma Heloísa Galvão.

“Os brasileiros chegam aqui sem nenhuma esperança, se sentindo escoraçados, se sentindo muito pouco. Não tem nada, não tem condições de viver no país, de comer no país, de dar educação aos filhos no país. Eu não tô falando de classe média não, eu tô falando do povo, eu tô falando do povo”, explica. “É desespero”, avalia Galvão. “A maioria dos brasileiros vêm com e pelo desespero”.

O caso de Rodrigo, que temia ser assassinado se continuasse no Brasil, não é excepcional. Em julho de 2018, uma menina brasileira presa contou a uma autoridade consular que havia fugido do Brasil meses antes com sua família com a intenção de solicitar refúgio. De acordo com a criança, a família estava “fugindo de ameaças de morte de uma quadrilha de traficantes” e “o pai poderia ser morto se for deportado de volta ao Brasil”.

A história está registrada em telegrama<sup>6</sup> enviado pelo Consulado de Houston em 10 de julho daquele ano, conseguido via Lei de Acesso à Informação para este livro. A visita foi feita por Cynthia Gabriela Contreras Gutierrez, advogada e cônsul honorária em Edinburg-TX. Gutierrez visitou ao menos oito crianças brasileiras em asilos da região durante o governo Trump, quando vigorava a política de separação de famílias, que retirava as crianças migrantes de perto seus pais e as moviam para outros asilos, como forma de desestimular a solicitação de refúgio.

Depois de ouvir a menina brasileira, Gutierrez registrou que a declaração era "verossímil", o que significa que a criança demonstrou “credible fear”, ou seja, medo crível, um dos critérios necessários para que o refúgio seja concedido. Outra menina ouvida por Gutierrez, doente renal que precisava de acompanhamento constante pela enfermagem do abrigo, contou história semelhante. Afirmou que “o pai estaria fugindo de ameaças de morte no Brasil” e que tinha muito medo de deixá-lo para trás. A advogada narra que foi “muito difícil” ver os meninos e meninas naquela situação, mas que o que lhe chamou a atenção foi a força que demonstravam.

Em entrevista, a advogada<sup>7</sup> explicou que o denominador comum entre as crianças que conheceu era que todas acreditavam que “estavam vindo para os Estados Unidos para uma vida melhor”. “Essas crianças tiveram que crescer do dia pra noite, mas para eles o sacrifício não importava, porque todos estavam vindo em busca de algo melhor”. “Eles estavam dispostos a enfrentar qualquer coisa que fosse necessária para chegar até aqui”.

Entre outubro de 2020 e 15 de março de 2021, 29.792 crianças desacompanhadas foram pegas pelas polícias migratórias nas fronteiras, de acordo com telegrama da embaixada de Washington, acessado via Lei de Acesso à Informação<sup>8</sup>. Dessas, a maior parte (26.850) figurava entre a faixa etária de 13 a 17 anos. Somente em fevereiro de 2021, 9.297 menores desacompanhados foram apreendidos buscando ingressar nos EUA, número 63% maior que no mês anterior.

Tratando-se apenas de crianças brasileiras desacompanhadas, ou seja, encontradas pelas autoridades migratórias sem seus pais, 94 passaram pelo sistema imigratório norte-americano em 2020, número que mais que dobrou em 2021, quando as autoridades encontraram 227 crianças sozinhas.<sup>9</sup> No meio de tantos dados, os brasileiros ainda representam pequenas parcelas. É de países centro-americanos, como Guatemala, Honduras e El Salvador, que vem a maior parte dos fluxos.

Depois da redução dos números de imigração em função da pandemia<sup>10</sup>, a taxa de prisões na fronteira sul voltou aos níveis registrados anteriormente, com cerca de 40 mil detenções por mês em julho, que registrou o maior número desde novembro de 2019. Em abril de 2021, entretanto, as detenções bateram os recordes dos 20 anos anteriores: 180 mil migrantes foram presos, quase 9 mil brasileiros entre eles. No total, no ano fiscal de 2021, que vai de outubro de 2020 até setembro seguinte, mais de 1,7 milhão<sup>11</sup> de pessoas foram detidas na fronteira Sul, sendo os mexicanos o grupo que mais se arriscou pela área dominada pelos cartéis e pelo crime (655 594).

Para além dos imigrantes que entram pela fronteira Sul, as autoridades migratórias também registram os encontros<sup>12</sup> com pessoas em situação irregular em todo o país. De acordo com os dados do CBP, o ano fiscal de 2021 registrou quase dois milhões<sup>13</sup> de imigrantes processados. Destes, 58 059 são brasileiros. Setembro foi o mês em que mais nacionais tiveram seus nomes registrados no sistema, 10 579, número maior que em todo o ano fiscal de 2020 (9 147).

Assolados pela crise política e social, os haitianos representam outro fluxo que cresceu com a chegada de 2021. O número de nacionais apreendidos pelas autoridades migratórias estadunidenses aumentou 920% entre os dois últimos anos fiscais – de 5 291 em 2020 para 48 727 em 2021. Entre as justificativas estão as incertezas e desestabilização geradas pelo assassinato do presidente Jovenel Moise em julho e a ocorrência de desastres naturais, como terremotos e ciclones que deixaram mais de dois mil mortos no ano<sup>14</sup>. Com o crescimento de haitianos em busca de refúgio, eles protagonizaram uma crise de repercussão internacional para o governo democrata em meados de 2021.

Ao final de setembro, imagens de agentes do Serviço de Alfândega e Proteção de Fronteiras (CBP) agredindo os solicitantes de refúgio provenientes daquele país chocaram o mundo.<sup>15</sup> Logo depois, a deportação forçada dos haitianos gerou o pedido de demissão do enviado especial dos EUA para o Haiti, que considerou a decisão “desumana e contraproducente”.

Em carta de renúncia, o enviado especial do Departamento de Estado, Daniel Foote, descreveu a população haitiana como “atolada na pobreza, refém do terror”. De acordo com ele, o país “simplesmente não pode suportar o fluxo forçado de milhares de migrantes que retornam sem comida, abrigo e dinheiro, sem provocar uma tragédia humana adicional que poderia ser evitada”.<sup>16</sup>

A necessidade de migrar é tamanha que os haitianos estão indo por terra. Saem do Chile, passam pelo Peru e Colômbia, cruzam a fronteira com o Panamá e chegam à América Central, onde caminham por Costa Rica, Nicarágua, Honduras e Guatemala até adentrar o

México. Cruzam o país e esperam na fronteira com os Estados Unidos o momento de tentar adentrar as terras estadunidenses. Um dos trechos mais perigosos é a travessia pela floresta da Darien, considerada uma das mais perigosas do mundo. “Correr a selva é muito difícil. Se entrarem 200 pessoas, com muita oração talvez vão chegar 90, 80. A maioria morre”, contou uma haitiana à Folha de S. Paulo.<sup>17</sup>

Os migrantes deixam o Brasil e o Chile, para onde emigraram depois do terremoto de 2010 fugindo das crises econômicas, das restrições às suas chegadas e do racismo vivenciado no dia a dia.<sup>18</sup> No processo de devolução forçada, ao menos 30 crianças brasileiras, filhas de haitianos, foram devolvidas ao país em crise, com o qual mantêm poucos ou nenhum vínculo.

Guilherme Otero, representante da Organização Internacional para as Migrações no Brasil, define o momento como “dramático”. “As pessoas estão fazendo todo o trajeto por via terrestre, subindo por toda a América do Sul, passando por Darien, subindo o México, cruzando a fronteira... Você já vê algumas mortes de brasileiros, uma série de tragédias acontecendo”. “Quanto mais grave a situação das pessoas aqui, menos planejada e mais perigosa tende a ser esse movimento de emigração do Brasil”, explica.

Casos como o de Rodrigo e o da criança brasileira são típicos para uma solicitação de refúgio de acordo com os tratados internacionais como a Convenção de 1951<sup>19</sup> e o Protocolo de 1967<sup>20</sup>, porque tratam de risco direcionado ao indivíduo e sua família – ainda assim, nada garante que sejam aprovados. Porém, casos como o dos haitianos, que não necessariamente fogem por uma ameaça específica e sim pela situação contextual, como também ocorre com os mexicanos, que convivem com o crime organizado, não se encaixam nessa regra.

Quando a necessidade de refúgio é explicada por uma situação contextual, não necessariamente direcionada ao indivíduo solicitante, trata-se de um pedido baseado em uma “grave e generalizada violação de direitos humanos”.

O termo traz uma nova abordagem, uma definição ampliada do conceito de refugiado que figura como uma contribuição latino-americana ao direito internacional dos refugiados, isso porque foi estabelecida pela Declaração de Cartagena, fruto de reunião em Cartagena de Indias na Colômbia. Por meio dele, busca-se tornar pessoas elegíveis ao refúgio a partir de uma análise mais focada na situação de seus países de origem e não no bem-fundado temor de perseguição individual.<sup>21</sup>

A intenção é considerar como refugiados “as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública”, como explica Liliana Lyra Jubilut, doutora em Direito Internacional pela USP, em artigo sobre o tema.

A Declaração foi adotada em 1984 pelo Brasil e outros 14 países da América Latina e Caribe, sendo internalizada na legislação nacional em 1997 por meio da lei 9.474/1997. O maior país sul-americano já aplicou a abordagem ao garantir o direito de refúgio a imigrantes venezuelanos em 2019, quando confirmou 174 pedidos.<sup>22</sup> No Brasil, o termo “grave violação de direitos humanos” está escrito na lei de nº 9.474<sup>23</sup>, de 22 de julho de 1997, o que representa uma “ampliação da possibilidade de proteção”.

Quando comecei a apuração, tinha uma pergunta bem clara: Por que as pessoas se expõem aos perigos de emigrar? Por que, mesmo depois das inúmeras mortes de compatriotas na fronteira, elas continuam indo? Perguntei aos migrantes, aos especialistas, às organizações de apoio, e a resposta foi também bem clara: Porque não vêem possibilidade de continuar no Brasil ou em seus respectivos países, pelos mais variados motivos. Quando uma mãe envia uma criança desacompanhada à fronteira, é porque ela acredita que fazer a travessia é mais seguro do que continuar onde está.

Em 2021, se me permitem um eufemismo, o cenário não estava bom. Com crises políticas sucessivas dignas de roteiro de filme e o impacto da má condução da pandemia de coronavírus, mais de 19 milhões de brasileiros passavam fome<sup>24</sup>. Açougues cobravam por ossos<sup>25</sup>, e mercados só entregam a carne àqueles que mostrassem a nota fiscal<sup>26</sup>. Enquanto o povo escutava o estômago roncar, executivos não pareciam ter vergonha de colocar à venda restos de hambúrgueres embalados em bandejas nas prateleiras<sup>27</sup>. O desemprego afetava 14% da população<sup>28</sup> e tinha gente que comia sem saber se teria alimento para a próxima refeição.

O cenário brasileiro e de diversos outros países latino-americanos era perfeito para gerar uma crise humanitária e migratória na fronteira dos Estados Unidos. Dito e feio.

“Quando é que o Brasil tem o maior contingente de pessoas migrando em qualquer situação, correndo risco pela fronteira, passando por dificuldades extremas para chegar nos EUA?”, questiona a pesquisadora Sueli Siqueira. Logo responde: “Quando você tem uma crise econômica aqui. Quando a economia daqui está bem, como nos anos em que a economia estava em desenvolvimento, tinha pessoas de lá e da Europa retornando para o Brasil”.

Quando a situação muda, inverte-se o fluxo. Uma das melhores formas de reduzir os fluxos migratórios – se é essa a intenção de alguns – seria justamente garantir dignidade e direitos na origem. Os dados confirmam: Foi justamente por volta de 2008, com a crise imobiliária americana e economia brasileira crescente, que o saldo migratório<sup>29</sup> nacional voltou a ser positivo, como na virada do século XIX ao XX, quando o Brasil recebia milhares de migrantes.

Tudo isso “porque nós tínhamos emprego”, explica Duval Magalhães. “Você tinha uma atividade econômica que gerou emprego e as pessoas tinham interesse em vir para cá, aí a balança inverteu. Não é que nós deixamos de ser um país com pessoas saindo, mas o saldo migratório passou a ser positivo. Nosso saldo migratório é negativo hoje”. Desde 2018, a comunidade brasileira no exterior só vem crescendo<sup>30</sup>, um indicador da desesperança da população.

Os migrantes ligam, são o elo vivo entre as realidades dos países de onde saíram, por onde passaram, e onde estão. “Se uma crise na origem é um dos componentes do crescimento do fluxo, uma crise no destino também provoca um retorno mais intenso”, explica Sueli em seu livro. Quando em terras estadunidenses o dono de um negócio brasileiro não ganha bem, em Minas Gerais provavelmente alguém vai perder o emprego.

Em meados de 2008, com a crise imobiliária nos Estados Unidos, os mineiros sentiram, como confirmou a pesquisadora<sup>31</sup>: “A crise econômica americana atingiu diretamente os emigrantes brasileiros e muitos optaram por retornar diante da inviabilidade de continuar vivendo naquele país. Todos viram seus sonhos serem frustrados, alguns conseguiram regressar e ter uma renda nas cidades de origem, mas a grande maioria afirma que o retorno não desejado torna ainda mais difícil a readaptação”.

Mas é até fácil entender porque pessoas com fome ou com medo de morrer decidem apelar à mobilidade, mesmo que o trajeto perigoso pese como um contra. O que muitas vezes não entrava na minha cabeça é por que gente que tinha o básico, talvez até conseguisse pagar uma escola particular pro filho e fazer algumas viagens de férias, escolhia sair do país e atravessar o deserto para trabalhar em empregos de baixo status social<sup>32</sup> e e muita ralação, numa rotina intensa, agressiva e com pouquíssima segurança.

Já vi por aí, na boca popular ou na imprensa, isso ser justificado como um mero “fascínio” ou “síndrome de vira-lata”, um certo ódio ao Brasil e romantização extrema da bandeira azul e vermelha e da cultura hollywoodiana. Essas são análises simplistas, de vontades que seriam resolvidas por uma simples semana de férias. Não é esse o caso.

Quem deixa o país o faz por vontade de trabalhar e receber valor justo. Troca anos de sua vida<sup>33</sup> por jornadas de 12 horas sem horário de almoço, às vezes de segunda a segunda, buscando mudar de classe social ao comprar uma casa e abrir um negócio próprio nas terras onde nasceu. Ao longo do processo, manda dinheiro para a família. O que pensar em

“fascínio” desconsidera é que as pessoas, mesmo sem passar fome ou tomar chuva, muitas vezes acreditam que podem e que merecem mais. É justo que um trabalhador tenha que se endividar para garantir qualidade de vida, não simplesmente subsistência?

Com crise ou sem crise, com comida no prato ou de barriga vazia, nem todo mundo migra por extrema necessidade. E isso não altera em nada a validade do ato de migrar, e não sou eu quem diz isso.

“Para nós não existe qualquer diferenciação do que é uma migração mais ou menos válida. O que nós defendemos publicamente, em fóruns internacionais, assim como todo o sistema ONU, é que os Direitos Humanos de todas as pessoas migrantes devem ser respeitados, independente da motivação, de onde elas vem, de qual é a sua religião, sua orientação política”, explicou Guilherme Otero, representante da Organização Internacional para as Migrações (OIM).

Bernardo\*<sup>34</sup> e Vitor\*<sup>35</sup>, por exemplo, os dois na faixa dos seus vinte e poucos anos, se expuseram à fronteira, mesmo tendo condições de viver onde nasceram. Com casa e comida, além de famílias bem estruturadas, os dois jovens resolveram sair do país e deixar os pais e amigos preocupados em busca de mais.

“É uma oportunidade única, o Brasil tava muito foda. Minha vida no Brasil é estabilizada se for levar em conta a relação de família e tal. Mas eu vim mais pelo fato de querer ser independente. Não viver meio que nas costas, com as coisas dos meus pais, queria conquistar as minhas coisas”, explicou Vitor. Hoje ele trabalha com construção civil, como a maioria dos homens imigrantes, cerca de 10 horas por dia. Conta que a intenção agora é “fazer o pé de meia”, ou seja, ganhar dinheiro, investir e voltar para o Brasil.

Já Bernardo diz que migrou por querer conhecer outros lugares e outras possibilidades de vida. “Pai, eu tenho 24 anos, quero conhecer o mundo, quero ir lá fora e ver como é que é, se eu não gostar eu venho embora”, explicou ao pai quando expressou seu desejo. “Fiz cursinho

até meus 21, querendo medicina e tal, mas eu nunca fui aquela pessoa muito de gostar de estudar, né? Eu vi que eu gostava muito de negociar através do meu pai, nós temos a autopeças, mas o foco dele é negociar. Então desde menino, desde os meus 12, 13 anos, eu mexo com negócios”. A intenção nunca foi fazer turismo ou um ano sabático de viagens, assim que chegou, em meados de 2021, procurou um trabalho. Hoje negocia carros nos Estados Unidos, gosta do que faz e afirma ser essa a sua área.

O desejo de ter uma vida melhor também inspirou caso de Roseli\*<sup>36</sup>, que deixou sua cidade natal em abril de 2021 com o coioite conhecido de seu ex-companheiro. Queria fazer dinheiro, educar a filha, e conseguiu arrastar até sua mãe para os Estados Unidos. Agora tem mais gente seguindo: “Tem uma prima minha que foi deportada essa semana”. Mas está tentando de novo.

Assim, ao mesmo tempo em que existem pessoas que migram porque não têm condições de existir, de comer, morar e viver no Brasil, existem também aqueles que o fazem porque querem mais. Não consideram justo o valor recebido pelas horas trabalhadas, ou, mesmo fazendo faculdade, como Roseli e Bernardo (ela fazia enfermagem, e ele, direito) não enxergam em sua região a possibilidade de crescer, de dar aos filhos, nascidos ou imaginados, mais do que receberam.

Na visão de Galvão, “o Brasil está perdendo uma camada da população importantíssima, que é a base da comunidade, pela qual deveria estar lutando com unhas e dentes”.

Dessa forma, “não é tanto uma questão de quem é mais ou menos válido, ou do que é mais ou menos legítimo”, afirma o representante da OIM. “Eu particularmente acho que a gente tem que fugir dessa dicotomia, porque isso reforça preconceitos, isso impinge uma série de valores sobre algumas pessoas”. A migração é “algo complexo e que precisa ser tratado na sua complexidade”, pontua. “É um fenômeno global, que sempre fez parte da história da humanidade, e continuará fazendo”.

#### 4) De geração em geração

Para além da economia, existem diversos outros fatores que geram e alimentam os fluxos migratórios. A reunificação familiar é um deles, somada à necessidade de refúgio por perseguição ou risco de morte.

“Eu não vim como opção pra cá não, eu vim porque eu deixei meu filho vim pra cá, e eu não imaginei que eu ia sofrer tanto”, explicou Henrique\*<sup>1</sup>, cujo nome verdadeiro foi omitido. “Eu estava em tempo de endoidar. Meu filho já fez dois anos que ‘tava aqui já [nos EUA], eu não estava aguentando mais ficar sem falar com ele, sem ver ele. Eu não precisava, porque eu ganhava bem aí”, desabafou.

Henrique é um homem negro, que na foto de seu WhatsApp usa o cabelo crespo baixo e uma camisa preta apertada. Com um sorriso largo, já no perfil entrega sua paixão: Segura seu filho no colo, um garoto de seis anos que veste uma camisa vermelha e abraça o pai.

À época com a mãe do menino, Henrique e a então companheira tinham planos de emigrar porque “pro filho a gente quer mais, e aí eu não tinha condição de dar ele mais”. Contou que o dinheiro que ganhava era o suficiente para viver, mas ele queria que o filho pudesse ter outras oportunidades que o país não garantiria. A mulher foi antes com a criança, mas com o passar dos meses o casal se desentendeu, e ele conta que o contato entre os dois foi praticamente cortado. “Meu foco era só meu filho”, explicou.

Decidiu sair do país. Porém, como homem solteiro teria poucas chances de ser aceito pelo cai-cai (catch and release, em inglês), método mais seguro do que entrar escondido. Por meio da estratégia, os imigrantes se entregam à polícia, vão presos e aguardam o julgamento de sua solicitação nos Estados Unidos. “O cai-cai é o jogador que se joga na área, cavando uma falta. O cai-cai do imigrante é atravessar a fronteira, com a família dele, um menor de idade, e se joga, se entrega para a força policial americana”, explicou Daniel Siqueira, delegado da Polícia Federal em Governador Valadares.

Sob Donald Trump, esta estratégia havia sido ainda mais dificultada, porque o republicano não via problemas em prender crianças – em asilos diferentes de seus pais– ou deportá-las sozinhas ou não. Foi apenas depois de muita repercussão internacional que a política de separação de famílias foi rompida, ao final de 2019, quando o fluxo voltou a aumentar novamente.

“Parece haver possível coincidência entre o abandono da política imigratória de separação entre pais e filhos na fronteira norte-americana e o consequente aumento da entrada ilegal de brasileiros ‘atraídos pelo sistema conhecido como cai cai’”, escreveu o consulado brasileiro de Hartford à época, em 3 de dezembro de 2019.

Com a chegada de Joe Biden e a promessa (já descumprida) de que não deportaria crianças<sup>2</sup>, o cai-cai como método de entrada relativamente segura retornou a ser utilizado com mais frequência. Porém, como seu único filho de sangue estava nos Estados Unidos, Henrique resolveu adotar uma criança para “passar mais fácil”. “A criança está toda no meu nome, toda no meu nome, eu trouxe a mãe com a filha e tudo”, explicou.

“A mãe queria vim com a filha dela, só que ela não tinha condições. Eu tinha mais condições do que ela, aí eu vim trazendo, no plano de chegar aqui e ela me ajudar a pagar a despesa. Foi um combinado”.

Entraram como família e, chegando nos Estados Unidos, foi cada um pro seu lado. Depois de liberado, Henrique usou uma tornozeleira eletrônica por três meses e hoje é monitorado por um aplicativo de celular. Para pagar a viagem, que custou cerca de 120 mil reais, Henrique deu como garantia um imóvel no Brasil. Considera que fez um bom negócio, já que a travessia foi tranquila e está gostando de estar lá, mesmo sentindo muita saudade de casa.

Na avaliação do advogado de direito imigratório e fundador da AG Immigration Law, Felipe Alexandre<sup>3</sup>, os imigrantes que entram pelo cai-cai tem um pouco mais de segurança, estão em

“um patamar superior, legalmente falando” do que as pessoas que o país nem sabe que estão ali.

“Quem entrou seja com visto [de turista e extrapolou o tempo] ou pela fronteira [se entregando pra polícia] e ficou aqui, mas nunca foi preso, não está no radar. Se ela ficar cuidando da vida, trabalhando, assim sem problema com a polícia, ela fica em paz”. Já os que entram e passam pelas autoridades migratórias “têm um certo stress, porque eles vão ter que responder um caso na corte de imigração e se eles não conseguirem convencer o juiz, seja o juiz não acreditar neles, ou o juiz acreditar neles, mas sem base jurídica, eles vão receber uma ordem de deportação. Aí tem que recorrer e fazer um monte de coisa”.

No caso das pessoas que entraram sem se entregar, elas não “tem absolutamente nada”, mas também “não tem esse estresse de ficar se preocupando com as cortes”. Se forem pegas, provavelmente já seriam presas e deportadas.

A deportação imediata era ainda mais forte nos anos Trump, quando se estabeleceu uma política de Zero Tolerância a quem quer que estivesse indocumentado. Ao contrário de outros presidentes, como o democrata Barack Obama (de quem Joe Biden foi vice), que discursou defendendo a deportação de “criminosos, não famílias; criminosos, não crianças; membros de gangues, não uma mãe que está trabalhando duro para sustentar seus filhos”<sup>4</sup>, Donald Trump não via diferenciação. Tolerância Zero. Se estava indocumentado, era deportável. E se fosse pego, seria.

“O Trump dificultou tudo pra todo mundo, mas parece que houve uma guerra contra refugiados, contra pessoas que estavam indocumentadas, é realmente uma guerra contra eles”, avaliou Felipe. Explica que na época não havia diálogo, mesmo os advogados eram impedidos de negociar caso a caso. Com a chegada de Biden, mesmo que a situação esteja longe de ser tudo às mil maravilhas, “para quem faz caso de remoção, de asilo, eu diria que [a mudança] é da noite pro dia”.

Mas pra não pintar a realidade como mais bonita do que é, e não esquecer que em imigração as contradições são comuns e o discurso é mais bonito que a prática, foi Obama o recordista em deportações, como um aceno aos republicanos de que também não estava convidando ninguém. “É uma marca não muito bonita na história do Obama”, avalia Felipe.

Antônio\*<sup>5</sup>, que não quis ser identificado com o nome verdadeiro, também viveu histórias de reunificação familiar permeadas pelo contexto político do mundo, tanto para emigrar quanto para retornar ao Brasil. Migrou com a mãe em 2005 para encontrar o pai, que havia ido em 2003. A época foi uma das piores para os emigrantes nos Estados Unidos, já que após o 11 de setembro, eles foram associados ao terrorismo.

Após os atentados ao World Trade Center, as agências de Estado responsáveis pela questão migratória foram reestruturadas, com a criação do Departamento de Segurança Interna (Department of Homeland Security, DHS) e a centralização nessa agência das atribuições de imigração, naturalização e controle de fronteiras.<sup>6</sup> “Nesse novo arranjo institucional, o enfoque da política migratória passou a se concentrar na intensificação do controle fronteiriço como forma de combate ao terrorismo e à imigração indocumentada<sup>7</sup> e o discurso público em torno dos mantras neoliberais de livre-circulação de pessoas e mercadorias deu lugar à invocação de valores como ‘segurança’, ‘controle’, ‘regulação’ e ‘proteção’”.<sup>8</sup>

Para Galvão, as ideias anti-imigração ventiladas com o 11 de setembro “só pioraram com o tempo”. “2001 foi gerando esse preconceito e discriminação, esse estereótipo de que o imigrante está aqui para tirar o emprego americano, está aqui para estuprar as mulheres, está aqui para roubar e são todos criminosos”. 15 anos depois, foi sob esse discurso que Trump se elegeu.

Mas mesmo com os temores amplificados pelo momento de desconfiança, a família mantinha o desejo de se reunir. A viagem foi marcada com a garantia do coioite: “Pode comprar carne que daqui a sete dias sua esposa e seu filho estão dentro de casa”, teria dito.

Antônio não se lembra de muito da travessia, mas sabe que sentiu medo. “Eu tenho lembranças vagas. Eu tenho uma lembrança forte de, tipo assim, de noite, né? A gente acabou ficando muito tempo fazendo viagens dentro de caminhão, de carro, escondido. Acho que tanto no México, quanto nos Estados Unidos. Eu tenho uma lembrança forte, por exemplo no México, logo perto da fronteira, a gente estava escondido numa casa cheia de coiotes, eles estavam falando que não era para fazer barulho, porque tinha polícia lá fora”.

Ele, que à época tinha oito anos, atravessou pelo rio: “Foi de noite, colocaram a gente dentro de bóia, dentro de uma bóia e foram empurrando, porque a gente não sabia nadar”. Viveu indocumentado com sua família por seis anos, mas não se lembra de ter tido dificuldades de adaptação, porque tinha muitos amigos em Newark, uma espécie de “cidade de imigrantes”, e aprendeu rápido a língua.

A saudade era a principal agonia: Tinha saudade dos pais, que trabalhavam muito – “o contato com meus pais esteve prejudicado em alguns momentos” – e da família em Minas Gerais, especialmente dos avós. Por isso, “pressionava muito pai e mãe pra vir embora”.

Nos Estados Unidos, Antônio perdeu o avô materno e um tio do mesmo lado da família, além de ter a avó paterna diagnosticada com um câncer. Tudo se somou à eclosão da crise imobiliária no país, que abaixou o dólar e diminuiu os rendimentos, além do fato da polícia imigratória estar atrás do pai, que havia se envolvido em um acidente de carro (nada grave, mas qualquer acontecimento é suficiente para colocar os imigrantes na lista de procurados). A família então “juntou o que deu pra juntar, comprou o que deu pra comprar [no Brasil] e voltou com um membro a mais: Antônio ganhou uma irmã, e a família só esperou a bebê completar a idade mínima para entrar no avião.

O retorno foi um “presente de aniversário” para o menino, já que voltaram poucos dias depois de cantar os parabéns. “Foi uma maravilha” deixar aquele lugar onde “o imigrante vive com medo, mesmo sabendo que ele não está fazendo nada”, descreveu.

Ainda hoje, “às vezes eu brinco com pai, quando a gente tá dirigindo, a paz que é ter um carro de polícia atrás da gente, e a gente não começar já a tremer com medo de tentarem parar a gente. Se parar tudo bem, porque a gente não tem problema nenhum aqui. Lá não”.

Entretanto, muitos anos depois da volta, fazendo faculdade e estabilizado no país onde nasceu, Antônio se viu novamente conectado ao estrangeiro. Encarou a fronteira entre Estados Unidos e México novamente, mas por outro motivo.

### **5) No meio do caminho tinha o México**

Depois de muito ouvir sobre a cidade de Tijuana, na fronteira do México com os Estados Unidos, resolvi passear por lá com o auxílio da tecnologia. Por meio do Google Maps, "andei" pelas ruas da cidade, de terra batida, de asfalto ou de pedras, tentando imaginar a direção dos passos dados por aqueles que eu sabia que já haviam andado por lá.

Tijuana, banhada pelo Oceano Pacífico Norte, é a cidade mais ocidental de toda a América Latina.<sup>1</sup> Ela, que merece seu devido destaque nesta história, divide a fronteira com o estado da Califórnia nos Estados Unidos, mais especificamente com a cidade de San Diego, cujo nome em espanhol já entrega parte da convivência forçada. Suas praias, ao contrário das propagandeadas pelo México na caça aos turistas, são pouco paradisíacas. Quando o carro do Google andou por aquela orla, fotografou um dia cinza no qual nenhuma viva alma deixou a faixa de areia para se aventurar entre as ondas.

Os migrantes mineiros em travessia geralmente pisam em Tijuana no dia seguinte à chegada ao México, já que os vôos, que partem de São Paulo, aterrissam na capital, Ciudad de México. Descer do avião e entrar no país é a primeira de muitas provações do trajeto. Mesmo que o país não exigisse visto para brasileiros nos primeiros dez meses de 2021, quando a maior parte dos ouvidos para este livro emigrou, era necessário convencer os policiais com um pouco de caridade.

“Você não dava dinheiro diretamente para elas [as policiais], porque elas não poderiam pegar por causa das câmeras, então elas mandavam você colocar o dinheiro dentro da bolsa. Aí elas fingiam que estavam revistando sua bolsa, pegavam o dinheiro e colocavam dentro da luva”, narrou Bernardo, um jovem itambacuriense de 22 anos – que eu conheci na 6ª série, quando estudamos juntos.

Vitor, também em seus vinte anos, passou por situação semelhante aterrissando em Tijuana: “Tava eu e um colega conversando na fila e eles já olharam, tipo assim, ‘esses aí estão indo atravessar’. Na hora que eles olham a bolsa, eles já falam ‘vocês só vão passar se pagar. Eu falei ‘não tem’, aí eles [falaram] ‘só com dinheiro, ou então você vai voltar’”. Bernardo contou que “caiu na pressão” e desembolsou 100 dólares.

O suborno cobrado por alguns oficiais mexicanos é fato conhecido.<sup>2</sup> Os migrantes descem do avião e são separados em filas, quando as autoridades migratórias analisam os passaportes e definem quem se parece com um turista e quem não – a partir de roupas, traços ou outros medidores pouco exatos. Como uma família de classe média ou baixa com crianças pequenas não encarna exatamente o estereótipo de quem vai gastar rios de dinheiro naquelas terras, alguns dólares, escondidos na manga da camisa de frio ou no meio do passaporte entregue para o policial, são a saída. Os migrantes já vão avisados e chegam prontos.

Uma forma de não passar por esse processo é pagar um pouco mais para os contrabandistas e garantir uma viagem especial, teoricamente mais segura e tranquila. Nesses casos, os migrantes têm seus nomes incluídos nas listas da polícia imigratória mexicana, que recebe fotos das roupas ou outros detalhes que podem facilitar a identificação dos com entrada já paga, e os libera automaticamente como parte do combinado internacional.

Uma fonte oficial confiável que acompanha a situação migratória em terras mexicanas me disse que tudo isso é sabido. As autoridades têm plena consciência que alguns policiais deixam migrantes passar somente se receberem sua parte; mas esse tipo de rede é complexa e bem articulada, portanto, difícil de desconstruir. A pessoa, que pediu para não ser identificada

por conta da delicadeza do assunto, explicou que a existência desse tipo de esquema só é possível porque existe “corrupção sistêmica ao longo do caminho”. De acordo com ela, sem “agentes públicos acobertando essas redes de tráfico de pessoas”, isso não aconteceria. “Tem gente vendendo esse serviço”.

Para barrar os mecanismos de exploração financeira que possibilitam a migração indocumentada colocando vidas em risco, as polícias federais dos Estados Unidos, México e Brasil, além de outros países com fluxo considerável, trabalham em conjunto. “Com nossos parceiros tanto americanos quanto mexicanos, a gente tenta diminuir o poder e a influência dos contrabandistas. Não pra prejudicar o imigrante, nós não estamos contra eles” mas para barrar “esse trânsito humano totalmente sem garantias, com exploração, cobrança de dívidas e moralmente violento”, explicou Daniel Silveira, da PF.

O México está literalmente no meio do caminho, é um país de travessia, que sente as consequências da migração sem ser idealmente seu destino final. É como uma pedra no sapato e também o trampolim, a parte mais temida e difícil do trajeto, mas sem a qual as possibilidades de adentrar os Estados Unidos se reduziriam consideravelmente – existem brasileiros que entram pelo Canadá<sup>3</sup> ou até viajam para a Europa para ter o passaporte carimbado e vir de um local supostamente “mais confiável” na visão das autoridades, mas essas viagens ficam bem mais caras.

Estar aí no meio custa muita diplomacia. O México é o primeiro a ser cobrado quando a situação fica difícil para o país vizinho, o que foi deixado bem claro pelo ex-presidente Donald Trump. O republicano insistiu na construção de um muro imponente, de barras de aço sobre concreto com altura de mais de 9 metros, e gostava de falar que era o México que pagaria pela obra.<sup>4</sup> Segundo o antigo governo, até o final de fevereiro de 2020, quase 203 km do novo muro já haviam sido construídos.<sup>5</sup>

Todo esse processo foi bem conturbado. Para conseguir a liberação das verbas para a construção da gigante obra, um dos chamarizes da campanha eleitoral, Trump declarou

estado de emergência nacional na fronteira<sup>6</sup> em fevereiro de 2019. A estratégia classificou o fenômeno migratório como “ameaça à segurança nacional dos EUA, o que permitiu ao Executivo realocar USD 6,7 bilhões, - a maior parte de fundos do Departamento de Defesa (DoD, na sigla em inglês) -, além dos USD 1,4 bilhão aprovados pelo Congresso para a construção no orçamento do ano fiscal de 2020”.

Um ano depois, Trump renovou a declaração “confirmando que continuará a adotar a estratégia, até agora bem-sucedida, de remanejar, para a construção do muro, verbas aprovadas pelo Legislativo para utilização em outras finalidades”, como analisou o embaixador Nestor Forster Jr., da Embaixada Brasileira em Washington, em telegrama diplomático<sup>7</sup> acessado pela Fiquem Sabendo.

Com a chegada de Joe Biden, a obra, que não havia parado nem durante a pandemia de covid-19<sup>8</sup>, foi paralisada. “Pode ser que o Biden não construa o muro, porque é a herança maldita do Trump, mas se amanhã vier outro governo, se não o Trump, outro governo conservador, republicano, certamente ele vai continuar essa obra. Esse muro está dado, ele vai acontecer, só o quando é que não está claro”, aventou Duval Magalhães.

Outra via utilizada pelos EUA para garantir que seus interesses sejam atendidos é a pressão econômica. O embaixador brasileiro no país também abordou o tema em telegrama<sup>9</sup> de julho de 2019 acessado via LAI para este projeto: “A política externa dos Estados Unidos para os países do Triângulo Norte e o México pauta-se pela prioridade atribuída à questão migratória. Os Estados Unidos mostram-se dispostos a condicionar aspectos do relacionamento bilateral - sejam econômico-comerciais, sejam relacionados à ajuda externa - à efetiva redução dos fluxos migratórios em direção a seu território”. Traduzindo, os EUA de Trump só davam dinheiro e ajuda a quem se alinhava à estratégia de barrar os migrantes.

Para obrigar o México a ser mais rígido na fronteira em 2019, o país imperialista suspendeu a aplicação de tarifas, o que deu resultado. Em outra situação, quando a Corte Constitucional

da Guatemala frustrou as expectativas estadunidenses<sup>10</sup>, Trump lançou “mão de ameaça semelhante” para fazê-los repensar, escreveu Foster.

“Os EUA têm um instrumento de pressão muito fácil de recorrer: Eles criam um problema qualquer, fecham [a fronteira] por três dias, o que sufoca o México. Aí o México responde pra tentar conter esse fluxo de pessoas. Isso está virando um problema pro país, porque gera um conflito entre o discurso, que é pró-integração latino-americana, amizade e promoção da irmandade entre os povos, e a conduta truculenta de pressão”, avaliou minha fonte em terras mexicanas.

Todo mundo sente um pouco. Como o esperado, os países de onde saem os migrantes também são pressionados, como me explicou a mesma pessoa: “O Brasil também fica numa situação ruim, porque muitos migrantes passam pelo Brasil [como os haitianos]. Os EUA cobra que o Brasil não permita que eles saiam, mas o Brasil responde que não é uma ditadura e não vai impedir a saída de ninguém”.

Esse vai e vem diplomático tem seus efeitos na prática. Um dos mais concretos é a necessidade de vistos para brasileiros acessarem as terras mexicanas, modelada pelo momento político e pela intensidade do fluxo. A primeira grande leva de emigrantes brasileiros na fronteira fez com que em outubro de 2005 o México suspendesse o acordo mútuo anterior e passasse a exigir visto dos cidadãos, situação que perdurou até 2013<sup>11</sup>, quando os dois países voltaram ao antigo entendimento, que não exigia o documento para turistas. Em outubro de 2021<sup>12</sup>, com o aumento do fluxo e as pressões norte-americanas, o México suspendeu novamente o acordo, e os brasileiros passaram a depender do visto para ingressar no país.

Assim que chegam<sup>13</sup> em Ciudad de México, os migrantes são buscados no aeroporto como parte do pacote. Vão direto para um hotel e se alimentam – na maior parte dos casos, tudo está incluído no preço da viagem. O primeiro hotel no qual se hospedam é bonito e um pouco chique, às vezes tem até piscina. Os migrantes dão uma volta na cidade, aproveitam para

turistar neste único dia, e depois vão dormir. No dia seguinte, seguem viagem até o norte do México, de onde seguirão para a travessia. Uma das cidades para as quais seguem é, justamente, Tijuana.

O segundo hotel, que fica na cidade mais próxima à fronteira, já não garante nada de luxo. “É bem avacalhado”, descreveu um dos migrantes. Atende praticamente somente este público. Chegando lá, resta esperar a hora certa para a travessia. Alguns migrantes passam dias aguardando o chamado dos coiotes, enquanto outros já chegam e saem em poucas horas.

Dado o momento, são transportados em vans lotadas até um ponto mais próximo da fronteira. Na maioria das vezes, esse caminho é feito durante a noite, para não chamar a atenção das autoridades imigratórias. Em algum lugar no meio do deserto, a van para e o contrabandista explica em qual direção os migrantes devem seguir. Às vezes acompanham o grupo, em outras não. A partir daquele momento é cada um por si. Quem aguenta segue, quem não aguenta fica pelo caminho – como a rondoniense Lenilda dos Santos, que ficou para trás já em terras estadunidenses e morreu de fome e sede no deserto em setembro de 2021.

Claro que este não é um roteiro exato e nem todas as travessias são iguais ou seguem esses passos. Algumas pessoas aproveitam que já estão no México e passam uns dias em Cancún curtindo a praia antes de seguir viagem, enquanto outras entram por via terrestre e nem chegam a enfrentar os aeroportos. Alguns enfrentam momentos de terror na fronteira, são assaltados ou perseguidos, enquanto outros passam poucos minutos caminhando e já se entregam. Tem também quem se aventura sem um coiote, o que torna o trajeto, feito invariavelmente em área dominada pelos cartéis, ainda mais perigoso.

A dificuldade do processo varia de acordo com fatores como as circunstâncias do dia, o coiote contratado, quanto a viagem custou, e mesmo as características físicas das pessoas migrantes. “Cada travessia é de um jeito”, contou Roseli, que emigrou em abril de 2021 com o então marido e a filha de quatro anos.

Roseli escolheu quem a levaria por meio do primo de seu ex-companheiro, que já havia viajado com a pessoa sugerida. Pagou mais caro pela segurança, já que “querendo ou não é ilegal, mas antes pagar caro...”, e não enfrentou adversidades no trajeto. “Realmente você tem que saber com quem você está indo, a pessoa tem que ser de confiança. Antes você pagar uma viagem mais cara e ter uma segurança do que você ir com qualquer pessoa que te ofereça”, explicou.

Roseli e sua família atravessaram a fronteira de madrugada, três ou quatro horas da manhã, de acordo com ela. Conta que os contrabandistas estavam fortemente armados – já outros entrevistados disseram não ter visto armas durante o trajeto. No caso de Roseli, “ele tinha arma na cintura, tinha arma na frente dele, no pé dele, tinha arma no meu pé e tinha atrás. Eles já vão falando: ‘Exclui tudo do celular, porque a imigração dá o batidão do celular, exclui tudo. Se tiver dinheiro joga fora’. Eles pedem na hora, tem que fazer na frente deles. Aí eles param o carro em uma estrada de roça”.

O grupo, que de acordo com ela tinha cerca de 100 pessoas, andou por mais ou menos 20 minutos no escuro. “Você não pode ligar lanterna, você não pode ligar nada. Estava muito frio, com mochila nas costas, muita família pegava roupa e jogava fora, porque levou muita coisa e não aguentava carregar”.

Por meio de uma gravação enviada por um migrante, pude ter uma ideia mais certa de como realmente é o deserto entre os Estados Unidos e o México. Minha primeira surpresa: Não se parece com aqueles que os desenhos animados infantis retratam, com altas dunas de areia e pouquíssima vegetação.

O vídeo, gravado à luz do dia (cada travessia é uma, como já disse), mostra um grupo andando por um local acidentado, de terra firme de coloração marrom escuro, muitas pedras e vegetação rasteira. O narrador conta que devido a um erro do coitado, o grupo subiu um grande morro, e estava tendo que descer para seguir viagem. “Não é fácil não, pessoal. Aí ó. Quer ganhar dólar? Pra ganhar dólar é assim”, fala o homem. “Tem que estar bem

fisicamente, psicologicamente, porque é imprevisível o que você vai enfrentar. Mãe com menino, menino chorando, não é fácil não, é o risco que se paga. É o preço que se paga, aliás”.

“A gente sobe muita pedra, mas muita pedra mesmo”, confirmou Vitor, que atravessou de noite com uma criança de cerca 50 kg no colo. Era o filho de uma mulher brasileira também migrante que ele havia conhecido lá mesmo; ela não estava aguentando correr e “estava com medo”. “Coloquei minha bolsa na frente, no peito, e peguei o menino dela e coloquei nas costas. Falei ‘vou levar o seu filho até o final, pode ficar despreocupada, mas eu não vou te esperar, porque não consigo ajudar dois’”. Para não se perderem, a mãe gritava de longe e Vitor respondia de onde estava.

Tanto Roseli quanto Vitor foram para os Estados Unidos com a intenção de se entregar na fronteira, ou seja, utilizando o método conhecido como cai-cai. Porém, essa não é uma escolha para pessoas que já foram deportadas ou que têm algum tipo de pendência com a justiça no Brasil. Quando isso acontece, o passaporte fica marcado e a pessoa tem mais chances de ser automaticamente deportada ou simplesmente devolvida ao México. Assim, resta tentar ir por terra, escolha mais cara e perigosa.

É o caso de Luiz\*, que depois de ficar com o “alerta vermelho”<sup>14</sup> em seu passaporte, por conta de uma deportação, decidiu tentar de novo. O migrante e sua esposa escolheram pela vida no Hemisfério Norte “por querer ter nosso próprio negócio mais rápido”, “mais por luxo mesmo, a gente não tinha uma vida ruim no Brasil”. Foram os dois pela fronteira: Ela foi liberada em terras norte-americanas depois de 65 dias detida; ele não.

Luiz ficou preso por 132 dias na cadeia de imigração, no estado da Geórgia, onde aprendeu espanhol porque “fiquei detido com várias outras pessoas que falavam espanhol também, então eu fui obrigado a aprender”. “No início foi mais complicado, mas com a necessidade vem o aprendizado”, descreveu. Quando conversamos pela primeira vez, estava na Guatemala, se preparando para entrar no México de carro.

Por 35 mil dólares (cerca de 197 mil reais na cotação da época, R\$5,63) Luiz e seu cunhado, que também havia sido deportado, deixaram o Brasil para uma travessia de 15 dias: “A gente sai do Brasil para a Costa Rica. De lá, nós vamos para Nicarágua, depois para Honduras e Guatemala. Da Guatemala pro México e do México pros Estados Unidos”.

Do Brasil até a Costa Rica, foram de avião. O resto do trajeto foi percorrido de ônibus até a Guatemala, quando entraram em um carro. “Nós vamos atravessar de carro, nós não vamos atravessar deserto, por isso que a gente está pagando mais”, explicou. Viajaram somente os dois e o coíote, enquanto a esposa esperava já trabalhando nos Estados Unidos. “Já tínhamos lugar pra ficar e serviço arrumado”. Depois de alguns dias da primeira conversa, chamei-o novamente para confirmar se a travessia havia se concretizado. Tudo certo, já estava trabalhando nos Estados Unidos.

## Parte 2

Assim que um migrante decide sair do país, entram em cena aqueles que permitem e proíbem a travessia. Na entrada de Governador Valadares, um outdoor gigante de uma empresa de turismo já anuncia: “Visto americano aprovado ou seu dinheiro de volta”. “É um negócio curioso, que só existe aqui”, avaliou Siqueira, da Polícia Federal.

Seguindo o caminho regular, primeiro os aspirantes à vida no exterior tentam conseguir o visto, entrar como turista no país e ficar lá. Essa jornada – que para os provenientes do leste de Minas Gerais tem poucas chances de sucesso – custa caro. Tirando os gastos com a viagem até o Rio de Janeiro ou São Paulo, e abrindo mão das consultorias que prometem facilitar o serviço ao preencher os formulários burocráticos cheios de juridiquês, solicitar um visto de turista (categoria B) sai por no mínimo 160 dólares (900 reais, com o dólar a R\$5,63) pagos à emissora, ou seja, ao governo norte-americano.

Como os mineiros, em especial os de classe média e baixa, já ficam marcados e são visados quando chegam à embaixada, muitas vezes tentar um visto é jogar dinheiro fora. “Eles não

conseguem visto pela embaixada americana, são extremamente e altamente discriminados”, explicou Galvão. “Esse momento da entrada é discriminatório demais. Vai da sua cara”, concordou Magalhães.

Minhas amigas de infância, aquelas cujo pai deixou o Brasil em 2004 e não voltou até então, já tentaram três vezes, sem sucesso, garantir a possibilidade de visitá-lo e matar as saudades. Não têm nenhuma intenção de ficar no país de forma irregular.

Acompanhei o processo e as frustrações delas ao longo do tempo. Uma vez a embaixada afirmou que elas não tinham vínculos suficientes para estar no Brasil; com o auxílio do pai, investiram em um terreno, construíram suas casas e montaram negócios de venda de produtos de beleza e outros utensílios. Ainda assim, foram negadas na próxima tentativa. A última resposta foi curta e grossa, sem margem de adaptação: “Vocês não têm o perfil”. E elas voltaram aos prantos sem entender o que haviam feito de errado.

Ao longo deste livro, busquei demonstrar a existência de uma rede complexa de estabelecimentos que surgem por e para a migração. É daí que se tira a resposta de uma das perguntas-chave desta apuração: Se criminalizar a migração não a impede ou diminui, a quem interessa essa abordagem?

À indústria das migrações, que deve ser entendida para além do clichê do coioite, já que é muito mais ampla do que sua parte ilegal. Os contrabandistas, sejam brasileiros ou mexicanos, mesmo sendo a resposta mais fácil para o questionamento sobre quem lucra com tudo isso, são apenas parte do esquema, que existe na legalidade e na ilegalidade.

A migração tornou-se um grande negócio<sup>15</sup>. Inclui os pequenos empresários, que facilitam o transporte dos migrantes de sua cidade natal até onde se tenta tirar o visto; as redes criminosas organizadas, que contrabandeiam os migrantes nas mesmas rotas em que traficam armas e pessoas; as empresas privadas, que oferecem serviços de contratos de trabalho e verificação de passaportes e vistos; além dos prestadores de serviços, que trabalham para o

Estado no controle e vigilância das fronteiras ou na gestão dos asilos de migrantes. Se for caso de deportação, a indústria também dá conta: Está na manutenção dos aviões, paga os salários dos pilotos, e, como nada é de graça no capitalismo, apropria ali sua parte do lucro.

Muita gente lucra com a migração tal como está, direta e indiretamente. De acordo com Ninna Nyberg Sørensen<sup>16</sup>, doutora em antropologia e pesquisadora principal de departamento do Instituto Danés de Estudos Internacionais, “é quase impossível falar de migração sem falar também da indústria das migrações”, como escreve em artigo do Dicionário Crítico de Migrações Internacionais. Ela define a indústria como “o conjunto de atores não estatais que fornecem serviços que facilitam, restringem ou prestam assistência na migração internacional”.

“Os governos sustentam ativamente e financiam eles mesmos uma grande parte da indústria migratória”, já que “a complexa legislação migratória, as barreiras à migração legal e as restritivas políticas de refúgio continuam fomentando tanto as agências que facilitam a migração legal quanto os traficantes de pessoas”, explica. A pesquisadora argumenta que a indústria atualmente “impacta tanto os fluxos migratórios mundiais quanto a gestão das migrações mais do que em qualquer outro momento da história”.

Já Giuliana Redin<sup>17</sup>, coordenadora do Migraidh, Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional, defende que “as migrações internacionais ganham um sentido político-jurídico nas fronteiras territoriais quando tendem a ser reduzidas a uma questão de segurança, apesar de toda a sua dimensão humana. A partir disso são facilmente estigmatizadas como algo patológico, ruim ou ameaçador ao corpo social, o que justifica, nos aparatos normativos do Estado, o controle migratório, critérios de vistos, seletividade humana, etc”.<sup>18</sup>

De acordo com a pesquisadora, a temática migratória não traz em si como inerente a relação com a segurança pública, isso é fabricado. “A migração internacional, embora colocada na agenda da segurança e, portanto, alojada no sentido do controle de fronteiras e instrumento geopolítico, está em sua totalidade alheia aos fatores objetivamente ameaçadores à segurança

nacional ou à segurança pública”, escreve também no Dicionário Crítico de Migrações Internacionais.

“A ‘securitização’ é um truque de mágica, calculado para ser exatamente isso”, escreve Bauman<sup>19</sup>. O conceito é definido pelo filósofo como “a reclassificação cada vez mais frequente de algo antes imaginado como pertencente a outra categoria de fenômenos como um exemplo de ‘insegurança’; uma reclassificação seguida quase de forma automática pela transferência desse algo para o domínio, o encargo e a supervisão dos órgãos de segurança” – como aconteceu depois do 9/11, quando a migração virou parte do escopo do DHS.

Essa forma de encarar fenômenos humanos prospera com a criação de uma “atmosfera de um estado de emergência, de um inimigo à porta” busca “desviar a ansiedade, de problemas que os governos são incapazes de enfrentar (ou não têm muito interesse em fazê-lo) para outros, com os quais os governantes – diariamente e em milhares de telas – aparecem lidando com energia e (por vezes) com sucesso”. É mais fácil e visual construir um muro do que reformular todo um sistema. Também gera mais dinheiro.

Gláucia de Oliveira Assis<sup>20</sup>, que estuda a emigração de brasileiros para os Estados Unidos na Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC) ressalta ainda o impacto das restrições na travessia do migrante: “Quando as políticas se tornam mais restritivas, as estratégias de imigração vão se tornando mais ousadas, a irregularidade aumenta, então você acaba estimulando as redes de tráfico de pessoas. Você tem uma intensificação do tráfico na fronteira e um aumento das mortes de imigrantes na fronteira”.

“Colocar restrições só torna o processo do coioite mais rentável, quanto mais difícil, mais caro fica e aumenta a rentabilidade”, concorda o pesquisador Duval Magalhães. “Parece até que existe uma associação entre aquele que restringe e o coioite que leva. O que restringe ganha, porque põe a sua plataforma, e o coioite ganha, porque cobra mais caro”, acrescenta.

Magalhães defende que não existiria migração irregular se os Estados nacionais do mundo globalizado, onde dinheiro e mercadorias atravessam as fronteiras muito mais facilmente do que seres humanos, garantissem o “direito de migrar”.

“Quanto mais você fecha a fronteira para os imigrantes, mais você amplia a permanência dos imigrantes que entraram de forma irregular. Por quê? Porque eles não podem sair e voltar. Então regularizar é uma forma de reduzir a migração, quando você regulariza, você permite que essas pessoas transitem. E vai chegar um momento em que o mercado de trabalho, dependendo do tipo de trabalho, não vai absorver mais aquela mão de obra. Então esse fluxo migratório caminha para outro local”, defendeu.

Parece óbvio, mas precisa ser dito: É a restrição que cria a irregularidade e alimenta aqueles que se beneficiam da regulamentação e da falta dela. Uma agenda migratória pautada exclusivamente na compreensão do fenômeno a partir dos direitos humanos reconheceria o direito de migrar.<sup>21</sup> Se o migrante, independentemente do país de origem e motivação, pudesse simplesmente buscar outro local onde viver, a tendência seria reduzir os fluxos e crises, como explicou Magalhães em entrevista. “Mas aí é utopia total”, advertiu.

Não existem respostas fáceis.

## **6) Procura-se, vivo ou morto**

Era madrugada quando Antônio recebeu um vídeo de uma mulher que há pouco tempo havia conhecido. Era o link para uma live enviado pelo Messenger, aplicativo de mensagens do Facebook. O vídeo, gravado na vertical a partir de um celular, tinha 20 minutos e já advertia no título que se tratavam de “imágenes fuertes” (imagens fortes, em espanhol).

Começa com a visão de uma mulher andando pelo deserto. Ela vestia roupas simples, uma blusa branca de mangas compridas e uma calça legging que parecia ser preta, botas nos pés e um chapéu na cabeça, além de uma bolsa grande e vermelha pendurada nos ombros. É possível ver pedras e vegetação rasteira e seca, com alguns arbustos quebradiços e sem folhas

– a vegetação em ambientes muito quentes fica sem as folhas, porque são as áreas que transpiram e perdem água sem necessidade. Por alguns segundos, o ambiente é de silêncio total. Como único resquício de uma cidade próxima se vê uma torre de energia ao fim do horizonte.

Aos poucos, se escuta o barulho de passos e é possível ver mais gente nas redondezas. As pessoas estão de máscara, já que a live é transmitida ao vivo em 24 de setembro de 2020, em plena pandemia de covid-19.

“¿Hola, que tal? Buenos días a todos. Nos encontramos en la ciudad de la división de Tijuana Tecate”,<sup>1</sup> fala o homem que parece estar segurando a câmera. O vídeo é gravado a partir da fronteira entre duas cidades ao norte do México, Tijuana e Tecate, perto da fronteira com os Estados Unidos. As duas cidades são separadas por algumas manchas de deserto. “Lamentablemente damos positivo con dos cuerpos sin vida”<sup>2</sup>. Lamentavelmente, a busca foi positiva.

Antes de mostrar de perto as ossadas e objetos encontrados, o homem adverte novamente sobre o teor das imagens: “Las imágenes son muy fuertes”<sup>3</sup>. “Se alguma pessoa tem algum familiar desaparecido e pode identificar alguma das vestimentas...”, continua ainda em espanhol de sotaque mexicano. O homem explica que parece se tratar de uma mulher e um homem, os dois de estatura baixa.

Mais silêncio e a câmera se foca em um osso sem ossada, não identificado. “Estamos encontrando um osso humano”, descreve. Começa a andar adiante e avisa que mostrará os corpos encontrados. Faz uma parada para mostrar mais ossos sem dono. “Parte de los dedos”, narra, como quem sabe identificar. “Esse terreno é de cruzada de indocumentados, pode ser que essas sejam algumas pessoas que estavam indo aos Estados Unidos”, explica.

Os voluntários andam mais e chegam até as vestimentas encontradas. A imagem foca em um tênis preto jogado ao lado de uma mancha escura sem forma, e restos do que foi uma camisa

de listras brancas e azuis, que parece ter sido muito pisoteada. Uma mão de luva pega a camisa e mostra a etiqueta vermelha à câmera. A voz de mulher lê o que está escrito: O nome da marca e o tamanho, 38. Repete o processo com outras peças de roupas espalhadas, uma a uma. Encontra outra camisa do mesmo tamanho e uma calça legging de mulher de cor azul marinho com as letras “U.S.A” marcadas na etiqueta: É de marca americana. “Peço que compartilhem esse vídeo, e o façam com muito respeito”, fala o narrador.

Os corpos e os restos de roupas ainda grudados a eles parecem ter sido queimados, mas provavelmente só se trata do processo natural de decomposição. As imagens mostram as costelas dentro de panos pretos que já foram moletons, e o que lembra uma espécie de poeira preta e grudada sobre as ossadas. Dois bonés estão ao lado da ossada. A luva preta continua pegando peça a peça e lendo as descrições. O homem que segura a câmera repete mais alto tudo que a mulher fala para que fique claro. Os ossos vestem uma cueca box, deve ser um homem, concluem os dois.

Encontram o par do tênis jogado no início da trajetória calçado no que já foi um pé e hoje é osso. A mulher descola a língua e lê o tamanho do sapato. “Se alguma família tem alguém que estava tentando entrar nos Estados Unidos e tem essas características, mande uma mensagem para a página”, pede o narrador.

Seguem adiante até outro corpo, que está no meio de arbustos secos. No caminho, mais ossos, mas “esses são de animais”, explica a voz de homem. Cabelos escuros e lisos estão no chão perto do crânio e da dentição, que figuram ao lado do resto da ossada com pouca roupa. “Aqui há uma parte de um pé, é um pé bem pequeno”, nota o homem.

Cerca de cinco meses depois do desaparecimento de seu primo, “aqueles primos que cria junto, como se fossem irmãos”, foi assistindo a esses vídeos que Antônio, então com 24 anos, passou parte da madrugada. Depois de entrar “em contato com todos os órgãos possíveis que a gente podia entrar” e não conseguir retorno efetivo, ele, mesmo sem esperança, resolveu

clicar no link enviado pela tia de um rapaz cujo corpo morto havia sido encontrado na fronteira.

“Eu não tenho esperança de achar nem ossada. Infelizmente, pela situação, eu não tenho esperança nem disso. Eu ainda procuro, igual o dia que a mulher me mandou o vídeo, eu fiquei de madrugada assistindo meia hora, quarenta minutos de vídeo, pra olhar roupa, os ossos, pra ver se achava alguma coisa. Aquele pinguinho de esperança que fica no fundo, de encontrar alguma coisa, é o que move a gente”, explicou em entrevista.

Antônio busca por Felipe Crisóstomo, de 31 anos, que desapareceu em 17 de abril de 2021 ao tentar atravessar a fronteira e chegar nos Estados Unidos. Descreve o primo como alguém que “nunca teve preguiça de trabalhar”. “Ele gostava de beber, era muito brincalhão, além de ser muito família, e era super disposto a ajudar as pessoas no que fosse preciso. Ele não ‘garrava’ com coisa material, tinha a vontade de ter uma casa, melhorar a casa da mãe, dos pais, mas não tinha vontade de ter muito dinheiro, não era ambicioso”.

A família ficou dois ou três meses sem notícias do parente, sem nenhuma ideia do que poderia ter acontecido. Os coiotes falavam que não sabiam, que Felipe deveria estar preso, mas ninguém tinha certeza. Depois de muito procurar, encontraram uma mulher que havia estado no mesmo grupo do migrante na tentativa de atravessar a fronteira. Ela havia conseguido, estava em terras estadunidenses. Mas não trazia boas notícias.

A família ainda tem suas dúvidas, mas alguns fatos são certos. No México, Felipe comprou algumas cápsulas de cafeína para aguentar a travessia, que seria de 11 horas andando pelo deserto. Ele tinha pressão alta e, ainda no hotel, na cidade fronteiriça de Tijuana, começou a passar mal, mas não quis adiar o sonho.

Logo no início da travessia, não conseguiu subir “um morro muito íngreme” e teria infartado. Apressados pelos coiotes, os outros migrantes deixaram ele pra trás, alguns dizem que respirando, mas isso não se sabe. Os coiotes falaram que voltariam para buscá-lo, mas a partir

daquele momento não se tem notícia de alguém que o viu – ao menos nada que possa ser comprovado, já que Antônio conta ter sido assediado por pessoas querendo dinheiro em troca do o primo, mas sem oferecer provas de que realmente estavam com ele.

Felipe Crisóstomo deixou para trás dois filhos, uma menina de 12 e um bebê de dois. Cresceu em Itambacuri, onde tentou, logo antes da pandemia de covid-19, abrir um sacolão. Com a quarentena em função do aumento dos casos e mortes pela doença, o negócio teve que fechar as portas e a situação ficou inviável. “Quando começou as coisas tudo dar errado, foi tudo por água abaixo, aí que ele desesperou”, narra o primo.

Sem condições de manter a família no Brasil, Felipe, que “nunca teve essas conversas de ir embora”, decidiu emigrar, ao que recebeu apoio de seus tios e parentes que já estavam nos Estados Unidos (“metade da família do meu pai mora lá”, contou Antônio). Os primos “iam bancar a viagem, deram a segurança econômica”, já que “estavam estabilizados lá, como cidadão e tal, e gostavam muito dele”.

Os familiares só foram entendendo melhor a situação financeira e a urgência da migração depois do sumiço do parente, quando ficaram “sabendo que ele tava devendo né, tava com dívida”, explica Antônio. “Imagino que nesse contexto, ele viu como é que tava a situação do pessoal, todo mundo indo embora...”

Com o “todo mundo indo embora”, Antônio se refere ao aumento do fluxo migratório de brasileiros no início de 2021, também notado por pesquisadores da área. Duval Magalhães, professor do programa de pós-graduação em Geografia da PUC Minas, visitou algumas cidades mineiras conhecidas por seus fluxos e conversou com secretários e funcionários das prefeituras na época. “Durante a pandemia tem cidades aqui que falam que de 500 a 600 pessoas foram para os Estados Unidos. Cidades pequenas. Então o processo continua, mesmo com toda a dificuldade e risco ampliado agora pela pandemia”, explicou em entrevista. O fluxo chegou a cair nos primeiros meses, de março a julho de 2020, mas voltou rapidamente aos níveis pré-pandemia e aumentou no início de 2021.

Na análise do professor, a situação tende ainda se intensificar quando “as barreiras sanitárias começarem a cair”. “Nós vamos ter um fluxo migratório, algo que nós ainda não tínhamos conhecido no Brasil. Certamente”, afirmou, categórico. “O Biden vai ter na frente dele uma situação muito complicada para resolver”.

A chegada de um democrata à presidência, em especial depois de um governo abertamente contra à imigração, como o do republicano Donald Trump, gerou nas cidades mineiras uma sensação de “liberou geral” – o que não é verdade, nunca foi. Em contraposição ao seu anterior, Biden revogou políticas de Trump que dificultavam ou até barravam a solicitação de refúgio por parte dos migrantes — para especialistas e advogados, algumas medidas de Trump eram ilegais, já que desrespeitavam os tratados internacionais de solicitação de refúgio.

A mais famosa delas é o Protocolo de Proteção aos Migrantes (MPP, na sigla em inglês) que, de acordo com especialistas, de proteção não tem nada. Pelas regras do programa criado por Trump em janeiro de 2019, os solicitantes de refúgio deveriam esperar a apreciação de seus pedidos no México ou em outro local fora dos Estados Unidos.<sup>4</sup>

O projeto está dando trabalho para a justiça desde 2019. Em abril daquele ano, foi suspenso em primeira instância pelo Tribunal de Apelações do Nono Circuito, que o considerou incompatível com a legislação imigratória americana. Em fevereiro de 2020, o tribunal de apelação (segunda instância) confirmou o veredicto: Considerou que o MPP, conhecido como "Remain in Mexico", (Fique no México) viola a legislação e não protegeria o migrante. A decisão abrangeu nove estados, incluindo Califórnia e Arizona, que têm fronteira com o México.

“Isso colocou essas pessoas em perigo, que as pessoas ficavam perto da fronteira esperando o seu número, dormindo na rua em Tijuana, ou em abrigos em Tijuana, e muitos foram roubados e até alguns assassinados”, explicou Felipe Alexandre.

Porém, em agosto de 2021, a Suprema Corte frustrou Joe Biden e decidiu pela retomada do projeto. De janeiro de 2019 até março de 2020, o MPP já havia sido utilizado para devolver ao México mais de 60 mil estrangeiros não-mexicanos. Paralisado oficialmente por Biden em junho de 2021, meses depois do anúncio inicial, em outubro um juiz indicado por Donald Trump ordenou o retorno do programa.

Como consequência da decisão, o governo Biden está obrigado a apresentar relatórios mensais sobre as medidas que está tomando para reimplantar o programa; porém a efetiva reinstalação do projeto depende da aceitação do México, que pode negar o recebimento dos migrantes. Em 29 de outubro o governo dos Estados Unidos, em resposta a pedido da Associação Americana de Advogados de Imigração (AILA, na sigla em inglês)<sup>5</sup>, rescindiu novamente o programa, mas isso não o livra da obrigação posterior de cumprir a ordem judicial.<sup>6</sup>

Além disso, no dia seguinte à posse, o novo presidente promulgou o que ficou conhecido como a “Lei dos 100 dias”. Era como uma promessa: não deportaria imigrantes pelo tempo estimado, o que foi encarado como um convite. De cidades mineiras partiram vãs e ônibus em rumo à travessia pela fronteira.

Felipe Alexandre, advogado de direito migratório, explica que a ideia era apenas “fazer uma pausa para rever as políticas”. “Isso com o fato que o Biden entrou em poder e o jeito que ele falava sobre os imigrantes deixou muitas pessoas acreditarem que ‘agora sim, ele vai legalizar todo mundo, vamos para lá’”, afirma o advogado. Porém, “não foi o caso”.

“Eu entendo a lógica, se por 100 dias eles vão parar a deportação, então os migrantes pensaram ‘vamos entrar, né?’ Mas eles ainda podem te prender e te colocar em processo de remoção, e depois de 100 dias você ainda pode ser deportado se você não saiu com fiança e não convenceu o juiz que você pode permanecer aqui”, explicou.

Outro fato que gerou desinformação<sup>7</sup> em meio às comunidades de imigrantes envolve uma promessa de campanha de Biden: Fazer uma reforma imigratória. Uma das tentativas do governo foi incluir parte das mudanças dentro da lei orçamentária, argumentando que a documentação dos migrantes geraria pagamento em forma de impostos tão relevante a ponto de ser considerado no orçamento. Porém a gambiarra<sup>8</sup> foi inicialmente rejeitada pelo Senado e o governo busca novas alternativas. Entretanto, isso não impediu que nas redes sociais da comunidade migrante fossem propagadas histórias “maravilhosas” de pessoas que já haviam conseguido o green card por meio da suposta nova legislação, o que nada têm de verdade.

Mesmo com os acenos e discursos mais amáveis, na verdade, de pró-imigração Biden parece ter pouco. Em muitos pontos a prática do governo democrata continua buscando expelir mais do que acolher. O mais marcante é a manutenção do Título 42, ao menos durante o primeiro ano do mandato. Se trata de lei de saúde pública evocada por Donald Trump em março de 2020 para expulsar imediatamente os imigrantes apreendidos sob justificativa da pandemia de covid-19 – e novamente questionada por advogados e ativistas de imigração por restringir os direitos de solicitantes de refúgio.

De 21 de março até 30 de abril, quando os fluxos migratórios estavam menores do que o usual por conta da pandemia, mais de 20 mil estrangeiros foram expulsos com base no Título 42 na Fronteira Sul. Em julho de 2020, quando os níveis de apreensões na fronteira voltaram aos níveis registrados no pré-pandemia “quase 90% dos mais 40 mil ocorrências na fronteira sul foram processadas nos termos do Título 42, resultando em ‘expulsão’ por razões sanitárias”, registrou um telegrama obtido pela “Fiquem Sabendo”, agência de dados especializada na Lei de Acesso à Informação (LAI) no início de 2021. O documento havia sido enviado pela Embaixada Brasileira em Washington aos consulados e órgãos diplomáticos brasileiros e também apresenta uma conclusão: a política de expulsão imediata fez mais gente se arriscar na fronteira.

Durante o ano fiscal de 2020, 268 brasileiros foram processados nos termos do Título 42, número que em 2021 chegou a 2 587, dos quais 449 eram indivíduos que vinham com suas

famílias, 36 eram crianças acompanhadas e cinco eram menores brasileiros sozinhos. A partir de oito de novembro de 2021 as fronteiras com o México e Canadá – fechadas desde março do ano anterior – foram reabertas para turistas vacinados, mas os aspirantes a refugiados, mesmo vacinados, não foram incluídos nas categorias passíveis de entrada.<sup>9</sup>

Enquanto se expulsava imediatamente solicitantes de refúgio, se mantinham as obras para a construção do muro na fronteira sul, registrou documento diplomático<sup>10</sup> de abril de 2020, obtido de mesma fonte. A Construção Civil, setor repleto de migrantes, não parou. Muitos dos trabalhadores essenciais no país norte-americano são migrantes, que continuaram se expondo à doença mesmo temendo os altos custos de tratamento nos hospitais privados e, como sempre, a deportação pela política de zero tolerância.

Felipe, como muitos outros brasileiros, interpretaram as ações de Biden como um convite enquanto ignoravam o claro alerta da vice-presidente Kamala Harris, encarregada de assuntos de imigração, em viagem à América Central: “Don’t come” (não venham, em inglês). Não só a vice-presidente foi clara, o próprio chefe do Executivo e o secretário do Departamento de Segurança Interna, Alejandro Mayorka, também já disseram explicitamente que potenciais solicitantes de refúgio devem se manter onde estão.<sup>11</sup>

“Não se deve esperar de um político americano um discurso favorável à migração, isso daí é bobagem”, comentou Duval.

Porém, ao menos duas coisas os que desejam emigrar para construir uma vida melhor e os mais fanáticos republicanos têm em comum: os dois acreditam que as fronteiras estão abertas e que Biden simpatiza com os imigrantes. Os dois também não estão baseados em fatos reais.

## **7) Burritos na cadeia**

O burrito é uma comida tradicional da culinária mexicana, que consiste em uma tortilla de farinha – espécie de pão folha, de massa seca e bem fina – recheada com outros ingredientes, como carne ou feijão. Para fins de imersão nesta história, resolvi comer um no dia em que

escreveria este capítulo. Pedi um burrito de feijão, que vinha com cebola e queijo prato, de uma conhecida rede de fast food mexicano. Certamente não deve ser tão parecido ao que meus entrevistados comeram, mas ajuda a visualizar.

No México o burrito é comido com bastante pimenta, arde a boca. Já no Brasil, ao menos quando experimentei, pedi pro restaurante não exagerar. Ainda assim, para paladares não acostumados como o meu só consegui comer com uma garrafa de água ao lado e um chocolate depois do fim da refeição.

Nas detenções estadunidenses, os migrantes não têm essa escolha. São alimentados três ou cinco vezes por dia<sup>1</sup> e o prato chefe é o burrito de feijão, acompanhado de água e alguns biscoitos. Todos os migrantes entrevistados (literalmente todos) reclamaram dos burritos da cadeia – um deles reclamou de um “mojito” enquanto descrevia um “burrito”. Como imagino que as prisões do maior inimigo de Cuba não sirvam drinks alcoólicos, e ainda mais um cubano, acredito que ele se referia à mesma coisa. As palavras em espanhol devem ter se misturado na memória.

Tamanho é o protagonismo do burrito que ele merece um capítulo em homenagem. Mas antes de falar mal da comida dos outros – espero deixar bem claro que acredito que o ódio tem mais a ver com a prisão do que com o paladar – é importante explicar porque servem burritos nos asilos estadunidenses para migrantes. Já adianto que as explicações não tornam a situação menos estigmatizada e racista.

O filme “Un día sin mexicanos” (2004, Sergio Arau) serve como um bom ponto de partida para a discussão. A comédia-drama de 2005 parte de um cenário distópico: Do dia para a noite, todos os mexicanos somem da Califórnia, sejam eles guatemaltecos, nicaraguenses, argentinos, colombianos, brasileiros ou de qualquer outra nacionalidade da América Latina. “Un día sin mexicanos” na verdade narra as consequências de “Un día sin latinos”. O filme deixa isso claro, mas brinca com as palavras para expressar um desconhecimento e preconceito reais.

Sem todo tipo de mexicano, as cidades mergulham no caos total. Caminhões antes dirigidos por migrantes ficam parados no meio da rua, as hortaliças param de chegar nos mercados, e alguns amados latinos, jornalistas, cantores ou atores, têm sua falta sentida pelos fãs estadunidenses. Famílias são separadas, crianças ficam sem pais. Os descendentes de mexicanos de várias nacionalidades são constantemente indagados: “Mas por que você não sumiu também?” A falta de mexicanos afeta o país e paralisa a economia.

A generalização é sim baseada em fatos, mesmo distorcidos. De acordo com dados do Serviço de Alfândega e Proteção de Fronteiras (CBP), os mexicanos (agora me refiro aos realmente nascidos no México) compõem o maior fluxo de migração para os Estados Unidos, dividindo espaço com hondurenhos, guatemaltecos e salvadorenhos.

No ano fiscal de 2021, quase 675 mil mexicanos passaram<sup>2</sup> pelas autoridades migratórias estadunidenses, número que em 2020 foi de 309 mil. Os hondurenhos somaram mais de 321 mil em 2021 e 43 mil em 2020; enquanto 284 mil guatemaltecos emigraram em 2021 e 49 mil no ano anterior. Os salvadorenhos compuseram um fluxo um pouco menor, de quase 18 mil no primeiro ano de pandemia a 99 463 mil no ano seguinte. Perto dos imigrantes de outras nacionalidades, o número de brasileiros parece menos relevante: 58 mil brasileiros foram pegos em 2021, o que representa grande crescimento em relação a 2020, quando o número mal chegou a 10 mil (9 147).

Pela proximidade com os Estados Unidos, foi também do México que saíram os primeiros migrantes que iniciaram o fluxo migratório dos países latino-americanos. Hoje com discurso repressivo, foi a terra do Tio Sam que começou esse processo.

Sem conseguir encontrar estadunidenses que topassem o trabalho pesado das plantações agrícolas, em 1942 surgiu o Programa Bracero<sup>3</sup>, um acordo com o México que permitia que cidadãos mexicanos trabalhassem nas plantações do país vizinho por tempo determinado. A necessidade de estrangeiros havia sido incrementada pelas perdas de homens trabalhadores

durante a Segunda Guerra Mundial, mas o programa ainda durou nove anos após o fim da mesma, sendo finalizado em 1964. Durante os 22 anos de duração, permitiu que mais de 4 milhões e meio mexicanos fossem contratados nos Estados Unidos, especialmente no Texas e na Califórnia. No próprio acordo estava escrito que os migrantes não poderiam ser discriminados ou explorados, duas preocupações de seu país de origem.

Mesmo com o programa, muitos ainda não atendiam aos requisitos e emigravam de forma irregular. O número de pessoas indocumentadas durante a vigência do Braceros foi igual ou superior ao número de trabalhadores contemplados pela política.

Duval Magalhães explica que quando o projeto foi interrompido, em 64, existia “na ponta mexicana, o mexicano que trabalhava ali; e na ponta americana, o fazendeiro que precisava do mexicano para trabalhar naquela condição, com aquele valor. Só faltava alguém para fazer a intermediação, o sistema já estava todo montado. Aí surgiu o coioote.”

Encerrado o Programa Braceros, anos depois outra alternativa com a mesma finalidade foi criada. Em 1986 o Congresso norte-americano instaurou um visto temporário ou sazonal<sup>4</sup> para trabalhadores estrangeiros no setor agrícola: O visto H2-A. Existe também o H-2B, que segue a mesma premissa, mas para trabalhadores temporários de outras áreas.

Mesmo existindo desde 1986, foi nos últimos 15 anos que o programa ganhou tração<sup>5</sup>. De 2005 a 2019 o número de vagas que poderiam ser preenchidas por estrangeiros aumentou cinco vezes (de cerca de 50 mil, em 2005, para quase 260 mil, em 2019). “Ainda assim, estima-se que apenas 10% dos cerca de 1,4 milhão de postos de trabalho do setor agrícola seja suprido por meio do programa”, registrou telegrama da Embaixada brasileira em Washington em maio de 2020.

Para se qualificar a essa permissão de entrada, o migrante deve atender a dois requisitos: 1) Ter recebido uma oferta de emprego de um empregador americano que oferece trabalho agrícola temporário; 2) Pretender retornar ao seu país de origem após o vencimento do visto.

O programa de vistos não é restrito ao México, engloba 81 países<sup>6</sup>, considerados pelas autoridades norte-americanas como cooperativos na identificação, emissão de documentos e recebimento de nacionais deportados.

Mesmo assim, os mexicanos formam maioria. Desde 2005, a proporção destes cresceu de 82% para 91% dos vistos H-2A concedidos. Depois do México, os países mais representados são África do Sul (2%); Jamaica (2%); e Guatemala (1%). O programa tem duração máxima de um ano e só vale para vagas para as quais não haja candidatos americanos interessados. Em 2019, foram concedidos 204.791 vistos H-2A e certificados 257.667 postos de trabalho no âmbito do programa.<sup>7</sup>

Quando faltam trabalhadores, o governo dos Estados Unidos libera mais vagas e incentivos. Durante a pandemia de covid-19, por exemplo, o Departamento de Segurança Interna flexibilizou as regras de concessão de vistos H-2A para trabalhadores estrangeiros que já estavam no país a fim de "evitar a interrupção do trabalho agrícola legalmente autorizado, proteger a oferta de alimentos da nação e reduzir os impactos da emergência de saúde pública do coronavírus".

O programa é criticado pelos dois lados da moeda da política: Os democratas o criticam porque permitiria a “exploração dos imigrantes por salários baixos; e os republicanos o consideram “uma forma de autorizar a entrada legal de imigrantes que viriam a permanecer ilegalmente nos EUA”, como descreve o embaixador Nestor Forster no telegrama. Apesar disso, “existe razoável apoio a respeito da necessidade de mão de obra estrangeira no setor agrícola”, avalia.

“Especialistas apontam, ainda, o programa como um dos fatores responsáveis pelo declínio das apreensões de mexicanos na fronteira sul dos EUA nos últimos anos e recomendam a utilização do mecanismo como forma de controlar e alterar o padrão de imigração irregular de nacionais dos países do Triângulo Norte. Estudos indicam que o programa teria alta taxa de retorno e aderência por parte dos estrangeiros, que veriam no cumprimento das regras do

programa oportunidade de garantir renda significativa para o sustento de suas famílias nos países de origem”, explica o embaixador brasileiro em documento transmitido aos consulados brasileiros nos Estados Unidos e para as embaixadas do México, Guatemala, São Salvador, Tegucigalpa e Pretória.

Assim, os mexicanos foram e ainda são os rostos da imigração para alguns estadunidenses – está aí a explicação para os burritos da cadeia. Num exercício de abstração, imagino que a mente das autoridades imigratórias que tomaram essa decisão deve ter seguido mais ou menos esse caminho: “Se os mexicanos são os migrantes que conhecemos, cujas feições reconhecemos nas ruas (ou achamos que reconhecemos), e eles gostam de burrito, vamos dar burritos pra eles. Afinal, toda aquela galera da América Latina deve curtir também, é tudo meio igual”. O que, é claro, não é verdade. Naquela base de dados sobre maus-tratos infantis nos asilos de imigração entre 2009 e 2014, algumas crianças e seus pais reclamaram de receber como alimentação burritos de frango e feijão congelados ou podres.

Anos depois, em 2021, o burrito da cadeia continua recebendo críticas. “A comida de lá é horrível, mas é muito ruim, é tipo um burrito que vem feijão e carne, e uma massa bem mole, bem mole mesmo, muito ruim. Ninguém comia, todo mundo deixava o burrito; ou quando os policiais iam oferecer, pediam para dar só o suco e uma bolacha”, narrou Vitor, que passou por duas detenções. Na segunda, onde também serviam burritos, comentou que um tipo de “miojo esquentado” “era a melhor coisa que tinha para comer”.

“A gente não teve comida, a gente comeu um tal de mojito, que é a pior coisa do mundo que eu comi na cadeia até hoje. Uma bolachinha e amendoins. Não como o mojito porque eu não como feijão, não como feijão. Então eu fiquei um dia e meio só tomando água. Não descia, não desce. O feijão é doce, e eu não como feijão, nem como amendoim. Eu tomei água pra caramba”, complementou Henrique, que trocou as palavras.

Luiz, aquele que foi deportado e reiniciou sua travessia subindo a América Latina por vias terrestres, ficou 13 dias preso com a polícia imigratória e depois mais 119 em um abrigo (“

eles falam abrigo, mas é igual uma cadeia normal que você vê em filme”). Nos 13 primeiros dias, quatro das cinco refeições eram burritos de feijão, e a que sobrava era uma barra de cereal. “Lá, eu fiquei 13 dias sem tomar banho e sem escovar dente com outras pessoas”.

Os migrantes ficam de poucos dias a meses nos abrigos imigratórios, depende do tempo que os oficiais levam para analisar cada caso e ajeitar os documentos. Enquanto estão nos asilos, seus documentos são avaliados para que as autoridades tomem a decisão de mantê-los no país até o julgamento final do pedido de refúgio por um juiz de imigração, ou já deportá-los por considerar que não existem justificativas suficientes para a solicitação. Quando são soltos em terras estadunidenses para aguardar o julgamento, os migrantes se comprometem a comparecer em cortes periódicas para acompanhamento dos oficiais. Geralmente o homem, responsável pela família, usa uma tornozeleira eletrônica ou alguma outra maneira de ser rastreado por alguns meses para garantir que não sumirá do mapa da fiscalização.

Quando presidente, Trump tentou modificar um entendimento, o chamado Flores Settlement<sup>8</sup>, de 1987, que impedia crianças de serem mantidas presas por atrasos desnecessários em seus processos<sup>9</sup>. Trump tentou eliminar essa brecha para “deter o fluxo ilegal”, permitindo a permanência de famílias em centros de detenção até a conclusão de seus processos migratórios, independentemente da duração. Ou seja, ao invés de serem liberados para aguardar os julgamentos, os migrantes e suas crianças poderiam ficar presos até o fim do demorado processo de solicitação de refúgio<sup>10</sup> – no qual apenas 2% dos brasileiros saíram atendidos<sup>11</sup>. A modificação do ex-presidente foi posteriormente bloqueada por um juiz federal.<sup>12</sup>

Além dos burritos, os relatos desgostosos sobre os dias na detenção também coincidem nas reclamações sobre as celas serem muito frias e apertadas. Para se aquecer, os migrantes recebem uma espécie de cobertor de alumínio com poliéster de 137 cm por 213 cm. Ficam em locais apertados, onde alguns têm que dormir em pé ou revezar. Os homens ficam em uma cela e as mulheres com crianças em outras. Os filhos pequenos e as meninas ficam preferencialmente com as mães, enquanto os meninos vão para uma cela separada. Para ir ao

banheiro, alguns migrantes relataram se cobrir com o cobertor de alumínio, já que as salas lotadas não tinham compartimentos.

Rodrigo, que emigrou em 2021, explicou que ficou em uma sala que tinha 6 x 7 metros, onde caberiam “umas 20 pessoas tranquilo para passar um dia assim de boa”. “Lá os meninos ‘tava contando. tinha uns 80 e poucos homem lá dentro. E quem tava sentado ficava, quem tava deitado ficava, e a gente que entrou fica em pé. Você fica em pé o dia inteiro, a noite toda”. “Não dava para saber se era dia ou se era noite, lá eu já não tinha noção mais de nada. Eles te vasculham a sua vida toda. Pergunta algumas coisas, igual eu mesmo não tenho pai no registro, perguntou como que tá o meu pai, só pra saber se tinha alguma fraude no documento, alguma coisa assim”.

“Você não dorme, você fica ali... Eu ficava ali cochilando, cochilava em pé. Quando tirava dois ou três de lá, aliviava um pouquinho e você achava um espaço pra sentar. Horrível, horroroso”, acrescentou. “Minha mulher em uma sala com um menino mais novo, e o mais velho separado, em uma sala de adolescente”.

“Ficava muito apertado, muito apertado. Tinha gente que dormia em pé, gente que dormia embaixo do vaso sanitário”, contou Vitor. “A gente chorava, você ficava ‘meu deus, o que que eu tô fazendo aqui?’ Eu não tinha porque estar aqui. Não faz sentido. Tô longe da minha família no local mais aleatório”, contou. Ele ficou preso por nove dias no total. Sobre os oficiais, explicou que “tinha muita gente que era de boa, mas tinha policial lá que tratava a gente como lixo mesmo”.

De acordo com o advogado imigratório Felipe Alexandre, os oficiais na era Biden tendem a ser mais compreensivos do que os que recebiam os migrantes durante o governo de Trump. “A mudança de governo também a contratação de juízes e oficiais. Durante o Trump ele quis pessoas mais conservadoras, ou seja, que vão tentar negar os casos [de pedido de refúgio]. Agora o Biden está tentando contratar mais pessoas que são um pouco pró-imigrantes, então isso afeta também a experiência do imigrante”.

De qualquer forma, qualquer governo que seja o governo, a experiência na cadeia é difícil para os adultos; e ainda mais para as crianças. Foi sob a custódia das autoridades americanas que Rodrigo se sentiu mais desesperado. No traslado entre um abrigo e outro, a família foi colocada em um “carro bem pequeno, bem apertado, você não pode levantar, você não consegue virar. Ali eu me senti como um animal, entendeu? E vendo o meu filho.... O meu filho já assim desanimado, o mais novo já cansadinho, já dormindo, com sono, sem conforto nenhum. Naquela hora ali você pensa muito se é aquilo ali... Se aquilo ali foi o que você tava querendo mesmo né, você pensa se... Pensa tudo. Arrepende algumas coisas assim e tal”. “Porque a gente aguenta, agora ver os filhos da gente, passando por essa situação...”.

A família de Rodrigo foi toda transportada junta, em nenhum momento as crianças foram separadas dos pais. Mas nem sempre foi assim. Durante o governo Trump, em uma tentativa de desestimular os migrantes a cruzarem as fronteiras, as crianças eram separadas de seus pais. Iam para outros asilos, às vezes até cruzavam as fronteiras entre os estados. Depois de muita pressão internacional, o presidente republicano parou a política, mas até hoje existem crianças que não encontraram sua família. Ao menos 455 crianças<sup>13</sup> migrantes continuam perdidas em meio às burocracias estadunidenses.

Em julho de 2018, Cynthia Gabriela Contreras Gutierrez, advogada e cônsul honorária de Edimburgo, no Texas, visitou as crianças brasileiras que estavam separadas de seus pais. Ela conta que encontrou crianças entre 11 e 14 anos espalhadas pelos abrigos da região.

“Era muito difícil de ver, porque mesmo que as crianças estivessem bem vestidas, todo mundo limpo, bem alimentados, dava para ver que as crianças estavam... Os olhares, eles eram... Dava pra ver que eles tinham passado por um trauma. Eu caminhava pelos corredores e dava para ver crianças em todos os lugares, e era visível em seus rostos que elas não estavam felizes. Não existiam crianças sorrindo. Algo muito difícil havia acontecido com elas e elas estavam passando por uma experiência difícil. Dava pra ver. Estava todo mundo muito sério, era muito difícil de ver”, conta Gutierrez.

Além de visitar os abrigos com as crianças, ela também passou pelos locais onde estavam suas mães. “As mães que foram separadas de seus filhos estavam chorando. Era horrível de ver, muito muito horrível, porque dava pra ver o resultado da separação e como aquilo estava quebrando os corações daquelas mães. Eu nunca vi ninguém feliz ali”, explicou.

Gutierrez conversou com todas as crianças que foi visitar, porque sua atribuição em nome do consulado era justamente garantir que estivessem bem e que passassem o mínimo de tempo possível nas detenções. A cônsul conferia as documentações e acompanhava os processos até que as crianças fossem encaminhadas para seus “sponsors”, os familiares ou pessoas autorizadas a recebê-las em terras norte-americanas.

“As histórias que eles contavam eram muito perturbadoras. Eles falavam do que eles estavam passando em casa, de como foi passar pela fronteira... Alguns ficavam sem dinheiro no caminho e não tinham como comer, basicamente imploraram por alguém que desse comida pra eles. É um grande sacrifício, mas ninguém nunca disse que gostaria de não ter feito isso. Ninguém nunca disse que preferiria ter ficado em seu país”, contou. “Eles acreditavam que estavam vindo para uma vida melhor.

Enquanto algumas crianças eram liberadas nos Estados Unidos com os familiares que as receberiam, outras eram enviadas de volta, já que o republicano Donald Trump não via problemas em algemar menores de 18 anos nos aviões de deportação. No ano de 2019, com a crise migratória e humanitária, houve aumento de 110% na deportação de unidades familiares,<sup>14</sup> o que totalizou 5.700 indivíduos, fração ainda pequena comparada ao total.<sup>15</sup>

## **8) Depois do deserto**

Superada a fronteira e a cadeia, a situação não fica mais simples para os migrantes, já que a vida no exterior não é regida pelos mesmos códigos do país de origem e os processos de adaptação podem atravessar duas ou mais gerações<sup>1</sup>. Para lidar com culturas, leis e costumes diferentes dos que conhece, o emigrante precisa descobrir como se socializar de novo e

“reaprender coisas que na sociedade de origem lhe pareciam simples”<sup>2</sup>, processo que é inevitavelmente permeado pelo choque de cultura.

Alguns autores<sup>3</sup> resumem a adaptação em quatro fases: Primeiro vem o encantamento, depois o choque. Em terceiro lugar, o estrangeiro começa a se adaptar e, idealmente, por fim, se estabiliza. Porém, quando se trata de uma emigração de retorno, ou seja, quando o plano dos migrantes não é estabelecer a vida no exterior, e sim construir, de lá, a vida no país de origem, o desejo de voltar interfere na adaptação. Alguns não passam nem tempo suficiente para mudar de fase e continuam pensando “no país de origem com a sensação de que algo ficou para trás”.<sup>4</sup>

Entre saudades imateriais e concretas, os migrantes indocumentados sonham com o retorno para o Brasil, em especial com a liberdade que um dia tiveram. “Eu costumo falar que quem está aqui ilegal é a mesma coisa de estar em uma cadeia comendo queijo gourmet. Está aqui bem, com carro novo, mas, ao mesmo tempo, você está preso e sente muita insegurança”, explicou Victor Pereira<sup>5</sup>, que viveu nos Estados Unidos de 2001 a 2011 sem a permissão do governo e depois conseguiu regularizar a sua situação.

Marina, que emigrou com duas crianças, afirma que seus filhos são os que mais sentem a mudança: “Eles pedem muito para voltar, pedem demais, muito mesmo. A mãe explica que eles desejam “ter liberdade, uma liberdade que não é comum aqui, de poder ir e vir e ter contato com família, ainda mais porque os meus filhos sabiam como é o Brasil e sabem como é aqui”.

Já Pedro\*<sup>6</sup>, que tem 37 anos, disse em tom de brincadeira com aquele fundo de verdade, que sente saudade “dos bares e dos botecos”. “Aqui não tem nada disso, aqui é fraco. Eu até sei onde tem um aqui, mas mesmo assim é de espano (forma que os brasileiros se referem a todos os migrantes que falam espanhol), aí eu não entendo nada que eles falam, praticamente nem vou. Só vou na casa de amigos mesmo”, disse, decepcionado.

Conversando com especialistas e com os próprios migrantes, busquei entender quais são as maneiras de suportar as várias situações de sofrimento que uma pessoa em migração internacional indocumentada enfrenta, do início ao fim da jornada, da decisão de partir até pisar novamente o pé em terras nacionais. Se sair do país é a única opção para a vida de muitos dos que emigram, seja pela perseguição e violência, seja pelo desejo válido de viver melhor, a pergunta de porquê emigrar está respondida. Falta o como, que abrange muito mais do que o simples atravessar da fronteira. Para este segundo questionamento, a palavra-chave é “provisoriedade”.

Os migrantes são seres provisórios, tanto que a palavra que os denomina em língua portuguesa está conjugada em particípio do presente. Migrante não é migrado – que seria o particípio do passado, referente a algo já finalizado. O migrante é para sempre um migrante. Não só ele, mas seus filhos e até netos, mesmo nascidos e criados no país destino, também serão considerados migrantes. “A ideia da provisoriedade atravessa a vida”, eles estão sempre no presente, sempre em movimento, explica Leonardo Cavalcanti, coordenador do OBMigra e um dos organizadores do Dicionário Crítico de Migrações Internacionais.

Como um ser provisório, o migrante aguenta tudo, já que o sofrimento atual é nada mais nada menos que uma fase, um momento passageiro que não resume a vida como um todo: “Isso explica porque as pessoas se submetem a viver mal, em alojamentos com dez pessoas, dividindo o quarto com não sei quantos. A pessoa pensa ‘isso não é minha vida, isso é minha vida por enquanto’, mas esse por enquanto, pela experiência dos estudos, não é um mês ou dois, são anos, e a pessoa termina vivendo nessa condição”, explica o pesquisador.

Conhecedores da condição de provisoriedade e da vulnerabilidade inerente a ela, até as nações se aproveitam. “Os Estados tratam eles assim também. O Estado destino, quando dá a autorização de residência ou de trabalho, dá por um período. Com isso ele está marcando: ‘Você não é daqui, você está aqui’”, acrescentou Cavalcanti.

Quando perguntei sobre o cotidiano e a saudade, Henrique, que emigrou para os EUA para encontrar seu filho, entrou em lágrimas ao se lembrar do que sentia ao assistir uma partida de futebol do Itambacuri Esporte Clube, time de sua cidade. “Isso me mata, isso é a única coisa que me faz chorar”. Era tão engajado que havia sido um dos fundadores da torcida organizada do grupo, a Mancha Vermelha, que tinha fanfarra, caneca e camisa. Mesmo que deseje assistir um jogo como uma das primeiras coisas a fazer de volta ao Brasil, compreende que será difícil. “Metade do time veio [pros EUA]”, estima.

Depois de cerca de oito meses no país, Henrique se adaptou bem e hoje está satisfeito com o trabalho e seu salário, mesmo que ainda esteja apertado financeiramente por conta do dinheiro que envia à família no Brasil e dos pagamentos ao coio. Porém, em vários momentos anteriores repensou sua decisão de emigrar. Ainda na detenção, quando havia acabado de chegar, pediu para ser deportado de volta, mas os oficiais não permitiram, porque ele estava acompanhado de sua filha adotiva. Outros desses momentos se deram durante os primeiros dias de trabalho.

“Aqui é humilhação em cima da gente, eu sofri muito, sofri muito com as palavras do meu patrão. Falava que a gente é bagunceiro, que eu não sabia nada. Eu já cheguei a pedir pra comprar passagem pra voltar. Era muita humilhação. Eu sempre fiquei calado, mas ele xingava, xingava, xingava, só não me batia. Eu pensei 'eu tô devendo muita coisa no Brasil, eu vou ter que tolerar’”. Depois de uns meses, conta que a relação melhorou. Ainda assim, foi incisivo: “Eles odeiam brasileiro. Meu patrão é brasileiro, e odeia brasileiro. Eles falam que a gente não vale nada, mas se você bater de frente, você não vai ficar em serviço nenhum, e a gente não tem documento e tem dívida pra pagar”.

As declarações de Henrique sobre as humilhações e preconceito não são incomuns, mas também não são a regra. Alguns entrevistados contaram que não consideram ter sofrido nenhum tipo de preconceito, pelo contrário, foram muito bem tratados; já outros relataram situações como a vivida por Henrique. Depende de cada pessoa em cada situação.

Entre socos e carícias, a interação e adaptação forçadas vão gerando uma espécie de junção e transição entre as realidades que se chocam. Além das cidades conhecidas por abrigarem muitos migrantes<sup>7</sup>, isso é claramente visto em cidades de fronteira, como Tijuana, no México, onde se pode observar múltiplas identidades situacionais e mesclas culturais<sup>8</sup>.

“Junto com os projetos pessoais ou coletivos o imigrante leva também sua identidade étnica, suas relações de parentesco, suas identidades de gênero, enfim, um background cultural que vai consigo”, escreve Sueli Siqueira.<sup>9</sup> Chegando lá, se depara com outras histórias e suas marcas – como a racialização, o colonialismo e as estruturas de dominação e desigualdade social típicas do capitalismo. Dessa forma, dificilmente quem chega em qualquer lugar do mundo em pleno século XXI encontra uma sociedade homogênea.

Da mistura de diferenças, nasce algo novo. “Os estudos migratórios mostram que as segundas, terceiras e quartas gerações de descendentes de imigrantes alargaram imensamente o espectro dos valores sociais das sociedades de destino. O conhecimento das línguas estrangeiras, dos hábitos, ou a simples convivência com descendentes de imigrantes criaram novas formas de distinção social; novos reconhecimentos e novas práticas”.<sup>10</sup>

Pesquisadores<sup>11</sup> defendem a criação de uma espécie de “terceira cultura” na região fronteira entre México e Estados Unidos, “produto de formas de dominação, massacres, perdas territoriais, contatos, assimilações e hibridizações culturais e linguísticas”. A convivência compartilha espaço com “profundas divisões e separações”, sejam físicas, como cercas e muros<sup>12</sup>, ou culturais, como o ódio brasileiro aos burritos.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman foi um dos que discorreu sobre o choque e a sensação de estranhamento que surge quando o ser humano se depara com a diferença. De acordo com ele, o medo e a ansiedade aparecem em resposta à “ignorância quanto a como proceder” em situações “que não produzimos nem controlamos”. Antes de conhecer as reais circunstâncias e objetivos dos que chegam, “o influxo maciço de estranhos” assusta, já que ele “pode ser o

responsável pela destruição das coisas que apreciávamos” e ter a intenção de “desfigurar ou abolir nosso modo de vida confortavelmente convencional”.<sup>13</sup>

“Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos”, aponta Baumann. “Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como o são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem ‘diferentes’ – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar”.

Outro estudioso, o filósofo italiano Umberto Eco, escreveu em Migração e Intolerância – um livro que esta autora achou interessante, mas para lá de eurocêntrico – que queiram os “nostálgicos reacionários” ou não, o contato com o outro é inevitável. Ainda em 1997, Eco escreveu que “o Terceiro Mundo vai entrar mesmo que a Europa não esteja de acordo”.<sup>14</sup>

As tensões que surgem vão sendo negociadas, não só entre a dicotomia que envolve os cidadãos naturais e os estrangeiros, mas também entre os próprios migrantes (que não compõem uma categoria homogênea). Se entre os brasileiros de diferentes estados existem tensões e conflitos, não é inesperado que o mesmo ocorra entre brasileiros, guatemaltecos, nicaraguenses, mexicanos, colombianos, haitianos e pessoas de diversas outras nacionalidades que emigram para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor. “É uma mistura de raças, o espanhol é de uma forma, o português é de uma forma, nós somos de outra forma totalmente diferente. Isso afeta a convivência social”, relatou a migrante Marina.

A adaptação à nova sociedade também é influenciada pela origem e diversidade brasileira, que alimenta diferentes marcadores sociais, sejam de raça, classe ou gênero, conforme explicou a pesquisadora Gláucia de Oliveira, que desenvolve seu trabalho em migração dedicando atenção especial ao papel das mulheres migrantes.

Partindo de um país onde a ideologia da democracia racial – ou melhor, mito –, de Gilberto Freyre, busca convencer que “o Brasil é uma sociedade ‘sem linha de cor’, uma sociedade sem barreiras legais e culturais que impedem a ascensão social de pessoas ‘de cor’”, o que produziria “relacionamentos interpessoais igualitários entre brancos e negros”<sup>15</sup>, é nos Estados Unidos que muitos percebem as consequências da racialização.

“Tem muita gente que vai se descobrir ou se assumir negra quando está nos Estados Unidos”, pontuou a antropóloga Gláucia de Oliveira. Uma das explicações levantadas pela professora para este aspecto é a forma de interpretar as classificações raciais. Enquanto nos Estados Unidos a leitura da negritude está mais relacionada à ascendência, origem ou ancestralidade, no Brasil o que vigora é a aparência – o que é chamado de colorismo.<sup>16</sup>

Além do fato das categorias<sup>17</sup> do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não darem conta das “demandas identificatórias dos sujeitos”<sup>18</sup>; de acordo com a pesquisadora Lia Vainer Schuman, autora de *Famílias Inter-raciais, Tensões entre Amor e Cor*, é possível dizer que no Brasil “sobra pouco espaço para que os sujeitos se classifiquem por outras formas de identificação, tais como a ligação com a cultura afro-brasileira ou com a história de seus ancestrais, já que o fenótipo e o olhar externo acabam sendo a condição para que alguém se defina racialmente”.<sup>19</sup> Os brasileiros negros então partem de um local onde a identificação é feita de forma diferente do que o local onde chegam. Nos Estados Unidos, por conta do histórico de políticas oficiais de segregação, a interpretação é outra.

O choque entre as diferentes formas de ler a raça – “uma construção social que produz sentidos no cotidiano das pessoas e que engendra e mantém profundas desigualdades materiais e simbólicas”<sup>20</sup> – gera comparações entre lá e cá.

“No Brasil [o preconceito] é muito por dinheiro, aqui é por cor”, explicou Gabriel\*, migrante que se descreveu como de “estereótipo bem latino mesmo, de pele marrom, cabelo preto, olho marrom”. “Você olha para um cara marronzinho e pensa algo, mas ele pode ser gente boa, trabalhador, não usar nada do governo”.

De acordo com ele, que mora no Sul dos Estados Unidos, onde “tem muito racismo”, “o país está totalmente dividido hoje. Obama conseguiu dar uma juntadinha, uma unida, quando o Trump chegou ele dividiu completamente o país. Você vai em uma festa, branco senta com branco, latino senta com latino e preto senta com preto. Tem 26 anos que eu vejo isso, e até hoje [continua]. No Brasil, o rico senta com o rico e o pobre senta com o pobre”.

Além deste tipo de percepção, outra descoberta racial que acontece com os brasileiros brancos nos Estados Unidos é a negação de sua branquitude, condição que no Brasil trás “privilégios simbólicos e materiais”, e a inclusão dentro da categoria de latinos ou espanos, que são vistos como “cidadãos de segunda categoria”.

Gláucia de Oliveira percebeu isso ao longo de suas pesquisas: “Aqui no Sul do Brasil, eu entrevistei muitas pessoas que eram descendentes de italianos e que iam trabalhar nos Estados Unidos, e que sempre se consideraram e eram considerados brancos no Brasil. Quando eles chegam nos Estados Unidos, eles não são brancos mais, eles são racializados, são imigrantes e são latinos”, narra. “Eles falavam: 'Se eu estou de boca fechada, eu até passo por um americano, mas quando eu abro a boca, eu sou percebido como estrangeiro, como um outro”.

Quando a manifestação do preconceito de raça considera os traços físicos de uma pessoa, como a fisionomia, gestos e sotaques, diz-se que é de marca; quando basta supor que o indivíduo descende de certo grupo étnico para discriminá-lo, se trata de um preconceito de origem, define o estudioso Oracy Nogueira, no livro *Tanto Preto Quanto Branco* de 1979<sup>21</sup>. O caso dos brancos brasileiros, que a partir da interpretação do estadunidense se tornam latinos, se encaixa na segunda definição.

“Para algumas dessas pessoas, é a primeira vez que se deparam com um lugar de subalternidade, um lugar menos valorizado socialmente. ‘Eu era uma branca com prestígio no Brasil, uma pessoa considerada branca e de classe média. Chego lá, ‘tô trabalhando na faxina

e sou vista como migrante, sou vista como estrangeira’. Isso tem um impacto”, explica a antropóloga.

No caso das mulheres, além da racialização, o “olhar colonial” que persiste nos países do Norte Global introduzem a sexualização. “Mesmo que você se ache que branca no Brasil, quando você chega nos Estados Unidos e na Europa, você é racializada como latina, como não branca, você é sexualizada e você é exotizada”, explica Gláucia. “Tem toda uma associação das mulheres brasileiras com uma sexualização excessiva, com uma exacerbação dessa sexualidade, então como se ela tivesse sempre disponível para o sexo, e aí tem toda uma herança colonial, que aparece pensando no corpo colonial, no corpo à disposição, no corpo que pode ser usufruído pelo colonizador”.

Para negar a generalização, os brasileiros buscam se distanciar dos latinos, como conta Gláucia. “Depende do grupo<sup>22</sup>, mas entre os trabalhadores migrantes, eles não gostavam de ser identificados com os latinos, porque os latinos eram vistos como grupos problemáticos, grupos que não trabalhavam direito. Tem um estigma em relação aos latinos, aos mexicanos, então é uma população que sofre muito preconceito. Para evitar esse preconceito, os brasileiros construíram a sua identidade em oposição, então ‘nós somos o povo trabalhador, nós trabalhamos mais do que os latinos, nós limpamos melhor do que os latinos, e nós não somos latinos, porque falamos português’.

Porém, “para o americano, português e espanhol não faz diferença, e para o processo de racialização também não. Pra eles nós somos latinos”, o não deixa de ser verdade, já que “fazemos parte da América Latina”. Enquanto alguns tentam se distanciar, outros migrantes vivenciam por meio da experiência de migração a descoberta do pertencimento à América Latina e “a procura dessa identidade, um encontro com essa identidade latina, por mais complexo que isso seja”.

## 9) Aqui é pra trabalhar

No exterior, para além de latino, negro ou branco, o imigrante indocumentado é basicamente um trabalhador.<sup>1</sup> Sua identidade é resumida ao trabalho<sup>2</sup> que ocupa e, por preencher os postos menos desejados e de baixo status social, vira uma espécie de trabalhador de segunda categoria. Com o desejo de fazer dinheiro, se submete a jornadas de mais de 10 horas por dia, seis ou sete dias por semana. Em um país onde uma simples blitz policial pode acabar em deportação, o medo de sair na rua tranca os imigrantes dentro de casa. Não há tempo para lazer quando qualquer exposição pode frustrar o sonho.

“O Brasil que é lugar de viver. A América é só pra ganhar dinheiro”, afirmou uma imigrante de 39 anos em entrevista à Sueli Siqueira.<sup>3</sup> “Não tenho tempo pra me divertir. Todo dia saio de casa para o trabalho e volto para casa (...) já teve dia de trabalhar 18 horas seguidas. Trabalho em dois e até três empregos (...). Volto pra casa no final deste ano, e aí, vou viver melhor (...) lugar de viver é na terra da gente”, confidenciou outro migrante, de 52 anos, à pesquisadora.

Enquanto o discurso anti-imigração grita em defesa de supostos empregos perdidos, a realidade é outra. “Migrantes são trabalhadores que reduzem os custos do trabalho, tornando a economia norte-americana mais competitiva, visto que pagam os impostos ao consumir os bens naquela sociedade”, como escreve a pesquisadora.<sup>4</sup>

Certamente, algumas competições por uma vaga ou outra podem existir, em especial entre migrantes e estadunidenses de baixa renda e escolaridade. Ainda assim, não é exatamente a migração que rouba os empregos dos norte-americanos, é a mudança do sistema produtivo.

O professor Leonardo Cavalcanti conta que os políticos que se utilizam da retórica anti-imigração estão na realidade criando “um bode expiatório”. “O capitalismo está se reestruturando, alguns autores falam que estamos vivendo um pós-capitalismo, com enfoque no setor de serviços. O trabalho está mudando, já não exige aquela mão de obra intensiva, e os robôs estão substituindo muito trabalho que antes os homens faziam, na pandemia mais

ainda. Isso tem um impacto forte no mercado de trabalho. Tudo se modificou, e os estados não sabem como resolver isso, é mais fácil encontrar um culpado”.

Culpar os migrantes surge então como a resposta mais simples e instantânea. Porém, Cavalcanti ressalta que “não é essa a questão”. “Se reestruturou todo um sistema. A vida se precarizou mais para a classe trabalhadora, o que faz com que possam emergir figuras de extrema-direita, como o Trump, que prometia uma volta a um passado que não existe mais. Tanto que passou quatro anos e ele não conseguiu fazer essa volta ao passado. A grande vantagem dele é esse pessoal que ficou desamparado pelo Estado, é um pessoal mais branco, sem qualificação, que não conseguiu se inserir, mas cujos pais e avós viviam muito bem, com boas casas e boas condições de vida”.

Zygmunt Bauman dedica todo um capítulo de seu livro *Estranhos à Nossa Porta* sobre o pânico moral criado em cima da figura dos migrantes pelos que ele chama de tiranos. Donald Trump é um deles. O sociólogo argumenta que os tiranos e tiranas se utilizam da ansiedade que sobrecarrega a classe média<sup>5</sup>, que com as modificações do sistema capitalista se vê na probabilidade de cair na pobreza, para emular um discurso sedutor e pouco prático. “O poder de sedução dos tiranos e tiranas baseia-se em todas essas promessas e em aspirações que ainda não foram testadas”, escreve.

Desde o princípio da jornada dos brasileiros migrantes, o desejo de trabalhar é o motivador. Se suas cidades natais fossem capazes de atender a essa demanda de forma satisfatória, muitos não emigrariam. Rodrigo, que deixou o Brasil porque estava devendo um agiota e temia por sua vida, tomou a decisão ao constatar não ter como pagar a dívida depois de perder o emprego em um frigorífico por conta da pandemia de covid-19.

Já Pedro, que apareceu no capítulo anterior com saudades dos botecos brasileiros, conta que em Minas Gerais havia trabalhado em várias áreas. “Trabalhei com obra, construção civil, aí depois deu uma crise na construção civil no Brasil e eu migrei pra fazenda. Meu último trabalho foi cuidando de gado”, explicou. De acordo com ele, porém, o esforço não havia

rendido os frutos almejados e a migração surgiu como uma alternativa. “As coisas não estavam muito boas. Eu já estava com 37 anos e não tinha conquistado quase nada, uma casinha simples, um carrinho velho, aí eu pensei, ‘agora não tem mais jeito não, tenho que ir embora’. Em certo ponto de idade se você não conseguiu as coisas fica mais difícil”.

Chegando nos Estados Unidos, os brasileiros buscam trabalho entre os próprios imigrantes, mais propensos a aceitar alguém que não tem a documentação necessária. Para alguns, também é possível já chegar com o emprego combinado com um conhecido, que às vezes até ajuda o imigrante com o dinheiro da travessia já esperando tê-lo como empregado.

De uns anos para cá, a internet se integrou nesse processo. Existem grupos de ajuda comunitária que reúnem os migrantes em diversas redes sociais. No Facebook, para reportagem da Agência Pública de Jornalismo Investigativo<sup>6</sup>, encontrei ao menos 27<sup>7</sup>, espalhados por várias cidades, como o “Ajuda Comunitaria USA Oficial”, com mais de 115 mil membros à época<sup>8</sup>; o “Ajuda Comunitária Newark, NJ e Região!”, com 70 mil; e o “Ajuda Comunitaria Danbury CT”, com cerca de 11 mil integrantes.

Roberto\*<sup>9</sup>, criador e administrador do grupo “ajuda comunitaria maryland,DC,VA” explicou que os ambientes digitais conectam pessoas que buscam doações ou trabalho. Ele ressalta a importância desses espaços para ajudar “nós imigrantes, que viemos para esse país para trabalhar”.

“Eu lembro até hoje, eu cheguei aqui há 16 anos atrás, e não existia essas ajudas comunitárias, tampouco Facebook, né? Hoje o acesso às ajudas comunitárias facilita a busca de trabalho. A pessoa chegou ontem, e hoje já posta ali ‘estou buscando trabalho, seja ele qual for’, e encontra, já tem contatos”, explicou.

Vitor, de 22 anos, foi um dos que chegou ao país e já publicou seu post. Ele havia entrado nos Estados Unidos durante aqueles 100 dias iniciais de governo Biden, quando o fluxo de imigrantes estava crescendo mas ainda não havia chegado ao alto patamar dos meses

seguintes. Mesmo sem nunca ter feito nada parecido antes, Vítor aceitou uma oferta de vaga para trabalhar no setor de construção civil, fazendo o piso de madeira de casas. “Aprendi tudo aqui”, explica. “É um trabalho pesado. Minha vida no Brasil não tinha nada a ver com isso, mas eu sempre fiz muito exercício físico, então ajudou. É questão de acostumar”.

De acordo com Vítor, “construção é o que dá mais dinheiro”. Ele estima que “se você for trabalhar de recepcionista ou garçonne, você vai ganhar 90 dólares ou 80 por dia; já na construção você já começa ganhando 150 ou 160”. Os valores, é claro, variam de acordo com a cidade, época do ano e quantidade de migrantes à procura de serviço.

Com o aumento do fluxo tanto de brasileiros quanto de outros nacionais, em 2021 a busca por trabalho começou a se complicar. Irene\*, rondoniense que chegou no país com duas filhas menores e o marido em meados de setembro, buscou emprego por semanas sem obter sucesso. Publicou nos grupos de ajuda mais de uma vez, mas nada.

“A pessoa não sabe muito bem [fazer o trabalho] e eles não têm paciência de ensinar, porque no Brasil é diferente as faxinas, né? Lá a gente joga água, aqui não, é só um paninho. Aí eles não tem paciência de ensinar a gente, não dá oportunidade pras pessoa que chegam agora, e fica difícil”, explicou. Outro obstáculo que os migrantes enfrentam em períodos de alto fluxo é encontrar onde morar. Com aluguéis caros e dinheiro escasso, as famílias recém-chegadas se sujeitam a viver “literalmente uma em cima da outra”, como explicou Heloísa Galvão.

Nos Estados Unidos, os estrangeiros enfrentam condições precárias tanto em casa quanto no trabalho.<sup>10</sup> Patrícia Manasia, brasileira e voluntária em projetos de auxílio aos imigrantes, explica<sup>11</sup> que alguns estadunidenses “usam do imigrante para pagar pouco e abusar deles. A galera trabalha muito, muito mesmo, e eles falam que te amam, mas o primeiro sinal da pandemia eles não te querem dentro de casa porque é você que é o infectado”. Ela conta que “como a maioria é indocumentada, a comunidade brasileira trabalha nos serviços essenciais, entregando comida ou no posto de gasolina, por exemplo”.

É o caso dos frigoríficos, que foram classificados como serviços essenciais e impedidos de fechar por Trump logo no início da pandemia, em 29 de abril. A Liga de Cidadãos Latino-Americanos Unidos (LULAC) estima que 80%<sup>12</sup> dos trabalhadores dessas empresas nos Estados Unidos são imigrantes indocumentados ou refugiados. Com a covid-19<sup>13</sup>, o número de casos e mortes explodiu nas instalações, como registrou o veículo de jornalismo Investigate Midwest, que contou ao menos 50 mil casos, ligados a 900 surtos da doença em 38 estados; e ao menos 260 mortes em 67 fábricas em 29 estados de abril a 10 de agosto de 2021.<sup>14</sup>

Ainda assim, os números representavam apenas uma parcela da real situação. Em outubro de 2021, um relatório do Congresso dos Estados Unidos com dados de casos e mortes desses trabalhadores acrescentou mais causalidades. Os dados combinados do relatório e do veículo mostram que cerca de 86 mil trabalhadores testaram positivo para a covid e 423 morreram.<sup>15</sup>

À época dos primeiros casos, em entrevista sobre o assunto à Fox News<sup>16</sup>, a governadora republicana da Dakota do Sul afirmou que os trabalhadores contaminados nos frigoríficos foram contaminados nas próprias casas. Já o representante de uma das maiores empresas, a Smithfield Foods, afirmou ao BuzzFeed News que a contaminação elevada nas comunidades latinas se deu em função das “condições de vida de certas culturas”.<sup>17</sup>

Além do trabalho nos frigoríficos, para aceder ao sonho de fazer dinheiro e finalmente voltar ao Brasil, as mulheres se inserem nos serviços domésticos, enquanto os homens se direcionam à construção civil, jardinagem, e outros labores braçais.

Cavalcanti explica que “em determinados lugares as mulheres têm uma vantagem competitiva”, já que “em países do Norte Global, como alguns na Europa, Estados Unidos, Austrália e Japão, existe uma demanda muito forte dos trabalhos que a gente chama de trabalho de reprodução social, que é cuidar de crianças, cuidar de idosos, cuidar do lar. É um trabalho que está associado no imaginário coletivo como um trabalho feminino”. “São trabalhos precários, obviamente, mas [as mulheres] têm o trabalho”, explica.

Por outro lado, os homens dependem mais da circunstância econômica dos países, conta ele. “Para os homens muitas vezes fica limitado: É construção civil ou um trabalho mais associado ao perfil do masculino, mas aí depende muito da situação econômica do país. Por exemplo, quando chegou a crise de 2008, que quebrou a construção civil, os homens ficaram desempregados, já o trabalho de reprodução social não para”. Outro fator que afeta o trabalho masculino e não o feminino é o inverno. Em locais onde as temperaturas são mais baixas, trabalhar fora de casa é quase impossível por meses, enquanto o trabalho doméstico se mantém.

Tanto as condições de trabalho quanto as interações com a nova sociedade alteram as formas que os imigrantes encaram as identidades e relações de gênero, como explica Gláucia Magalhães, especialista no assunto.

“Existem muitas mulheres que vivem aqui no Brasil em uma situação sem renda própria e sem trabalho. Chegando lá elas montam um negócio de faxina, ou um salão, se tornam depiladoras, e isso lhes dá certa autonomia, não só financeira, mas também uma autonomia como mulher. ‘Eu dirijo meu próprio carro, eu tenho meu schedule<sup>18</sup> de trabalho’. Existe então um processo de empoderamento, de agência e de conhecimento dos direitos por parte dessas mulheres”.

Com a nova situação de mais independência, em um local onde muitas vezes as mulheres migrantes ganham até mais que os homens (pelo fato de trabalhar o ano inteiro e pela perenidade dos trabalhos de reprodução social), existe uma mudança nas relações com os homens. “Isso se espelha na forma como as tarefas domésticas são divididas, não só as tarefas, mas o dinheiro. A vida é organizada de uma forma em que as mulheres estão em situação de maior igualdade”, conta a pesquisadora.

Essa mudança pode permanecer no retorno ou não, “porque quando as pessoas retornam, elas imaginam que vão retornar para o mesmo lugar social. Então aqui o homem quer ser homem

de novo, no padrão brasileiro de masculinidade. Só que as suas mulheres mudaram, elas não querem voltar para o mesmo lugar. Se as pessoas não conseguem negociar essas mudanças, os casamentos realmente acabam. Ou não, ou você tem um padrão de relação com maior igualdade e com maior divisão de tarefas”, explica a pesquisadora. “Não só as mulheres conseguem esse espaço de agência, mas os homens têm que negociar suas masculinidades e negociar significa perder poder”.

Para além das relações entre si, a convivência com os empregadores estadunidenses também tem seus altos e baixos, que se refletem no trabalho. É comum que os donos do dinheiro, dependentes do serviço dos migrantes e conhecedores da vulnerabilidade dos indocumentados, se utilizem da situação para explorá-los com longas jornadas e salários mal pagos.

Muitas vezes a classe nem vê benefícios em regularizá-los, já que a existência da documentação pode intensificar as demandas trabalhistas. Para tentar (ou encenar a tentativa) de reduzir a exploração, o governo do democrata Joe Biden reconheceu a prática em suas Diretrizes para a Aplicação da Lei de Imigração Civil, destinadas ao Serviço de Imigração e Alfândega (ICE, na sigla em inglês): “É uma triste realidade que empregadores inescrupulosos explorem o status imigratório de seus funcionários e sua vulnerabilidade à remoção, por exemplo, suprimindo salários, mantendo condições de trabalho e anulação de direitos e atividades no local de trabalho”.

As novas diretrizes<sup>19</sup> apontam que o status imigratório não deve ser utilizado como forma de impedir os imigrantes de buscar a justiça trabalhista por não serem documentados. Entretanto, na prática cabe aos agentes do ICE fazer a determinação e atribuir peso e importância a diferentes fatores. Como não foram estabelecidas punições àqueles que não seguem as diretrizes, já que o agente público tem discricionariedade, ou seja, possibilidade de escolher, pouco efetivamente muda.<sup>20</sup>

Do trabalho exploratório ou não, surge dinheiro, que mais cedo ou mais tarde viaja pelos ares, atravessando a linha do Equador no sentido Norte-Sul. Enquanto o sonho de voar e voltar não vem, as remessas econômicas dos emigrantes aos seus familiares, além de pagar a vida dos filhos que ficaram, se transformam em casas, terras, lojas ou empreendimentos que aquecem a economia e o comércio locais.<sup>21</sup> Países de onde muito se emigra, como Haiti, Honduras e El Salvador, na América Central, dependem desse dinheiro<sup>22</sup>, assim como cidades na região de onde venho. Migrar se torna uma forma de cuidar de longe de alguém que se ama, em mais um aspecto de uma cadeia global de cuidados<sup>23</sup> criada pela mobilidade humana.

Porém, ao mesmo tempo que garantem uma sobrevivência a países e cidades, quando crises econômicas se instalam nos países destino (como no caso da crise econômica de 2008, nos Estados Unidos), sofre gente no Norte e no Sul. O projeto de sonho migratório é frustrado e retornam as caravanas com aqueles cuja sobrevivência fora do país natal se tornou insustentável. Para além da política migratória, dos coiotes, dos empregadores exploradores e da vida em si, a economia pode ser um inimigo ou criar um obstáculo. Os migrantes acabam obrigados a mudar de rota do dia para a noite por uma decisão que não tomaram.

Os que retornam frustrados encontram cidades onde os empreendimentos alimentados por recursos estrangeiros não tem mais vagas ou expectativas. Empregos são perdidos lá e cá. Com pouco conhecimento do mercado local, o dinheiro guardado também pode sumir em meses, e o deserto não mais parecerá o maior obstáculo a ser superado.

Como uma crise mundial não é tão facilmente prevista, os migrantes trabalham enquanto ela não vem.

## **10) Epílogo: Nem depois da morte**

Heliardo era de Santa Isabel, um distrito rural da cidade de Itambacuri. No início de 2021 iniciou sua travessia rumo aos Estados Unidos, mas sofreu um acidente de trânsito e faleceu no caminho. A família não tinha dinheiro suficiente para trazer o corpo de volta do exterior,

então fez uma rifa no valor de cinco reais. O prêmio era uma camisa vermelha da marca Muladeiro – uma vestimenta simples com a cabeça de um burro<sup>1</sup> arreado como estampa e o nome da marca escrito abaixo da imagem.

A rifa custava cinco reais e seria sorteada no dia dois de outubro deste ano. Além de uma imagem para divulgação da mobilização, a família fez também um vídeo ao som da música Segura na Mão de Deus, cantada pelo padre Marcelo Rossi. “Oi galera! Estamos fazendo uma rifa em prol da família do Heliardo para trazer o corpo para o Brasil. Quem puder ajudar, qualquer valor será bem vindo”. O texto era seguido por fotos e selfies do falecido. Em Santa Isabel amigas e familiares dele passaram de casa em casa para arrecadar o dinheiro.

Em seis de outubro, uma pessoa próxima à família<sup>2</sup> me disse que arrecadaram o valor necessário, mas “mesmo conseguindo o dinheiro até hoje não tivemos o corpo dele aqui”. “É uma dor enorme”.

Nem mesmo depois da morte os imigrantes têm suas travessias facilitadas. O traslado pode variar entre 40 e 60 mil reais<sup>3</sup> e não é pago pelo governo brasileiro. “Além da dor da perda, a família terá de arcar com gastos elevados e enfrentar uma longa burocracia para a liberação e o traslado dos restos mortais para o Brasil”, explicou em março de 2020 o âncora do jornal Diário do Rio Doce.

Infelizmente, Heliardo não é caso único. Em 2018, 1.982 brasileiros morreram no exterior, número que em 2019 chegou a 1.678. O corpo da rondoniense Lenilda de Oliveira, que morreu na travessia de fome e sede, também só foi repatriado com o auxílio de uma campanha de financiamento coletivo online<sup>4</sup>. O mesmo aconteceu com outros migrantes mineiros no ano de 2021. Em alguns casos a família busca dinheiro para a repatriação<sup>5</sup>, em outros escolhe pela cremação em terras estrangeiras, que é mais barata do que trazer o corpo.<sup>6</sup> Os amigos do Felipe Crisóstomo, primo de Antônio, chegaram a juntar dinheiro para trazer de volta o corpo que nunca foi encontrado.

A pandemia de covid-19 intensificou o problema. As fatalidades entre os imigrantes, que temiam procurar os hospitais pelo medo das altas dívidas e de acabarem deportados, aumentou o número de famílias que não tinham dinheiro nem direito de velar os seus familiares. O desejo de uma vida melhor, marcado pela saudade e pelas privações de estar sem documentos em um país que não te quer, soma-se ainda à negação do direito à despedida aos familiares.

**Anexos**

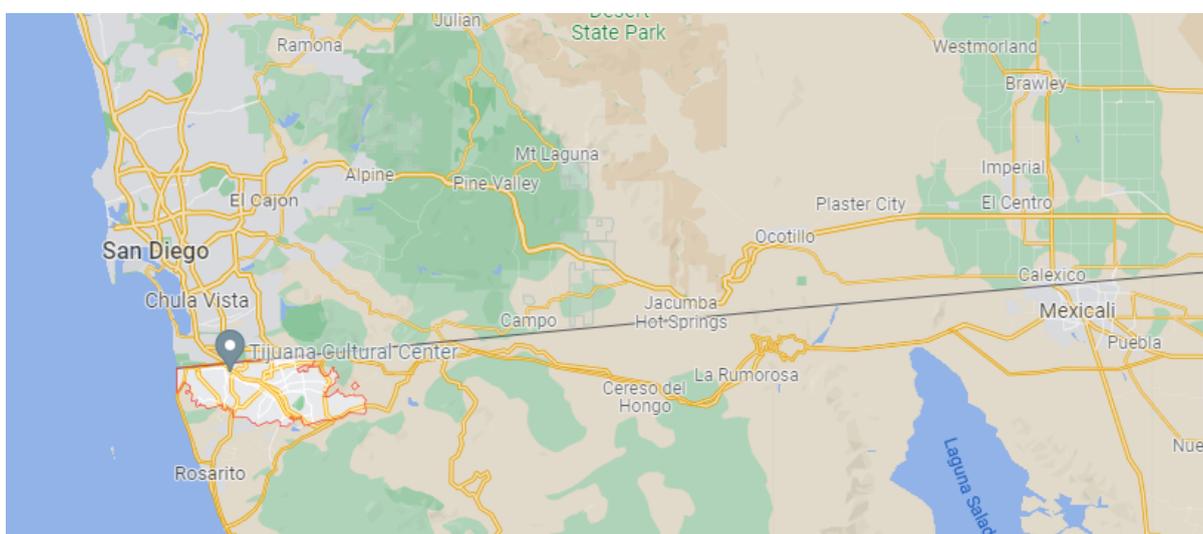


FIGURA 1– Fronteira ocidental dos Estados Unidos com o México

FONTE – Google Maps:

<https://www.google.com.br/maps/place/Tijuana,+Baixa+Calif%C3%B3rnia,+M%C3%A9xico/@32.7352562,-116.8310892,9z/data=!4m5!3m4!1s0x80d9390226587bd3:0x14724bafa4e62456!8m2!3d32.5149469!4d-117.0382471!5m1!1e2>

Acesso: 26/11/2021

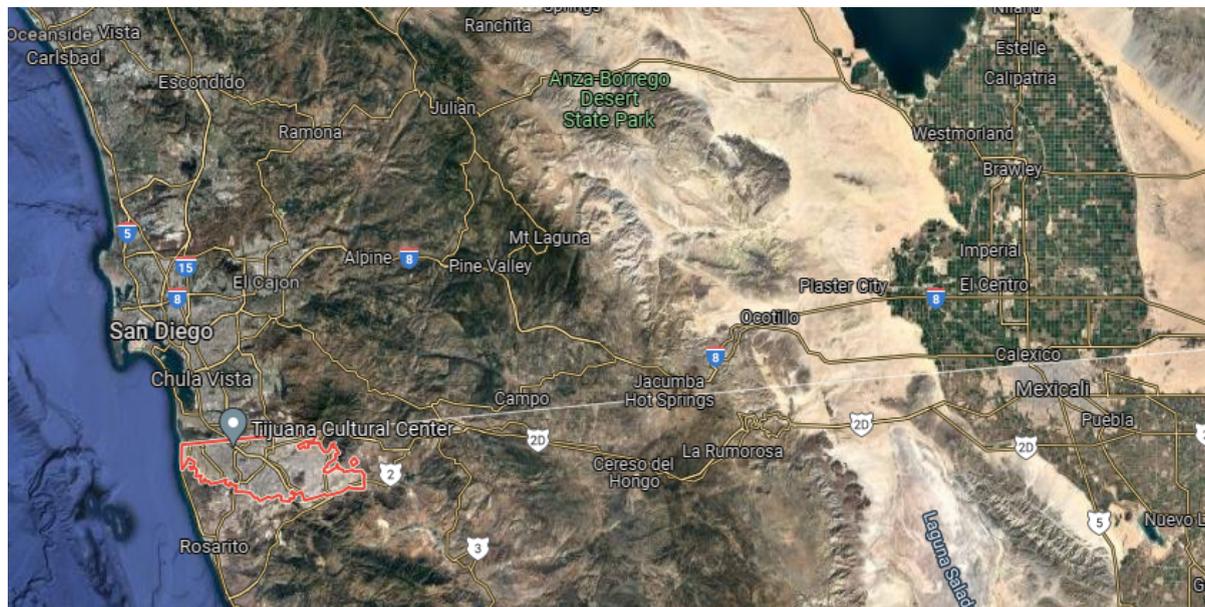


FIGURA 2 – Fronteira ocidental dos Estados Unidos com o México

FONTE – Google Maps:

<https://www.google.com.br/maps/place/Tijuana,+Baixa+Calif%C3%B3rnia,+M%C3%A9xico/@32.7352562,-116.8310892,9z/data=!4m5!3m4!1s0x80d9390226587bd3:0x14724bafa4e62456!8m2!3d32.5149469!4d-117.0382471!5m1!1e2>

Acesso: 26/11/2021

## Entrevistados para este livro (em ordem alfabética)

### Migrantes

- a) Amiga de Heliardo, o migrante de Santa Isabel que faleceu em um acidente na tentativa de viver o sonho americano. A família não tinha condições de trazer o corpo ao Brasil, e pediu ajuda aos amigos e conhecidos do jovem. Ela não quis se identificar;
- b) Antônio\*, 24 anos. Teve sua vida marcada pela cultura de migração da região leste de Minas Gerais em dois momentos. Em 2005, quando tinha oito anos de idade, foi para os Estados Unidos com a sua mãe para encontrar o pai, que já estava lá. Com a rotina pesada de trabalho dos pais, sentiu que o contato entre eles ficou prejudicado. A

família voltou para o Brasil em 2011 com uma adição: Antônio ganhou uma irmãzinha nascida em terras estadunidenses. Quando pensou que não teria que encarar mais a fronteira, seu primo, Felipe Crisóstomo, “aqueles primos que cria junto, como se fossem irmãos” desapareceu na travessia depois se endividar no Brasil por conta da pandemia de covid-19. Antônio se dedicou na busca, contatou órgãos e assistiu a lives de ONGs que buscam restos mortais de migrantes no deserto mexicano. Até o fechamento desse livro, Felipe não havia sido encontrado;

- c) Bernardo\*, 24 anos. “Pai, eu tenho 24 anos, quero conhecer o mundo, quero ir lá fora e ver como é que é, se eu não gostar eu venho embora”, explicou ao pai quando expressou seu desejo de migrar. Hoje trabalha negociando carros nos Estados Unidos e se sente realizado. “Eu nunca fui aquela pessoa muito de gostar de estudar, né? E vi que eu gostava muito de negociar”;
- d) Henrique\*, 38 anos. Migrou para encontrar o filho, que havia ido antes com a mãe, ex-esposa de Henrique. “Pro filho a gente quer mais, e aí [no Brasil] eu não tinha condição de dar ele mais”;
- e) Roberto\*. Criou e administra o grupo “ajuda comunitaria maryland,DC,VA”, que ajuda outros migrantes na busca por doações e trabalho;
- f) Rodrigo\*, 35 anos. Deixou o Brasil por temer por sua vida. Perdeu o emprego durante a pandemia de covid-19 e contraiu dívidas com um agiota para sustentar a família. “Sem emprego, apertado, dinheiro emprestado, aí não tive muita escolha, tive que vir pra cá. Eu creio, se o Brasil tivesse em um momento bom, se tivesse ocorrendo muitas mudanças e tal, eu não sairia do meu país”. Trabalha nos EUA para quitar o que deve e juntar dinheiro;
- g) Roseli\*, 22 anos. Migrou com a filha, o ex-companheiro e sua mãe. Decidiu fazer “uma viagem mais cara” para tentar garantir um pouco mais de segurança para a família. “Você tem que saber com quem você está indo, a pessoa tem que ser de confiança”;
- h) Luiz\*. Depois de ficar 132 dias preso nos Estados Unidos, onde aprendeu espanhol pelo contato com outros migrantes no asilo, foi deportado. Não desistiu de “querer ter nosso próprio negócio mais rápido” junto a esposa e resolveu tentar novamente por

terra. Foi do Brasil a Costa Rica de avião, depois revezou entre carros e ônibus e subiu a América Latina até chegar no destino sonhado.

- i) Marina\*, 30 anos. Migrou com o marido e dois filhos pequenos. Ao longo da trajetória, reduziu sua jornada de trabalho para passar mais tempo com as crianças: “Muitas das vezes a gente deixa de ganhar o dinheiro sonhado para fazer o sonhado império, porque precisa de ter também filhos saudáveis”.
- j) Vitor\*, 22 anos. Decidiu migrar por querer “ser independente”. No caminho, ajudou uma colega migrante que havia conhecido na travessia a levar seu filho, porque ela não estava conseguindo levar o menino de 50 kg. “Coloquei minha bolsa na frente, no peito, e peguei o menino dela e coloquei nas costas. Falei ‘vou levar o seu filho até o final, pode ficar despreocupada, mas eu não vou te esperar, porque não consigo ajudar dois’”. Os três chegaram sãos e salvos aos Estados Unidos.
- k) Pedro\*, 37 anos. Trabalhou a vida inteira e sentiu que havia “conquistado quase nada”. “Eu pensei: ‘Agora não tem jeito mais não, tem que ir embora’. Até certo ponto de idade, se você não conseguiu as coisas fica mais difícil”. Sente saudade dos bares e botecos brasileiros. “Aqui não tem nada disso, aqui é fraco”.
- l) Gabriel, 29 anos. Decidiu sair porque “aqui tava muito difícil, trabalhava, trabalhava e não resolvia”. Hoje vive com a esposa, que conheceu nos Estados Unidos. Ele trabalha como carpinteiro “10 ou 11 horas por dia”. “Compensa demais, o que eu ganhava no Brasil, que era mil reais por mês, eu ganho aqui num dia. É outra diferença”. A esposa já tem seu schedule e garante sua renda com as limpezas.

\*Os nomes foram trocados para proteger a identidade dos entrevistados.

### **Pesquisadores**

- m) Duval Magalhães, professor do programa de pós-graduação em Geografia da PUC Minas.
- n) Gláucia de Oliveira, antropóloga e professora na Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC).
- o) Leonardo Cavalcanti, coordenador do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA).

### Especialistas que atuam na área

- p) Cynthia Gabriela Contreras Gutierrez, advogada e cônsul honorária em Edinburg-TX. Gutierrez visitou ao menos oito crianças brasileiras em asilos da região durante o governo.
- q) Daniel Vianna Ottoni de Siqueira, delegado da Polícia Federal em Governador Valadares e chefe da equipe que trabalha com as temáticas relativas à migração.
- r) Felipe Alexandre, advogado de imigração e fundador da AG Immigration Law, advocacia especializada na temática. É brasileiro, mas se mudou para os Estados Unidos com sete anos.
- s) Guilherme Otero, coordenador de projetos da OIM em São Paulo.
- t) Heloísa Maria Galvão, cofundadora e diretora executiva do Grupo Mulher Brasileira.
- u) Fonte oficial em terras mexicanas. Pediu que não fosse identificada.

### Notas e referências bibliográficas

#### Prefácio

- 1) O fluxo migratório, iniciado nos anos 60 e intensificado a partir de 85 é tamanho que, hoje, “todas as famílias da cidade têm um parente ou amigo que é, já foi ou deseja ser um emigrante nos EUA”. SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**: Brasil - Estados Unidos. Belo Horizonte, Minas Gerais: Argvmentvm, 2009. p.67
- 2) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.57
- 3) SIQUEIRA, 2009, p.52
- 4) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.81
- 5) Em depoimento à autora em 20 de setembro de 2021.
- 6) Em depoimento à autora em 5 de julho de 2020.
- 7) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.15 e p.138
- 8) Dados da Polícia Federal referentes aos anos de 2017 a 2020, concedidos pelo delegado Daniel Siqueira em entrevista realizada no dia 26/10/21 para este livro.
- 9) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.15 - p.23

- 10) LÍGIA GUIMARÃES. **O passado rico da cidade mineira que se tornou polo de 'exportação' de imigrantes ilegais aos EUA.** BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51743342>> Acesso em 24/10/21
- 11) A Região do Rio Doce engloba 49 municípios; já a mesorregião do Rio Doce é mais abrangente, com 102 municípios. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/mesorregiao-do-vale-do-rio-doce.html>> e <https://politicaspUBLICAS.almg.gov.br/regioes/index.html?regiao=26733>> Acesso em: 24/10/21
- 12) **“Esta é ‘ValadólareS’”.** Jornal da Globo, 2001. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0..MUL905173-16021.00-ESTA+E+VALADOLARES.html>> Acesso em 27/10/21
- 13) Além da cidade que lhe dá nome, a microrregião de Governador Valadares é composta pelos municípios de: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocência, Galiléia, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Mathias Lobato, Nacip Raydan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixio, São José do Safira, São José do Divino, Sobrália, Tumiritinga, Virgolândia. (SIQUEIRA, 2009, p.15 e p.21)
- 14) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.67
- 15) Em 1942, um engenheiro estadunidense conhecido como Mister Simpson mudou-se para Governador Valadares, localizada na região do Rio Doce, no leste de Minas Gerais. Veio para trabalhar na ampliação da estrada de ferro que liga Vitória a Minas Gerais – trajeto hoje percorrido pelo minério extraído e por passageiros, sob responsabilidade da Vale. Quando as obras terminaram, Mister Simpson e sua esposa, Geraldina Simpson, permaneceram na cidade. Viveu em Governador Valadares até sua morte, em 1969. (BBC, 2020)
- 16) MARIANA SANCHES. **O que pensam os imigrantes ilegais brasileiros que apoiam Trump.** BBC News Brasil, 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54586257> > Acesso em 24/10/21
- 17) “As redes fornecem informações, indicam meios que auxiliam o processo de migração e atenuam as dificuldades no país de destino.” (SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.46)
- 18) De acordo com relatório do Ministério das Relações Exteriores, as mais expressivas concentrações da comunidade brasileira no exterior estão nos Estados Unidos, Portugal, Paraguai, Reino Unido e Japão, respectivamente. O relatório foi publicado em 20 de julho de 2021, com dados referentes ao ano de 2020. Disponível em:

<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/artigos-variados/comunidade-brasileira-no-exterior-2013-estatisticas-2020> <Acesso em 24/10/21>

- 19) **Telegrama 758/2019, do Consbras Nova York.** Acessado via Lei de Acesso à Informação pela Fiquem Sabendo”.
- 20) LUIS BARRUCHO. **57 mil detidos: número de brasileiros cruzando a fronteira do México para EUA aumenta 8 vezes em um ano e bate recorde.** BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59018135>> Acesso em 27/10/21
- 21) **Telegrama 88/2020, da Brasemb Washington.** Acessado via Lei de Acesso à Informação pela Fiquem Sabendo. De acordo com contagem posterior, este número aumentou para 977 509, de acordo com dados do site do CBP.
- 22) LUIS PABLO BEAUREGARD. **Migração bate recordes nos Estados Unidos nos primeiros meses do Governo Biden.** El país, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-21/migracao-bate-recordes-nos-estados-unidos-nos-primeiros-meses-do-governo-biden.html>> Acesso em 27/10/21
- 23) RAQUEL LOPES E RICARDO DELLA COLETTA. **Brasil aceita receber mais voos com deportados dos EUA e pede fim de uso de algemas.** Folha de S. Paulo, 2021. <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/eua-querem-triplicar-voos-com-deportados-a-o-brasil-que-pede-fim-de-uso-de-algemas.shtml>> Acesso em 27/10/21
- 24) **Telegrama 88/2020, da Brasemb Washington e Telegrama 758/2019 da Consbras Nova York.** Acessados via Lei de Acesso à Informação pela Fiquem Sabendo.
- 25) LEONARDO AUGUSTO. **Primeiro voo com brasileiros deportados dos EUA na gestão Biden chega a MG.** Folha de S. Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/primeiro-voo-com-brasileiros-deportados-do-s-eua-na-gestao-biden-chega-a-mg.shtml>> Acesso em 27/10/21
- 26) Retorno do MRE recebido em 21/10/21 para reportagem da Agência Pública de Jornalismo Investigativo. Disponível em: <<https://apublica.org/wp-content/uploads/2021/10/doc-brasileiros-indocumentados-nao-encontram-onde-morar-e-vivem-de-doacoes-nos-eua.pdf>> Acesso em 17/10/21.
- 27) CAVALCANTI, Leonardo... (et al), (org.). **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais.** BRASÍLIA: Editoria Universidade de Brasília, 2017. p.45 - p.49.
- 28) As entrevistas para este projeto foram feitas entre agosto e outubro, a maioria com pessoas que emigraram durante o período de 100 dias sem deportações, estipulado por Joe Biden

quando assumiu a presidência. Por conta disso, muitos nem tentaram antes conseguir o visto para entrar como turista, já que entrar pela fronteira era visto como garantido, mesmo que não fosse.

29) JOÃO BATISTA JR. **Próxima parada: México**. Revista Piauí, 2021. Disponível em:

<<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/proxima-parada-mexico/>> Acesso em 27/10/21

30) De acordo com o professor, a frase é do sociólogo franco-argelino Abdelmalek Sayad, que estuda a migração.

### Alienígenas, legalidades e ilegalidades

- 1) “The act of being present in the United States in violation of the immigration laws is not, standing alone, a crime. While federal immigration law does criminalize some actions that may be related to undocumented presence in the United States, undocumented presence alone is not a violation of federal criminal law”. **Criminalizing Undocumented Immigrants**. Immigrants Rights Project, 2010. Disponível em:  
<[https://www.aclu.org/sites/default/files/field\\_document/FINAL\\_criminalizing\\_undocumented\\_immigrants\\_issue\\_brief\\_PUBLIC\\_VERSION.pdf](https://www.aclu.org/sites/default/files/field_document/FINAL_criminalizing_undocumented_immigrants_issue_brief_PUBLIC_VERSION.pdf)> Acesso em 11/11/21>
- 2) Em depoimento à autora em 18 de junho de 2020.
- 3) “A criminalização das migrações se dá em diferentes contextos e escalas e envolve mecanismos jurídicos e discursivos os mais diversificados. Além de corresponder às práticas políticas de países hegemônicos que, no final do século XX, passaram a ver nas migrações uma ameaça à sua estabilidade, o processo tem relação com as agendas punitivas neoliberais contemporâneas e suas derivadas práticas carcerárias, reforçando estratégias de controle de grupos estigmatizados e novas formas de dominação racial”. Conceito “Criminalização das migrações”, Guilherme Mansur Dias e Marcia Anita Sprandel. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.153 - p.157
- 4) Criado em 2013, o OBMigra é fruto da cooperação entre o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), do então Ministério do Trabalho (MTb), e a Universidade de Brasília (UnB). Com a extinção do Ministério do Trabalho (MTb) em janeiro de 2019, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) assumiu a imigração laboral, incluindo o CNIg. Com isso o OBMigra passou a cooperar diretamente com o MJSP. A intenção do projeto é ampliar os conhecimentos sobre “a imigração internacional, a emigração brasileira para outros países e os projetos migratórios de retorno dos emigrantes brasileiros”. A coordenação é do professor Leonardo Cavalcanti, do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA-UnB).

- 5) As palavras não são necessariamente sinônimos. As pessoas envolvidas nas redes de contrabando, como em qualquer outra rede criminosa, se organizam em diferentes hierarquias. O termo “agenciador”, por exemplo, é usado para se referir a pessoas que atuam de forma mais local, cooptando interessados e explicando os trâmites da viagem. Por conta de estarem no mesmo ambiente, às vezes os termos se confundem ou são utilizados para mais de uma função. É comum que todos os envolvidos sejam chamados genericamente de “coiotes”.
- 6) **Decreto nº 5.016, de 12 de março de 2004.** Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5016.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5016.htm)> Acesso em 11/11/21
- 7) **Prevenção ao Crime e Justiça Criminal: marco legal.** UNODC. Disponível em:  
<<https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/crime/marco-legal.html>> Acesso em 11/11/21
- 8) Lei nº 13.445, de seis de outubro de 2016. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113344.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113344.htm)> Acesso em 11/11/21
- 9) Em depoimento à autora em seis de outubro de 2021.
- 10) A base se refere ao período de 2009 a 2014 e foi obtida a partir de um retorno do Departamento de Segurança Interna, órgão que assumiu a temática migratória depois do 9/11, à ONG União Americana pelas Liberdades Civis. Journalists Studio, Pinpoint, 2021.  
Disponível em:  
<<https://journaliststudio.google.com/u/3/pinpoint/search?pli=1&collection=884396a74084c6dc>> Acesso em 27/10/21
- 11) RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica.** Editora Contexto. São Paulo, 2016. 2ª edição.
- 12) Desde que o Estatuto da Criança e do Adolescente entrou em vigor, o termo “menor” é considerado inapropriado para designar crianças e adolescentes, pois tem sentido pejorativo. Ele reproduz e endossa de forma subjetiva discriminações arraigadas e uma postura de exclusão social que remete ao extinto Código de Menores. **“Por que não se deve utilizar o termo ‘menor’”.** Ministério Público do Paraná. Disponível em:  
<<https://crianca.mppr.mp.br/pagina-1504.html>> Acesso em 11/11/21
- 13) Em depoimento à autora em 24 de setembro de 2021.
- 14) NICOLE ACEVEDO. **Biden seeks to replace 'alien' with a less 'dehumanizing term' in immigration laws.** NBC News, 2021. Disponível em:

<<https://www.nbcnews.com/news/latino/biden-seeks-replace-alien-less-dehumanizing-term-immigration-laws-n1255350>> Acesso em 27/10/21

- 15) **Days After Calling Them 'Aliens', Donald Trump Takes a U-Turn, Says He 'Loves' Immigrants.** News18, 2019. Disponível em:

<<https://www.news18.com/news/world/days-after-calling-them-aliens-donald-trump-takes-a-u-turn-says-he-loves-immigrants-2196947.html>> Acesso em 27/10/21

- 16) Gregory Korte e Alan Gomez. “**Trump ramps up rhetoric on undocumented immigrants: 'These aren't people. These are animals.'**” USA TODAY, 2018. Disponível em:

<<https://www.usatoday.com/story/news/politics/2018/05/16/trump-immigrants-animals-mexico-democrats-sanctuary-cities/617252002/>> Acesso em 11/11/21

- 17) “**Donald Trump: We need to get out 'bad hombres'.**” CNN, 2016. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=AneeacsvNwU>> Acesso em 11/11/21

## De onde e do que fogem

- 1) Em depoimento à autora em 26 de setembro de 2021.

- 2) População estimada pelo IBGE. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>> Acesso em 11/11/21

- 3) Dados da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. 2013, Belo Horizonte. Disponível em

<<https://politicaspUBLICAS.almg.gov.br/regioes/index.html?regiao=26733>> Acesso em: 21/10/21

- 4) BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta.** 1ª edição, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

- 5) **Foto chocante de menino morto revela crueldade da crise migratória.** G1, 2015.

Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>> Acesso em 18/11/21

- 6) **Telegrama nº 237/2018 do Consbras Houston.**

- 7) Em depoimento à autora em 20 de setembro de 2021

- 8) **Telegrama nº 470/2021 da Brasemb Washington.**

- 9) Nationwide Encounters. **U. S. Customs and Border Protection.** Disponível em:

<<https://www.cbp.gov/newsroom/stats/nationwide-encounters>> Acesso em 18/11/21

- 10) Número não considera só brasileiros. **Telegrama nº 1.517/2020 da Brasemb Washington.**

- 11) 1 734 686 migrantes foram presos tentando entrar nos Estados Unidos pela fronteira Sul no ano fiscal de 2021. Destes, 655 594 eram mexicanos. Disponível em:  
<<https://www.cbp.gov/newsroom/stats/southwest-land-border-encounters>> Acesso em 18/11/21
- 12) O termo encontros abrange as apreensões e inadmissões pelo Título 8 (geral, sobre alienígenas e nacionalidade), e expulsões pelo Título 42 (justificativa sanitária, por conta da pandemia de covid-19). Os dados incluem o processamento de imigrantes encontrados na Fronteira Norte, Sul e pelo país, seja em transporte pelo ar, terra ou mar. Disponível em:  
<<https://www.cbp.gov/newsroom/stats/nationwide-encounters>> Acesso em 19/11/21
- 13) O dado exato é 1 956 519, referente ao ano fiscal de 2021.
- 14) **Número de mortos por terremoto no Haiti passa de 2.100; país registra novo abalo.** G1, 2021. Disponível em:  
<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/19/numero-de-mortos-por-terremoto-no-haiti-passa-de-2100-pais-registra-novo-abalo.ghtml>> Acesso em 19/11/21
- 15) EILEEN SULLIVAN E ZOLAN KANNO-YOUNGS. **Images of Border Patrol's Treatment of Haitian Migrants Prompt Outrage.** New York Times, 2021. Disponível em:  
<<https://www.nytimes.com/2021/09/21/us/politics/haitians-border-patrol-photos.html>> Acesso em 19/11/21
- 16) **Enviado de Biden para o Haiti se demite em protesto contra expulsão de imigrantes.** Valor Econômico, 2021. Disponível em:  
<<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/09/23/enviado-de-biden-para-o-haiti-se-demite-em-protesto-contr-expulso-de-imigrantes.ghtml>> Acesso em 19/11/21
- 17) FLÁVIA MANTOVANI. **Estupros, afogamentos, roubos: haitiana conta o que viu na perigosa selva a caminho dos EUA.** Folha de S. Paulo, 2021. Disponível em:  
<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/10/estupros-afogamentos-roubos-haitiana-conta-o-que-viu-na-perigosa-selva-a-caminho-dos-eua.shtml>> Acesso em 24/10/21
- 18) **¿Por qué los haitianos se van de Chile?.** Podcast El Hilo, 2021. Disponível em:  
<<https://elhilo.audio/podcast/migrantes-haiti/>> Acesso em 24/10/21
- 19) **Convenção de 1951.** ACNUR. Disponível em:  
<<https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>> Acesso em 19/11/21
- 20) **Protocolo de 1967.** ACNUR. Disponível em:  
<[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD\\_Legal/Instrumentos\\_Internacionais/Protocolo\\_de\\_1967.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967.pdf)> Acesso em 19/11/21

- 21) Conceito “Grave e generalizada violação de direitos humanos”, por Liliana Lyra Jubilut. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.362 - p.366
- 22) **ACNUR parabeniza Brasil por reconhecer condição de refugiado de venezuelanos com base na Declaração de Cartagena**. ACNUR, 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/07/29/acnur-parabeniza-brasil-por-reconhecer-condicao-de-refugiado-de-venezuelanos-com-base-na-declaracao-de-cartagena/>> Acesso em 19/11/21
- 23) **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm)> Acesso em 19/11/21
- 24) LAÍÍS ALEGRETTI. **Não é só efeito da pandemia: por que 19 milhões de brasileiros passam fome**. BBC News Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57530224>> Acesso em 24/10/21
- 25) **'Osso é vendido, e não dado': placa é retirada de açougue após fiscalização em SC**. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/10/08/placa-de-acougue-de-sc-sobre-venta-de-osso-e-retirada-apos-fiscalizacao.ghtml>> Acesso em 24/10/21
- 26) **Procon vai multar Extra por discriminação e método vexatório de cobrança após entrega de bandeja sem carne em SP**. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/19/procon-vai-multar-extra-por-discriminacao-e-metodo-vexatorio-de-cobranca-apos-entrega-de-bandeja-sem-carne-em-unidades-de-s-p.ghtml> > Acesso em 24/10/21
- 27) COSTA, Flávio. 20 de outubro de 2021. Twitter: @flaviocosta. Disponível em: <https://twitter.com/flaviocostaf/status/1447247936841203715>> Acesso em 19/11/21
- 28) DARLAN ALVARENGA E DANIEL SILVEIRA. **Desemprego recua para 14,1% no 2º trimestre, mas ainda atinge 14,4 milhões, aponta IBGE**. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/31/desemprego-fica-em-141percent-no-2o-trimestre-diz-ibge.ghtml> > Acesso em 24/10/21
- 29) Todo movimento migratório, necessariamente, envolve um local de origem e um local de destino. Os indivíduos que deixam uma localidade serão considerados como seus emigrantes, enquanto aqueles que chegam ao local serão os imigrantes. A diferença entre os imigrantes e os emigrantes de cada localidade representa sua migração líquida, também denominado de saldo migratório. Conceito “Migração”, por Marden Barbosa de Campos. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.453 - p.455

- 30) Em comparação aos dados anteriores, de 2018, houve um aumento de 16%. Em 10 anos, o aumento foi de 36%. FERNANDO NAKAGAWA. **Número de brasileiros no exterior cresce e chega a 4,2 milhões**. CNN Business, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/numero-de-brasileiros-no-externo-cresce-e-chega-a-42-milhoes/> > Acesso em 24/10/21
- 31) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.157
- 32) A mão de obra nativa, com uma organização de classe fortalecida, recusa trabalhos de baixo status, alta rotatividade, e contratos inseguros e mal remunerados, o que abre espaço para os migrantes. Os migrantes não concorrem com trabalhadores nativos. (SIQUEIRA, 2009. p. 44)
- 33) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.58
- 34) Em depoimento à autora em 15 de setembro de 2021.
- 35) Em depoimento à autora em 27 de setembro de 2021.
- 36) Em depoimento à autora em 23 de setembro de 2021.

### De geração em geração

- 1) Em depoimento à autora em 26 de setembro de 2021.
- 2) HAMED ALEAZIZ. **Biden Is Dropping Trump's Policy Of Immediately Expelling Unaccompanied Immigrant Children At The Border**. BuzzFeed News, 2021. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/hamedaleaziz/biden-unaccompanied-immigrant-children-border> > Acesso em 19/11/21
- 3) Em depoimento à autora em 28 de setembro de 2021.
- 4) Do original, em inglês: “Felons, not families. Criminals, not children. Gang members, not a mom who’s working hard to provide for her kids”. 20/12/14. Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/11/20/remarks-President-address-nation-immigration> > Acesso em 18/10/21
- 5) Em depoimento à autora em oito de outubro de 2021.
- 6) Conceito “Criminalização das migrações”, Guilherme Mansur Dias e Marcia Anita Sprandel. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.153 - p.157
- 7) CORNELIUS, 2004
- 8) HYATT, S. B. **Policy worlds: anthropology and the analysis of contemporary power**. New York, Berghahn Books, 2011. p.106

## No meio do caminho tinha o México

- 1) **Muro que separa EUA do México será estendido 100m para dentro do mar.** BBC, 2011. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111202\\_muro\\_eua\\_rp](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111202_muro_eua_rp)> Acesso em 19/11/21
- 2) Fonte oficial do governo brasileiro em terras mexicanas afirmou em depoimento à autora em 23 de setembro de 2021.
- 3) ICYMI: Detroit Sector Border Patrol agents thwarted a human smuggling attempt last week involving 4 Brazilian nationals. Details via @CBPGreatLakes: <http://bit.ly/39cQhy5>. Great Lakes, 23 de março de 2020. Twitter:@CBP. Disponível em: <<https://twitter.com/CBP/status/1242649163004817408>> Acesso em 19/11/21
- 4) **Trump insiste que México deve pagar por muro na fronteira.** Poder 360, 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/trump-insiste-que-mexico-deve-pagar-por-muro-na-fronteira/>> Acesso em 22/11/21
- 5) **Telegrama nº 671/2020 de Brasemb Washington.**
- 6) **Proclamação presidencial 9844 e Telegrama nº 671/2019 d3 Brasemb Washington.**
- 7) **Telegrama nº 671/2020 de Brasemb Washington.**
- 8) **No 1º dia, Biden interrompe construção de muro e ordena volta ao Acordo de Paris; veja lista de decretos.** Folha de S. Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/no-1o-dia-biden-deve-interromper-construcao-de-muro-e-voltar-a-oms-veja-lista-de-decretos.shtml>> Acesso em 22/11/21
- 9) **Telegrama nº 990/2019 de Brasemb Washington.**
- 10) **Telegrama nº 990/2019 de Brasemb Washington, Telegrama nº 220 de Brasemb Guatemala e Telegrama 225 de Brasemp Guatemala.**
- 11) **México deixará de exigir visto de turista brasileiro a partir de 16 de maio.** G1, São Paulo. 24 de abril de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/04/mexico-deixara-de-exigir-visto-de-turista-brasileiro-partir-de-16-de-maio.html>> Acesso em 06/11/21
- 12) **México volta a exigir visto de turistas brasileiros.** Viagem e Turismo, 2021. Disponível em: <<https://viagemeturismo.abril.com.br/mundo/mexico-volta-a-exigir-visto-de-turistas-brasileiros/>> Acesso em 06/11/21

- 13) Existem também voos que partem do Brasil e pousam em outras cidades mexicanas, como Cancún e Guadalajara. Não necessariamente todos os migrantes vão em rumo a Ciudad de México, mas este é o trajeto mais comum.
- 14) Em depoimento à autora em seis de outubro de 2021 para este livro.
- 15) Conceito “Indústria das Migrações”, por Ninna Nyberg Sørensen. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.404 - p.409
- 16) Doutora em antropologia. Pesquisadora principal e chefe de departamento do Instituto Danés de Estudos Internacionais.
- 17) Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Coordenadora do Migraidh, Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional, e Cátedra Sérgio Vieira de Mello da UFSM.
- 18) Conceito “Controle de Fronteiras”, por Giuliana Redin. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.135 - p.138
- 19) BAUMAN, Zygmunt. 2017. p.28 - p. 34
- 20) Em depoimento à autora em três de setembro de 2021.
- 21) Conceito “Controle de Fronteiras”, por Giuliana Redin. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.135 - p.138

### Procura-se, vivo ou morto

- 1) Tradução livre em português: “Olá, como estão? Bom dia a todos. Estamos na fronteira entre Tijuana e Tecate”.
- 2) Colectivo Somos Todos Erick Carrillo. !!imágenes Fuertes!! México, 24 de setembro de 2021. Facebook. Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/TodosSomosErickCarrillo/videos/238124634923015/>>
- 3) Tradução livre em português: “As imagens são muito fortes”.
- 4) **O que é MPP?**. Conecta, ACNUR, 2021. Disponível em:  
<<https://conecta.acnur.org/pt/o-que-e-mpp-2/>> Acesso em 23/11/21
- 5) American Immigration Lawyers Association, associação existente desde 1946.
- 6) **Featured Issue: Migrant Protection Protocols (MPP)**. AILA Doc. nº 19091660. Atualizado por último em 18/11/21. Disponível em:  
<<https://www.aila.org/advo-media/issues/all/port-courts>> Acesso em 22/11/21
- 7) Em entrevista, Heloísa Galvão explicou que o Grupo Mulher Brasileira percebeu a necessidade de desmentir com frequência informações falsas que circulavam entre as

comunidades migrantes. “Agora por exemplo que houve essa possibilidade de ser incluído no orçamento do país uma medida que daria legalização, um caminho para a cidadania para milhões de migrantes, tinha muita informação errada e mentirosa na comunidade. As pessoas acreditam, porque elas não querem ouvir o que a gente fala. A gente fala a verdade, elas querem ouvir o que elas precisam ouvir para manter a vida delas, os pés no chão, para todo dia ter uma razão para levantar da cama”.

8) **In A Blow To Democrats, Senate Official Blocks Immigration Reform In Budget Bill.**

Disponível. NPR, 2021.

em: <<https://www.npr.org/2021/09/19/1038776731/in-a-blow-to-democrats-senate-official-blocks-immigration-reform-in-budget-bill>> Acesso em 26/10/21

9) FELIPE DE LA HOZ E GABY DEL VALLE. **Border reopens to tourism, but asylum seekers are left out—11-12-21.** Border/Lines, 2021. Disponível em:

<<https://borderlines.substack.com/p/border-reopens-to-tourism-but-asylum>> Acesso em 22/11/21

10) **Telegrama nº 671/2020 de Brasemb Washington.**

11) FELIPE DE LA HOZ E GABY DEL VALLE. **GOP officials ramp up campaign centered on border fear-mongering—10-08-21.** Border/Lines, 2021. Disponível em:

<<https://borderlines.substack.com/p/gop-officials-ramp-up-campaign-centered>> Acesso em 22/11/21

## Burritos na cadeia

- 1) O número de refeições e os pratos oferecidos nas detenções migratórias podem variar de estado para estado ou mesmo entre as detenções.
- 2) Os dados de encontros se referem aos imigrantes apreendidos ou inadmitidos por meio do Título 8 (sobre imigração de modo geral); e imigrantes expulsos por meio do Título 42 (sobre a emergência sanitária). Os dados estão disponíveis para a fronteira terrestre do Norte, do Sul, e em todo o país (ou seja, meios de transporte aéreo, terrestre e marítimo). **Nationwide Encounters.** CBP. Disponível em:

<<https://www.cbp.gov/newsroom/stats/nationwide-encounters>> Acesso em 14/11/21

3) **Bracero Program.** UNCO. Disponível em:

<[https://www.unco.edu/colorado-oral-history-migratory-labor-project/pdf/Bracero\\_Program\\_PowerPoint.pdf](https://www.unco.edu/colorado-oral-history-migratory-labor-project/pdf/Bracero_Program_PowerPoint.pdf)> Acesso em 14/11/21

- 4) **Visto H2-A.** Governo dos Estados Unidos da América. Disponível em:  
 <<https://visahelp.us.com/pt/h2a/>>;  
 <<https://www.farmers.gov/working-with-us/h2a-visa-program>> e  
 <<https://www.farmers.gov/working-with-us/h2a-visa-program>> Acesso em 14/11/21
- 5) **Telegrama nº 830/2020 de Brasemb Washington.**
- 6) Andorra; Argentina; Austrália; Áustria; Barbados; Bélgica; Brasil; Brunei; Bulgária; Canadá; Chile; Colômbia; Costa Rica; Croácia; República Checa; Dinamarca; República Dominicana; Equador; El Salvador; Estônia; Etiópia; Fiji; Finlândia; França; Alemanha; Grécia; Granada; Guatemala; Honduras; Hungria; Islândia; Irlanda; Israel; Itália; Jamaica; Japão; Kiribati; Letônia; Liechtenstein; Lituânia; Luxemburgo; Macedônia; Madagascar; Malta; Moldávia; México; Mônaco; Montenegro; Nauru; Holanda; Nicarágua; Nova Zelândia; Noruega; Panamá; Papua Nova Guiné; Peru; As Filipinas; Polônia; Portugal; Romênia; San Marino; Sérvia; Cingapura; Eslováquia; Eslovênia; Ilhas Salomão; Matola - Moçambique; Coreia do Sul; Espanha; São Vicente e Granadinas; Suécia; Suíça; Taiwan; Tailândia; Timor-Leste; Tonga; Turquia; Tuvalu; Ucrânia; Uruguai; Vanuatu. Disponível em:  
 <<https://visahelp.us.com/pt/h2a/>> Acesso em 14/11/21
- 7) O número de postos excede o de vistos concedidos, pois diferentes estabelecimentos agrícolas podem contratar os mesmos trabalhadores. **Telegrama nº 830/2020 de Brasemb Washington.**
- 8) **Immigration History.** Disponível em:  
 <<https://immigrationhistory.org/item/the-flores-settlement/>> Acesso em 14/11/21
- 9) **Telegrama nº 1169/2019 de Brasemb Washington**
- 10) Ao longo da apuração, me deparei com a utilização das palavras “asilos” e “refúgio” como se fossem sinônimos. Uma das explicações levantadas pelos entrevistados foi a diferença do significado dos termos jurídicos nos diferentes países. Nos EUA, se diz “asylum” para o que no Brasil é chamado de “refúgio”. No sistema brasileiro, o refúgio se dá a partir da existência de um risco no país de origem, causado por condições mais amplas. Sua aprovação é feita por órgão técnico a partir de análise do caso. Já o asilo é político e concedido pelo presidente a aliados internacionais. Muitos imigrantes brasileiros, por não conhecerem a língua inglesa e os detalhes jurídicos, traduzem “asylum” para “asilos”. Eles sabem a definição do que buscam (refúgio), mas existe a confusão nos termos. Neste projeto decidi utilizar os termos a partir das definições na lei brasileira.

- 11) O dado leva em conta o período de 2012 a 2016. **Apenas 2% dos brasileiros conseguem asilo para viver nos EUA.** Folha de S. Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/amp/mundo/2018/07/apenas-2-dos-brasileiros-conseguem-asilo-para-viver-nos-eua.shtml>> Acesso em 14/11/21
- 12) **Flores Vs Reno Settlement.** AILA. Disponível em: <<https://www.aila.org/infonet/flores-v-reno-settlement-agreement>> Acesso em 14/11/21
- 13) **Pais de 445 crianças separadas na fronteira dos EUA ainda não foram localizados.** G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/08/pais-de-445-criancas-separadas-na-fronteira-dos-eua-ainda-nao-foram-localizados.ghtml>> Acesso em 14/11/21
- 14) De acordo com a classificação do CBP, Indivíduos em unidades familiares (Individuals in a Family Unit, FMUA, em inglês) são contabilizados como as pessoas adultas que entram em família, ou seja, não solteiras (Single Adults, SA). Além dessa categoria, existem as crianças acompanhadas (Accompanied Minors, AM) e desacompanhadas (Unaccompanied Children (UC)/Single Minors).
- 15) **Telegrama nº 88/2019 de Brasemb Washington.**

## Depois do deserto

- 1) Conceito “Distinção Social”, por Márcio de Oliveira e Cristina Teixeira. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.238 - p.242
- 2) Conceito “Adaptação (de estrangeiro)”, por Alline Pedra Jorge Birol. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.45 - p.49
- 3) “A primeira fase (habitualmente curta) constitui um período de euforia (ou encantamento) que tem a ver com a emoção da viagem, da nova terra e das novas pessoas. A segunda fase é a fase de choque. É quando começa a vida real no novo ambiente. A terceira fase, de aculturação de fato, inicia-se quando o estrangeiro aprende gradualmente a funcionar nas novas condições e nas novas regras (...) e finalmente se integra na nova rede social. Finalmente, a quarta fase constitui o estado de estabilidade mental”. Ward, Bochner e Furnham (2001)
- 4) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.93
- 5) Em depoimento à autora em 17 de junho de 2020.
- 6) Em depoimento à autora em 24 de setembro de 2021.

- 7) “Os Valadarenses se dirigem, com maior frequência, para Framingham, Danbury e Newark”. SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.48. e p.64
- 8) Conceito “Fronteira”, por José Lindomar C. Albuquerque. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p. 340 - p.345
- 9) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.46
- 10) Conceito “Distinção Social”, por Márcio de Oliveira e Cristina Teixeira. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.238 - p.242
- 11) Gloria Anzaldúa, 1987; Nelson Canclini, 2000.
- 12) Conceito “Fronteira”, por José Lindomar C. Albuquerque. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p. 340 - p.345
- 13) BAUMAN, Zygmunt. 2017. p.14
- 14) ECO, Umberto. **Migração e Intolerância**. 1932-2016. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020. p.28
- 15) GUIMARÃES, A. S. A. **A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos)**. São Paulo: Tempo Social, 2001. v.13, n. 2, p. 121-142
- 16) ALINE DJOKIC. **Colorismo: o que é, como funciona**. Portal Geledés. Disponível em: [<https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>](https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/) Acesso em 23/11/21
- 17) Branca, preta, parda, amarela e indígena. IBGE. Disponível em: [-<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>](https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html) Acesso em 23/11/21
- 18) SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre amor e cor**. Salvador: EDUFBA:2018. p.68
- 19) SCHUCMAN, Lia Vainer. 2018. p.44
- 20) “Ser branco não é uma condição metafísica, nem tampouco se relaciona diretamente – como nos Estados Unidos – à eurodescendência. Não. Ser branco no Brasil é uma condição pela qual, a partir de um estado primeiro, definido pelo fenótipo, as pessoas adquirem privilégios simbólicos e materiais. A branquitude é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras, repito: não tem significado intrínseco, mas apenas significados socialmente construídos”. SCHUCMAN, Lia Vainer. 2018. p.60
- 21) NOGUEIRA, O. **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. 79.

- 22) Em grupos ligados a movimentos sociais, como movimentos de mulheres e de trabalhadores migrantes, existe uma tentativa de aproximação com a latinidade e outros grupos migrantes latinos, como explicou a professora em entrevista.

### Aqui é pra trabalhar

- 1) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.38
- 2) “O trabalhador imigrante não tem outra identidade senão a de trabalhador, e sua existência é atribuída por essa identidade”. Conceito “ Adaptação (de estrangeiro)”, por Alline Pedra Jorge Birol. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.45 - p.49
- 3) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.58
- 4) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.44
- 5) BAUMAN, Zygmunt. 2017. p.49 - p.68
- 6) LAURA SCOFIELD. **Brasileiros indocumentados não encontram onde morar e vivem de doações nos EUA**. Agência Pública de Jornalismo Investigativo, 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/10/brasileiros-indocumentados-nao-encontram-onde-morar-e-vivem-de-doacoes-nos-eua/> Acesso em 23/11/21
- 7) Nomes exatamente como escritos no Facebook: Ajuda Comunitaria USA Oficial; Brasileiros em Boston Network; Ajuda Comunitária Newark, NJ e Região!;   Ajuda Comunitária Brasileiros nos Estados Unidos  ; Ajuda Comunitaria Brasileiros nos EUA; Negocios e Empregos Brasileiros na Florida; AJUDA COMUNITARIA NEWARK NJ e Regiao; Ajuda Comunitaria Brasileira; BRASILEIROS em DANBURY-CT e REGIÃO; Brasileiros nos EUA/Brazilians in the USA; Brasileiros em Newark; AJUDA COMUNITARIA BOSTON; Brasileiros DO SUL DA FLORIDA; AJUDA COMUNITARIA FLORIDA; Ajuda Comunitaria De Framingham E Região; Ajuda Comunitaria Danbury CT; Brasileiros em Houston Texas - Brazilian in Houston Tx; Brasileiros Danbury CT; ajuda comunitaria maryland,DC,VA; Ajuda Comunitaria Long Branch; Saindo do Brasil: Estados Unidos; Brasileiros Na Florida; BRASILEIROS EM HOUSTON (Trabalho e Moradia); Classificados: Brasileiros em Houston; Ajuda Comunitária para Brasileiros no Texas; Brazilians in Houston // Brasileiros em Houston; ajuda comunitária Elizabeth official usa
- 8) A contagem de membros de todos os grupos citados foi feita no dia 23 de novembro de 2021.
- 9) Em depoimento à autora em sete de outubro de 2021.
- 10) SIQUEIRA, SUELI. 2009. p.58
- 11) Em depoimento à autora em 23 de junho de 2020.

- 12) Estimativa da Liga de Cidadãos Latino-Americanos Unidos (LULAC) referente a meados de 2020. Disponível em:  
 <[https://lulac.org/news/pr/LULAC\\_Responds\\_To-Trump\\_Administration\\_Declaring\\_Meat\\_Plants\\_Critical\\_Infrastructure/](https://lulac.org/news/pr/LULAC_Responds_To-Trump_Administration_Declaring_Meat_Plants_Critical_Infrastructure/)> Acesso em 13/07/20
- 13) LAURA SCOFIELD. **Em meio à pandemia, brasileiros indocumentados nos EUA se viram para sobreviver e evitam hospitais por medo da polícia e dos custos.** Agência Pública de Jornalismo Investigativo, 2020. Disponível em:  
 <<https://apublica.org/2020/07/em-meio-a-pandemia-brasileiros-indocumentados-nos-eua-se-viram-para-sobreviver-e-evitam-hospitais-por-medo-da-policia-e-dos-custos/>> Acesso em 23/11/21
- 14) SKY CHADDE. **Tracking Covid-19’s impact on meatpacking workers and industry.** Investigate Midwest, 2020. Disponível em:  
 <<https://investigatamidwest.org/2020/04/16/tracking-covid-19s-impact-on-meatpacking-workers-and-industry/>> Acesso em 23/11/21
- 15) SKY CHADDE. **COVID-19 cases, deaths in meatpacking industry were much higher than previously known, congressional investigation shows.** Investigate Midwest, 2021. Disponível em:  
 <<https://investigatamidwest.org/2021/10/28/covid-19-cases-deaths-in-meatpacking-industry-were-much-higher-than-previously-known-congressional-investigation-shows/>> Acesso em 23/11/21
- 16) **South Dakota food plant temporarily closes after workers test positive for COVID-19.** Fox News, 2020. Disponível em:  
 <<https://video.foxnews.com/v/6149139081001#sp=show-clips>> Acesso em 23/11/21
- 17) ALBERT SAMAHA e KATIE J. M. BAKER. **SMITHFIELD Foods Is Blaming “Living Circumstances In Certain Cultures” For One Of America’s Largest COVID-19 Clusters.** BuzzFeed News, 2020. Disponível em:  
 <<https://www.buzzfeednews.com/article/albertsamaha/smithfield-foods-coronavirus-outbreak>> Acesso em 23/11/21
- 18) *Schedule* é como as mulheres que trabalham com limpeza denominam a lista de casas que faxinam de forma fixa, ou seja, a lista de clientes fixas com as quais trabalham. As imigrantes vendem e compram *schedules* entre elas, sem que as clientes “vendidas” saibam disso. Quando uma imigrante pretende sair do ramo ou pausar a atuação por algum motivo, ela vende seu *schedule* para outra, que apresenta às clientes. A imigrante que compra o *schedule*

o faz sem a certeza de que as clientes vão aceitá-la, mas o compromisso de ser apresentada e a possibilidade de passar a faxinar aquelas casas é vendido. As mulheres compram e vendem schedules de forma constante. Uma das entrevistadas, que vive indocumentada nos Estados Unidos há 20 anos, contou que está no 3º schedule. “Aqui você compra [o *schedule*], o brasileiro passa de um pro outro e vende. Aí eu comprei o primeiro, e vendi por questão de família, eu tive os meus filhos e fiquei em casa um tempo. Depois eu comprei o segundo, aí eu engravidei de novo e passei pra frente, fiquei mais um tempo em casa. Depois eu comprei o que eu tenho agora. Esse de agora já tem mais de 10 anos. Trabalho com essas pessoas há mais de 10 anos. Gosto muito deles, eles me tratam super bem”.

- 19) **Guidelines for the Enforcement of Civil Immigration Law Department of Homeland Security**, 2021. Disponível em: <https://www.ice.gov/doclib/news/guidelines-civilimmigrationlaw.pdf> Acesso em 23/11/21
- 20) FELIPE DE LA HOZ E GABY DEL VALLE. **Administration releases long-awaited ICE enforcement guidelines—10-01-21**. Border/Lines, 2021. Disponível em: <https://borderlines.substack.com/p/administration-releases-long-awaited> Acesso em 23/11/21
- 21) No Vale do Rio Doce e em alguns países da América Central, as remessas de emigrantes representam parcela significativa da renda nacional. Porém, elas “por si só não são fatores de desenvolvimento local ou regional, se não ocorrer atuação do poder público e de outras instituições sociais no sentido de auxiliar o emigrante a fazer o difícil percurso de volta para casa”. SIQUEIRA, Sueli. 2017. p. 13 - p.18
- 22) SVETLANA CEROVIC e KIMBERLY BEATON. **Migração e remessas na América Latina e Caribe: Fuga de cérebros e estabilização econômica**. IMF Blog, 2017. Disponível em: <https://www.imf.org/external/lang/portuguese/np/blog/2017/062917p.pdf> Acesso em 23/11/21
- 23) Conceito “Cuidado Transnacional”, por Tânia Tombati. **Dicionário Crítico de Migrações Internacionais**, 2017. p.164 - p.171

### Epílogo: Nem depois da morte

- 1) Burro ou mula, depende do sexo do animal, que não pôde ser identificado pela imagem.
- 2) Em conversa por escrito via WhatsApp em seis de outubro de 2021.
- 3) De acordo com matéria de 2020 em vídeo publicada pelo jornal Diário do Rio Doce. Disponível em: [https://youtu.be/lv\\_GhEuV1po](https://youtu.be/lv_GhEuV1po) Acesso em 26/11/21

- 4) MARCELLE SOUZA. **Migração de brasileiros para EUA via México aumenta 6,5 vezes em um ano.** CNN Brasil, 2021. Disponível em:  
<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/migracao-de-brasileiros-para-eua-via-mexico-aumenta-65-vezes-em-um-ano/>> Acesso em 26/11/21
- 5) NATÁLIA OLIVEIRA. **Mineiro morre em Cancún e família pede ajuda para trazer corpo para o Brasil.** O Tempo, 2021.  
<<https://www.otempo.com.br/cidades/mineiro-morre-em-cancun-e-familia-pede-ajuda-para-trazer-corpo-para-o-brasil-1.2482058>> Acesso em 26/11/21
- 6) **Família de Marquinho Silveira faz campanha para custear cremação do corpo nos EUA.** Diário do Rio Doce, 2021. Disponível em:  
<<https://drd.com.br/familia-de-marquinho-silveira-faz-campanha-para-custear-cremacao-do-corpo-nos-eua/>> Acesso em 26/11/21